



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Biblioteconomia

Caroline Lago de Carvalho

Incentivo e mediação da leitura em biblioteca escolar:
um estudo sobre as iniciativas do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil
(INDI)

Brasília
2015

Caroline Lago de Carvalho

Incentivo e mediação da leitura em biblioteca escolar:
um estudo sobre as iniciativas do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil
(INDI)

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito necessário para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ivette Kafure

Brasília

2015



Título: Incentivo e Mediação da Leitura em Biblioteca escolar: Um estudo sobre as iniciativas do Instituto Nacional de Desenvolvimento Infantil (INDI).

Aluna: Caroline Lago de Carvalho

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 18 de Novembro de 2015.

Ivette Kafure Muñoz - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Murilo Bastos – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Dulce Maria Baptista – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da informação

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, Pai e Amigo maior, que me sustentou e capacitou em toda a jornada acadêmica;

À professora Ivette Kafure, pela orientação e condução, por acreditar e compartilhar tanto as ideias quanto as dificuldades e problemas do meu percurso, estimulando e apoiando esse estudo.

Aos meus pais Jesi Ventura e Maria da Cruz pelo incentivo e apoio incondicionais, em especial à minha mãe pelas noites de acompanhamento na finalização e revisão desse trabalho.

À minha irmã Jéssica e meu cunhado Lucas pelo apoio e cumplicidade.

Ao Levi por estar sempre presente dando força e me fazendo acreditar. Te amo!

Aos queridos amigos, Ana Kelly Lameira, Caio Rios e Vanessa Rodrigues que, de maneiras diversas, me incentivaram e apoiaram nesta trajetória.

À equipe pedagógica do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil, em especial Júlia Passarinho, Lia, Suzana Bolis, à professora Juliana Maria e à bibliotecária Maryne Medeiros e sua equipe, por abrirem as portas a esse estudo cooperando com presteza às necessidades decorrente dele.

Ao professor Waldomiro Vergueiro que prontamente atendeu ao pedido de entrevista, proporcionando um enriquecimento não apenas da pesquisa, mas especialmente pessoal, profissional.

Instrui o menino no caminho em que deve andar, e,
até quando envelhecer, não se desviará dele.

Provérbios 22.6

RESUMO

Na Sociedade da Informação, a leitura, além de um aspecto de desenvolvimento pessoal e cultural, adquire um valor social, pois permite a inserção do homem em toda a dinâmica dessa sociedade prioritariamente letrada. Negar ao indivíduo o pleno usufruto dos benefícios da leitura, em seu aspecto cognitivo e social, significa negar-lhe o pleno exercício de sua cidadania. Tendo isso em vista, o intuito do presente estudo de caso, por meio de observação e entrevistas, foi descrever as estratégias utilizadas no Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI) para incentivar e mediar a leitura, partindo de um questionamento sobre como a escola e a biblioteca podem atuar na formação de leitores na sociedade contemporânea. A leitura ocupa um lugar de destaque na vida da instituição, em atividades que vão do simples contato e manuseio do livro a um grande evento como o Fest Livro, da criança mais nova, no primeiro nível escolar, à mais velha, que já está indo para o Ensino Médio. Assim, pretende-se contribuir tanto para a visibilidade do trabalho realizado pela escola nesta seara, quanto para a compilação e apresentação das iniciativas de incentivo e mediação à comunidade acadêmica nas áreas de Ciência da Informação, Educação, e a todos quantos desejarem trabalhar para a democratização deste bem cultural que é a leitura.

Palavras-chave: Leitura. Mediação. Hábito de leitura. Biblioteca Escolar. Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil. Cinema. História em Quadrinhos.

ABSTRACT

In the information society, reading, besides an aspect of personal and cultural development, takes on a social value because it allows the insertion of man in all the dynamics of this society, which is priority literate. Deny the individual the full enjoyment of the benefits of reading in their cognitive and social aspect, is the same of deny him the full exercise of their citizenship. In view of this, the purpose of this case study, by observation and interviews, was to describe the strategies used in Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI) to encourage and mediate the reading, starting from a question about how the school and the library can act in the formation of readers in contemporary society. Reading occupies a prominent place in the life of INDI, in activities that ranging from the simple contact and book handling to a big event like the Fest Livro (Book), from the youngest child in the first grade level, to the older, which is already going for high school. Thus, the intend here is to contribute to both: the visibility of the work done by the school in this endeavor; and for the compilation and presentation of incentive initiatives and mediation to the academic community in the areas of Information Science, Education, and to all who wish to work for democratization of this cultural asset that is reading.

Keywords: Reading. Mediation. Reading habit. School library. Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil. Cinema. Comics.

LISTA DE ABREVIATURAS

- HQs - História em Quadrinhos
- INAF - Indicador de Analfabetismo Funcional
- INDI - Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Combinados da turma.....	45
Figura 2: Quadro de grupos de atividade.....	46
Figura 3: Centros de conhecimento.....	46
Figura 4: Sala de aula do Fundamental I.....	47
Figura 5: Conversa com o autor.....	53
Figura 6: Mural sobre a obras do autor.....	53
Figura 7: Pátio da escola na reinauguração da Gibiteca.....	54
Figura 8: Mensagem de um autor homenageado pela escola.....	54
Figura 9: Palco da biblioteca.....	59
Figura 10: Cantinho da leitura.....	59
Figura 11: Panorâmica da biblioteca.....	60
Figura 12: Mural de orientação à pesquisa.....	61
Figura 13: Gibiteca.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Mediação da leitura.....	64
Quadro 2: Filme, livro e história em quadrinhos na mediação da leitura.....	65
Quadro 3: Importância da leitura.....	66
Quadro 4: Formação do leitor.....	67
Quadro 5: Biblioteca escolar.....	68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2. JUSTIFICATIVA	14
1.3. OBJETIVOS	15
2. REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1. UMA NOVA ESCOLA	16
2.1.1. Contexto histórico	18
2.1.2. Bases teóricas	19
2.1.3. Método natural de alfabetização.....	23
2.2. LEITURA E MEDIAÇÃO	25
2.2.1. O ato de ler	25
2.2.2. Mediação da leitura	31
2.2.3. As diferentes linguagens na formação do leitor	36
3. METODOLOGIA	42
3.1. INSTITUIÇÃO PESQUISADA	43
3.2. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	47
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	48
4.1. RESULTADOS	48
4.2. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	70
5. CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	75
ANEXO A - ENTREVISTAS	78
APÊNDICE A – Relato do Diário de Bordo	134

APÊNCIDE B – QUESTIONÁRIO	136
APÊNDICE C – TERMOS DE CONSENTIMENTO	138

1. INTRODUÇÃO

Segundo Jorge Werthein (2000), a sociedade da informação é caracterizada pela mudança dos paradigmas técnico-econômicos, isto é, pelas “transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação”.

O valor dado à força braçal passou a ser atribuído à “força intelectual”. A informação torna-se, portanto, a força que move a economia, mas não apenas ela, as relações culturais e sociais são também afetadas por essa transformação.

Como consequência natural, a leitura, além de um aspecto de desenvolvimento pessoal e cultural, adquire um valor social, pois permite a inserção do homem em toda a dinâmica dessa nova sociedade, prioritariamente letrada.

Tendo isso em mente, Caldin (2003) critica duramente a falta de acesso ao livro e à leitura, e a conseqüente incapacidade do indivíduo iletrado em participar ativamente de uma sociedade que privilegia a escrita – portanto a leitura – afirmando ser isso, além de “uma falha no processo de socialização do indivíduo”, um desrespeito à dignidade humana, e a esse ponto a autora acrescenta: “as classes trabalhadoras encontram-se em desvantagem para produzir e expressar suas ideias porque não tiveram o direito de ser leitoras” (CALDIN, 2003, p. 53).

Essa disparidade entre letrados (dominadores) e iletrados (dominados) pode ser constatada até mesmo na visão que cada um tem da leitura, como expõe Soares:

[...] os valores da leitura sempre apontados são aqueles que lhe atribuem as classes dominantes, radicalmente diferentes dos que lhe atribuem as classes dominadas. Pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes veem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a veem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida (SOARES, 1988. p. 21).

De fato, não são esses os benefícios da leitura? Quem poderia negá-lo? Apenas aqueles que não a experimentam em toda sua potencialidade. A pura alfabetização, isto é, o simples ensino da decodificação do código alfabético, sem que haja um processo de letramento ou mediação, promove essa disparidade. Rouba aos “dominados” a possibilidade de conhecer os valores da leitura.

A questão não se agrava apenas no campo da leitura da palavra, como acusa João Alegria:

A cidadania no século XXI requer um grau de conhecimento que até agora poucos de nós tem. Que requer do indivíduo que saiba ler os produtos de mídia e que seja capaz de questionar suas estratégias. Isso envolveria capacidades que vão além do que foi considerado alfabetização em massa na época da mídia impressa. [...] Eu

sugiro que a alfabetização em mídia é mais necessária do que nunca, precisamente porque ela é fundamental para a construção de identidades, o senso de nós mesmos no mundo e nossa capacidade de agir dentro dele (SILVERSTONE, 2002, p. 58 *apud* ALEGRIA, 2009, p. 193).

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Percebe-se assim uma dupla necessidade: em primeiro lugar, a ampliação da compreensão do ato de ler, e em segundo, o conhecimento de ações que promovam o gosto pela leitura.

Partindo dessas questões, o presente trabalho pretende responder à pergunta: Como a escola e a biblioteca podem atuar na formação de leitores na sociedade contemporânea?

1.2. JUSTIFICATIVA

É nessa busca que o trabalho se justifica, entendendo que os bibliotecários, especialmente aqueles que atuam em bibliotecas escolares, são responsáveis, juntamente aos educadores, não apenas pela facilitação do acesso à leitura, mas principalmente por promover o encontro com a experiência da leitura em todo seu alcance, pessoal e social.

Com esse objetivo, a pesquisa se estrutura em duas etapas: a primeira, destinada à formulação de um corpo teórico (revisão de literatura) que fundamente um entendimento da leitura condizente com a Sociedade da Informação, apoiando-se na Linguística, Comunicação, Psicologia e, é claro, na Ciência da Informação. E a segunda etapa consiste na pesquisa em si, onde é apresentado o estudo de caso realizado no Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI), como uma forma de exceder a teoria, trazendo um estímulo ao demonstrar ser plenamente possível tornar real e prático aquilo que, muitas vezes, só se observa na literatura especializada.

A instituição em referência foi escolhida por possuir uma atividade notável em torno da leitura, assim, pretende-se contribuir tanto para visibilidade do trabalho realizado pela escola nesta seara, especialmente por não haver nenhuma publicação acadêmica que tenha lançado sobre a escola o olhar aqui proposto, quanto para a compilação e apresentação das iniciativas de incentivo e mediação à comunidade acadêmica nas áreas de Ciência da Informação, Educação e a todos quantos desejarem trabalhar para a democratização deste bem cultural que é a leitura.

A presente monografia constitui-se de dois capítulos iniciais onde se apresenta a revisão de literatura: o primeiro trata de uma explanação sobre o movimento da Escola Nova,

cujo eco chegou ao Brasil e influenciou a forma como educadores e instituições lidam com o processo educativo, inclusive a escola que constitui o estudo de caso da presente pesquisa. O segundo capítulo trata da leitura e mediação, nos aspectos já citados acima.

Em sequência, está o capítulo destinado à metodologia, onde se apresenta, além dos aspectos metodológicos, a escola de maneira geral, sua estrutura organizacional e pedagógica.

Parte-se então para a descrição e análise dos dados, contendo a apresentação dos resultados da pesquisa, onde foram identificadas as ações voltadas à leitura que a escola pratica, seguida da análise e confronto desses resultados com o arcabouço teórico formulado anteriormente na revisão de literatura. Por fim são tecidas as conclusões e apontamentos de trabalho futuros.

1.3. OBJETIVOS

- Objetivo geral:

Descrever as estratégias utilizadas pelo Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil para incentivar o hábito da leitura.

- Objetivos específicos:

- a) Compreender a amplitude da leitura;
- b) Evidenciar a importância da mediação da leitura;
- c) Perceber a relação entre a prática pedagógica do INDI e o incentivo à leitura;

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura pode ser entendida como o conjunto de premissas sobre as quais se fundamenta uma pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 224),

A finalidade da pesquisa científica não é apenas um relatório ou descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um caráter interpretativo, no que se refere aos dados obtidos. Para tal, é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando-se por um modelo teórico que serve de embasamento às interpretações do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados.

As autoras destacam ainda a importância da revisão ao dizer que “a citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite salienta a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes”, além de evitar “duplicação de esforços e ‘descoberta’ de ideias já expressas” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 225).

Nesse sentido, com vista a fundamentar a presente pesquisa, buscou-se a literatura referente à trajetória histórica e teórica do movimento “Escola Nova”, por ser a raiz do modelo filosófico escolar que influenciou as práticas pedagógicas da escola pesquisada, bem como a literatura sobre leitura e mediação da leitura.

2.1. UMA NOVA ESCOLA

Cada sociedade tem seu conjunto de pressupostos, de valores e entendimentos específicos acerca das pessoas e suas atividades, da família, da justiça, entre outros. E são estes que determinam os modos de ser e fazer de cada sociedade.

A infância, por exemplo, ao contrário do que se possa pensar, não se trata de uma ideia que sempre existiu, ela foi criada num momento específico, a partir de uma mudança no pensamento da sociedade. Philippe Ariès em seu livro “História social da criança e da família” observa que “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecía a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (ARIÈS, 1981, p. 50).

Outra questão se refere à idade de ingresso na escola. Segundo o autor, não existem muitas referências precisas quanto à idade em que as crianças medievais entravam na escola, e

atribui essa ausência documental a uma provável falta de importância desta informação para o ingresso à instituição.

O elemento psicológico essencial dessa estrutura demográfica era a indiferença pela idade daqueles que a compunham: ao contrário, a preocupação com a idade se tornaria fundamental no século XIX e em nossos dias. Podemos constatar, entretanto, que os alunos iniciantes geralmente tinham cerca de 10 anos. Mas seus contemporâneos não prestavam atenção nisso e achavam natural que um adulto desejoso de aprender se misturasse a um auditório infantil, pois o que importava era a matéria ensinada, qualquer que fosse a idade dos alunos (ARIÈS, 1981, p. 166).

A escola, portanto, se configurava de modo muito diferente do que vemos hoje. Como mostra Ariès (1981), a ideia de se separar as crianças do mundo adulto veio se dar somente a partir do século XV e de forma mais forte na Modernidade.

Da mesma forma, a escola Moderna se erigiu sob o peso de ideias completamente diversas das medievais. A esse respeito, Paula Sibilia (2012) aponta que a escola desse período tinha como principal objetivo subsidiar os ideais modernos de igualdade, fraternidade e democracia. Para isso, começou a empreender esforços no sentido de educar os cidadãos de forma que todos pudessem participar deste projeto, a modernidade.

Era preciso alfabetizar cada habitante da nação no uso correto do idioma pátrio, por exemplo, ensinando-o a se comunicar com seus contemporâneos e com as próprias tradições por meio da leitura e da escrita. Além disso, era necessário instruir todos para que soubessem fazer cálculos e lidar com os imprescindíveis números. Em suma, um conjunto de aprendizagens úteis e práticas... por último, embora não menos essencial, era preciso treinar os homens do futuro nos usos e costumes ditados pela virtuosa “moral laica” desfraldada pela burguesia triunfante (SIBILIA, 2012, p. 17).

Como visto nessa breve retrospectiva histórica, os modos de pensar e fazer a educação ocorreram conforme o entendimento social de cada época. O movimento que fez surgir a Escola Nova em âmbito mundial, o Manifesto dos Pioneiros da Educação em âmbito nacional e, por conseguinte, a filosofia norteadora da prática pedagógica do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI), foram resultados também de uma série de transformações sociais que impulsionaram os educadores a buscar novos caminhos, não somente com relação a meios e recursos tradicionalmente utilizados, mas para amplas questões que se envolvam e interfiram nos processos educacionais, tais como fatores histórico-culturais, biológicos e condições da vida social.

Este capítulo se dedica a identificar esse conjunto de circunstâncias que forneceram subsídio para a filosofia pedagógica do INDI e, portanto, o envolvimento desta instituição com a leitura.

2.1.1. Contexto histórico

O cenário que deu impulso ao movimento da Escola Nova se apresenta no século XIX, época em que houve um “considerável aumento do número de escolas [...] pela extensão de ideias políticas e necessidades econômicas” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 61).

Entretanto, devido a falta de estudos sistemáticos acerca de questões relacionadas a infância, as reflexões acerca do processo educativo não acompanharam imediatamente esse crescimento.

Nos graus inferiores continuam os alunos a aprender rudimentos da leitura, escrita e aritmética; nos demais, a memorizar lições de que muitas vezes não chegavam a compreender o conteúdo. De modo geral, a ordem nas classes era obtida sob o temor de castigo inclusive castigos físicos (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 61).

A situação começou a mudar em consequência da própria expansão das instituições escolares, uma vez que passavam a receber crianças com os mais diversos costumes, condições de saúde e tendências. Seus procedimentos didáticos já não eram suficientes para atender da demanda de tão diverso público (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 63).

Começou-se então uma busca por entender esses diversos sujeitos, bem como as condições favoráveis e desfavoráveis à aprendizagem.

Lourenço Filho elenca uma série de disciplinas que foram surgindo em decorrência desse novo interesse pela criança e seu desenvolvimento, e que resultaram na criação de uma didática experimental: pedologia, antropologia pedagógica, biologia educacional, psicopedagogia, psicologia evolutiva ou das idades, psicologia da aprendizagem, das diferenças individuais, além de estudos em campos especiais – a “psicologia dos anormais”, das matérias de ensino, da personalidade.

Formava-se um campo teórico e científico em torno do educando e dos processos de ensino e aprendizagem.

Segundo Lourenço Filho (2002), com o passar do tempo, as questões educacionais ultrapassaram o limite dos problemas da didática e da pura preocupação com os procedimentos e recursos didáticos, e chegaram ao âmbito das técnicas sociais, à consciência da necessidade de se alcançar novos objetivos através da escola e por fim, chegaram à compreensão de que os recursos educativos estão dentro de um processo mais amplo, e que exigia, portanto, uma visão igualmente ampla dos campos de influência na vida do educando, como família, instrução religiosa, questões econômicas e outros.

2.1.2. Bases teóricas

Muitos foram os pensadores, defensores e aplicadores dos ideais da Escola Nova, com algumas diferenças em suas proposições e metodologias de trabalho, mas todos fundamentados no entendimento de que profundas modificações precisavam ser realizadas no fazer e no ser educacional.

Foi assim com o poeta hindu Rabindranath Tagore, que após estudos na Inglaterra, fundou em Bolpur a chamada Casa da Paz, onde, apesar de viver sob o sistema de castas, ensinava a “jovens desvalidos” e defendia mudanças sociais com vistas a modificar o mundo.

A melhor educação não é a que nos informe sobre as coisas, mas a que nos harmonize com tudo quanto existe no mundo [...] A mais importante tarefa da educação continua abandonada: frustra-se a criança, retirando-se dela a vida e dando-se-lhe em substituição elementos áridos de informação (TAGORE *apud* LOURENÇO FILHO, 2002 p. 241).

O filósofo e educador norte americano John Dewey corrobora esse pensamento ao enfatizar a importância de uma educação a partir da experiência da criança, de sua vivência. Segundo o autor, “educação é vida e não para a vida”, ou seja, não é uma etapa para se atingir um fim no futuro; ela é um processo contínuo que deve ter sentido e ser vivo no presente. Lourenço Filho e Mendonça (2014) apontam que

A estrutura central da pedagogia de Dewey consiste em uma educação prática, baseada na aprendizagem pela experiência, permitindo que o educando construa e reconstrua o conhecimento partindo de situações que lhe são comuns no cotidiano, ou seja, de elementos lógicos e concretos para a sua percepção, presentes na sua vivência cultural (LOURENÇO FILHO; MENDONÇA, 2014, p. 4).

Anísio Teixeira, em sua exposição sobre a pedagogia de Dewey, afirma que uma das grandes contribuições do autor para a educação foi o retorno a um equilíbrio entre a educação não formal, adquirida naturalmente na vida do indivíduo, e a educação formal, adquirida na escola “integrando a aprendizagem obtida através de um exercício específico a isto destinado (escola), com a aprendizagem diretamente absorvida nas experiências sociais (vida)” (DEWEY, 1967, p. 21).

F. W. Sanderson, diretor da escola de Oundle na Inglaterra, segundo aponta Lourenço Filho, apesar de não ter deixado obra sistematizada, teve grande influência por meio de suas observações, as quais abriram novos caminhos à organização escolar e investigação psicológica.

O regime de competição deve ser substituído pelo de colaboração. Todo e qualquer aluno pode encontrar interesse nos vários ramos de ensino. A questão cifra-se em que o mestre saiba descobrir esse interesse, compreendendo que qualquer trabalho executado sem prazer será estéril (SANDERSON *apud* LOURENÇO FILHO, 2002 p. 243).

Observa-se nessa frase como o foco do “erro” ou da “incapacidade” muda de ator. O educador é responsável por proporcionar ambiente favorável ao aluno para que este aprenda e se desenvolva. A partir desse entendimento o aluno deixa de ser mero observador que realiza tarefas por obrigação, ele é levado a envolver-se pelo prazer da atividade. Segundo o autor, “a força de uma escola e de sua influencia social dependerá do zelo e do entusiasmo que consiga despertar em cada um dos alunos de que se componha” (SANDERSON *apud* LOURENÇO FILHO, 2002 p. 244).

Neste ponto, Lourenço Filho chama a atenção para o fato de estar aí se esboçando o princípio da “individualização” do ensino, isto é, do respeito às características individuais dos alunos, bem como o princípio de “iguais oportunidades a todos”, o que é bastante revolucionário, tendo em vista o contexto de Revolução Industrial e produção em massa que se vivia à época.

O mundo novo com que sonhamos não virá enquanto não renunciarmos à ideia de conquista territorial ou de engrandecimento egoísta de nosso império. Não virá o mundo novo, enquanto os homens não se imbuírem de novos princípios e da ideia de que a concorrência, tanto entre indivíduos como entre povos, é sempre funesta; de que as conquistas representam injustiça; de que a colaboração é que significa a ordem e o direito (SANDERSON *apud* LOURENÇO FILHO, 2002 p. 244).

Sanderson também é radicalmente contra o emprego de punições, classificando-as como crime e pecado, o que foi um passo inovador em relação a alguns de seus contemporâneos que, ou não se posicionaram a esse respeito, ou mantiveram a prática.

Vale citar, neste ponto, um dos objetivos estabelecidos no Método Natural de Aprendizagem criado pela professora Maria de Lourdes Pereira da Silva, décadas mais tarde, em que se percebe a influência destes princípios preconizados por Sanderson. Trata-se de “obter disciplina natural decorrente da ocupação interessada”. Isto é, elimina-se a punição, empregada para alcançar a disciplina, por meio da ação positiva de levar o aluno “a encontrar interesse nos vários ramos de ensino”, tornando assim o trabalho executado fértil.

Sobre esse nível de interesse Dewey (1967) afirma que ele só acontece se a atividade “tiver um lugar apropriado na expansão natural da consciência da criança; se nascer naturalmente das atividades, dos pensamentos e dos próprios sofrimentos da criança”, caso contrário, é forçoso e não atinge seu objetivo máximo.

Outro nome importante e bastante influente mencionado por Lourenço Filho (2002), foi o do educador escocês Cecil Reddie. Suas ideias básicas eram bem semelhantes às de Sanderson. Ele defendia que a escola “não deveria ser um meio artificial, separado da vida,

mas um pequenino mundo real, prático, que pusesse o aluno tanto quanto possível, em contato com a natureza e a realidade das coisas” (LOURENÇO FILHO, 2002 p. 245)

A solução dele para as falhas encontradas no sistema tradicional dos colégios secundários foi a criação, em 1889, da *The New-School*, situada em uma propriedade rural em Abbotsholme, Reino Unido. Por essa ideia de uma escola que proporcionasse uma vivência completa, a escola de Reddie era em sistema de internato, de modo que fosse possível reproduzir a vida no lar, mas ainda com a presença de um professor, que era responsável por um pequeno grupo de alunos.

Reddie foi o primeiro a denominar sua instituição de Escola Nova, e a partir dele muito outros foram seguindo e aprimorando ou adaptando sua ideia.

A influência de Reddie, segundo Lourenço Filho, alcançou diversos países da Europa, inclusive a Alemanha, por meio de Hermann Lietz e seus colaboradores, Gustavo Wineken e Paulo Geheeb, que mais tarde acabaram cada um abrindo suas próprias escolas, e desenvolveram ainda mais as ideias de Cecil Reddie.

Toda a vida orgânica e, sobretudo, a dos organismos mais desenvolvidos, realiza-se em ação associada de seres masculinos e femininos. Por isso, um quarto de crianças (*Kinderstube*) ou jardim de infância, ou uma escola que separe artificialmente essas partes do mundo infantil, ou dos jovens, e que necessariamente se completam, representam um pecado contra a natureza. Ou, em outros termos: a relação entre os dois sexos, seu trato recíproco, é um problema de educação que se apresenta não só na idade adulta como também na infância, o qual em cada época adquire forma mais precisa e complexa (GEHEEB *apud* LOURENÇO FILHO, 2002 p. 248).

Esse trecho demonstra a valorização de uma vivência escolar que reproduza a vida em sociedade fora da escola em todas as suas relações. A preocupação com a formação de um indivíduo completo, pronto para estar na fábrica, na família, em sua comunidade religiosa, é uma constante no pensamento e no fazer da Escola Nova.

Segundo Lourenço Filho e Mendonça (2014), Dewey fala sobre a escola ser uma “comunidade em miniatura” ou uma “sociedade embrionária” e aqui não se trata de um sistema de internato como Reddie e os outros educadores supracitados pensaram. Ele se refere à forma como a escola envolve o aluno por meio de atividades que tenham sentido vivo e prático na vida deles, enfatizando sempre o valor da experiência, afinal, para Dewey, educação é justamente isso, “processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras” (DEWEY, 1967, p. 17).

A esse respeito, Anísio Teixeira esclarece: “a escola não deve ser a oficina isolada onde se prepara o indivíduo, mas o lugar onde numa situação real de vida, indivíduo e sociedade constituam uma unidade orgânica” (DEWEY, 1967, p. 28).

Por fim, sintetizam-se aqui os princípios gerais da Escola Nova:

- 1- Respeito à personalidade do educando e reconhecimento de que deverá ele dispor de liberdade.

Cada educando há de desenvolver-se segundo suas próprias capacidades e recursos, por ação e esforço individual. O impulso vital exprime uma exigência de criação, que deverá resultar numa síntese de ordem dinâmica ou funcional, só possível de realizar-se pelo indivíduo *no indivíduo*, como ser unitário, que harmonize tendências e conflitos [...] Em consequência as relações entre mestre e aluno hão de modificar-se. Longe está essa ideia, no entanto, da de abandono do educando, porque o abandono implicaria na negação mesma da ação intencional de educar (LOURENÇO FILHO, 2002 p. 356).

- 2- Compreensão funcional do processo educativo, quer sob o aspecto individual, quer social. Neste sentido, as atividades estão em função do contexto e não o contrário.

Esse processo se dá no tempo, por crescimento e maturação, que possibilitam formas crescentemente mais elevadas de expressão de vida, com harmonia e eficiência; e elas envolvem aquisições só possíveis pela experiência do educando [...] Todos os sistemas insistem no valor da *atividade*, não em si mesma, como fim, mas visando os fins que o educando gradualmente a si mesmo se proponha [...] Admitida essa dinâmica, a ação educativa deverá utilizar as situações de jogo e atividades livres, embora nelas não se contenha. A expressão lúdica é um ponto de partida, pela qual os impulsos ou interesses se coordenam em propósitos a mais longo termo, ligados a projetos que exigem observação, análise, generalização, aquisição enfim dos quadros da vida sócia. Assim, o interesse ensinará a disciplina e o esforço. De qualquer forma aprender-se-á a fazer fazendo, e a pensar pensando, em situações definidas (LOURENÇO FILHO, 2002 p. 357).

- 3- Compreensão da aprendizagem simbólica em situações de vida social, isto é, ela acontece a partir da vida do educando e se completa na própria vida dele.

Uma situação qualquer de ensino é sempre de cooperação social [...] Para que o educando chegue a afirmar a sua própria personalidade, terá necessariamente de adquirir algo que lhe seja pessoal, ou existencial, mas também algo que seja comum, de que com outros compartilhe [...] Por origem, função e destino, a educação é um processo social (LOURENÇO FILHO, 2002 p. 357).

- 4- Reconhecimento de que as características de cada indivíduo são variáveis, segundo a cultura familiar, seus grupos de vizinhança, de trabalho, recreação, vida cívica e religiosa e, portanto, devem ser observadas e respeitadas.

Ninguém poderá negar que há diferenças individuais de natureza biológica que se refletem na expressão de cada pessoa. Tais diferenças, no entanto, são mais de *possibilidade de desenvolvimento* que mesmo de *qualificação essencial* quanto a aquisições possíveis, de ordem intelectual e moral [...] A escola nova confia nas possibilidades de um desenvolvimento intelectual e moral, resultante das oportunidades de educação que a todos possam ser oferecidos com igualdade (LOURENÇO FILHO, 2002 p. 358).

2.1.3. Método natural de alfabetização

Essas novas ideias chegam ao Brasil e se consolidam no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido em 1932 por expressivos nomes da época, como Anísio Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, Raul Briquet, Cecília Meirelles, dentre outros. Seu objetivo era propor uma reconstrução educacional, desde a Escola (educação infantil, ensino fundamental e médio) até a Universidade, trazendo responsabilidade a todos os agentes envolvidos no processo educativo, a saber: família, Estado, escola e sociedade.

Seguem alguns trechos do referido documento que demonstram a conformidade entre os princípios da Escola Nova e o movimento que se iniciava no país.

A nova doutrina, que não considera a função educacional como uma função de superposição ou de acréscimo, segundo a qual o educando é “modelado exteriormente” (escola tradicional), mas uma função complexa de ações e reações em que o espírito cresce de “dentro para fora”, substitui o mecanismo pela vida (atividade funcional) e transfere para a criança e para o respeito de sua personalidade o eixo da escola e o centro de gravidade do problema da educação (O MANIFESTO..., 2006, p.195).

A escola, vista desse ângulo novo que nos dá o conceito funcional da educação, deve oferecer à criança um meio vivo e natural, ‘favorável ao intercâmbio de reações e experiências’, em que ela, vivendo a sua vida própria, generosa e bela de criança, seja levada ao trabalho e à ação por meios naturais que a vida suscita quando o trabalho e a ação convém aos seus interesses e às suas necessidades (O MANIFESTO..., 2006, p. 196).

Nessa nova concepção da escola, que é uma reação contra as tendências exclusivamente passivas, intelectualistas e verbalistas da escola tradicional, a atividade que está na base de todos os seus trabalhos, é a atividade espontânea, alegre e fecunda, dirigida à satisfação das necessidades do próprio indivíduo (O MANIFESTO..., 2006, p.195).

Influenciada por toda essa corrente, a educadora e psicóloga Heloisa Marinho, junto a uma equipe de trabalho, da qual fazia parte a professora Maria de Lourdes¹, publicou o livro “Vida, educação e leitura: método natural de alfabetização” onde é apresentada uma metodologia de ensino da leitura e da escrita fundamentada na linguagem oral e gráfica da criança.

Não se pretende aqui realizar uma explanação aprofundada acerca do método, mas selecionar alguns pontos relevantes concernentes à visão geral que o sustenta, pois refletem diretamente na forma de se lidar com os diversos aspectos da leitura.

Marinho relembra, em primeiro lugar, a importância de o trabalho da escola envolver a vida do aluno, não se limitando a uma instrução distante da realidade dele. Corroborando com

¹ A professora Maria de Lourdes, cujo nome foi dado à biblioteca do INDI, foi a supervisora e mais próxima influenciadora de Júlia Passarinho na criação da referida escola.

os pensadores da Escola Nova a autora reitera que a educação deve ser “para a vida pela própria vida” (MARINHO, 1987, p. 11).

Dessa forma, a leitura e a escrita devem emanar da própria criança, é a sua linguagem natural que direciona as ações do alfabetizador, que atuam sempre no sentido do incentivo, na promoção de um ambiente favorável à descoberta. Marinho ilustra como esse processo pode se dar:

Para educar a criança, a mãe não precisa de exercícios formais artificialmente seriados pela lógica do adulto. Bastam incentivos: na *atividade livre* a criança descobre por iniciativa própria o seu mundo e seus amigos. *Brincando aprende a trabalhar* [...] Na sua *atividade livre a criança constrói conhecimentos, hábitos de trabalho* [...] Quando várias crianças participam da mesma atividade, a educação social naturalmente surge da necessidade do auxílio mútuo (MARINHO, 1987, p. 11,12, grifo da autora).

Na vida diária, as palavras impressas não podem substituir a linguagem oral. Para chamar a mãe ausente a criança pequena não precisa de palavras impressas. Palavras são chaves de pensamento. A magia da linguagem transforma paus e pedras em brinquedos da atividade livre criadora... Palavras impressas nenhuma função exercem (MARINHO, 1987, p. 10)

A autora fala ainda sobre a importância do meio social para desenvolvimento da linguagem. Segundo ela, a pobreza de vivências sociais atrasa a aprendizagem da escrita e da leitura. Não havendo estímulos do meio, a criança não estabelece associações e tem mais dificuldade em desenvolver a comunicação. É na convivência que a aprendizagem acontece.

Nesse sentido, a escola deve proporcionar à criança um ambiente ofereça liberdade de expressão artística e emocional, uma vez que “a necessidade afetiva de atenção e carinho, proporcionam os assuntos da linguagem oral” (MARINHO, 1987, p. 17); experiências que evoquem a curiosidade, e mostrem na prática a necessidade da ampliação do repertório:

Livros coloridos, convites, histórias ditadas pelas crianças e escritas pela professora demonstram a utilidade da escrita em conservar e transmitir o pensamento, servem para despertar na turma a vontade de ler. Não basta a maturidade, é necessário que a criança sinta necessidade de aprender (MARINHO, 1987, p. 17)

2.2. LEITURA E MEDIAÇÃO

Fabiano dos Santos, ao falar sobre o papel de um agente de leitura, afirma que “seu objetivo não é desenvolver atividades pedagógicas com leituras funcionais e instrumentais, mas *despertar o interesse e gosto pela leitura de maneira crítica e inventiva*” (SANTOS, 2009, p. 45, grifo nosso). Essa fala muito se assemelha ao que Dewey e tantos outros teóricos da Escola Nova defendiam em relação à educação.

É interessante notar essa aproximação e perceber que as orientações a respeito da mediação e do incentivo à leitura passam por um protagonismo do papel do leitor como centro desse processo, e isso não foi sempre assim – da mesma forma como nem sempre o aluno foi protagonista na educação.

Segundo Góes (1996), nos primórdios da leitura a ênfase estava no autor ou no contador, os ouvintes ou leitores recebiam tudo de forma passiva. Com o passar do tempo, o foco foi se voltando mais para o receptor, uma maior importância começou a ser dada a ele e hoje há uma valorização muito grande daquele que irá ler ou para o qual a leitura se faz. Em seu livro “Olhar de Descoberta”, a autora demonstra uma preocupação com a interação do sujeito na leitura, sendo esta fruto de sua própria vida, ou, como a autora denomina, do “Leitor Sujeito”, que imagina, que cria a leitura a partir de sua vivência e experiência com outros textos.

Com vista a uma maior percepção dessas e de outras questões relativas à leitura, o presente capítulo destina-se a buscar caminhos na literatura que apontem para uma visão ampliada do ato de ler, de modo a subsidiar ações mais eficientes no que tange ao incentivo e à mediação.

2.2.1. O ato de ler

Entendendo que a leitura, seja em sentido amplo (leitura de mundo), seja no estrito (leitura da palavra), não pode ser compreendida fora do âmbito da linguagem e, conseqüentemente, da comunicação, buscar-se-á apoio teórico, principalmente, com os linguistas Ezequiel Theodoro da Silva e Eni Pulcinelli Orlandi, e com o jornalista, professor e pesquisador José Marques de Melo.

Eni Pulcinelli Orlandi (1988) conduz a discussão sobre a leitura dentro da perspectiva da análise do discurso, mais especificamente no que tange à constituição dos processos de significação, isto é, de produção de sentidos.

A esse respeito, Silva (1981 p. 61) acrescenta dizendo que a comunicação de sentidos entre os homens é sempre mediada pela expressão dos signos presentes nas diferentes linguagens (oral, escrita, corporal, etc.), sobre as quais explica:

[...] assim é que a busca, o processamento e a criação de informações são sempre realizados através de um tipo específico de linguagem. Por sua vez, a postura comunicacional do ser humano apresenta como pré-requisito a compreensão linguística em seus aspectos denotativo e conotativo; é exatamente este pré-requisito que permite ao homem chegar ao significado das coisas do mundo para si e voltar-se ao outro a fim de comunicá-las, através de expressões referenciais (SILVA, 1981, p. 62).

Em sua argumentação, Melo afirma que, no contexto comunicacional, a leitura vai além do “universo da palavra escrita” e traz ainda o conceito formulado por Maria Helena Martins: “[a leitura é] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem” (MARTINS, 1982 *apud* MELO, 1988, p. 102).

Tendo isso em vista, a leitura, a princípio e em sentido bastante amplo, pode ser compreendida como o processo cognitivo pelo qual um homem decifra essas linguagens, passando a responder ao estímulo delas e, conseqüentemente, daquele que as produziu.

Segundo Orlandi (1988), no ato da leitura, mais do que produzir sentido, participa-se de um processo sócio-histórico, pois, como a autora demonstra, todos os envolvidos – emissor/autor, destinatário/leitor e mensagem – no processo da comunicação são dotados e afetados mutuamente pela historicidade do outro. A compreensão de cada um desses elementos dentro dessa perspectiva faz-se fundamental para qualquer ação que se pretenda no campo da leitura, portanto, é necessário debruçar-se por um instante sobre esses partícipes do ato de ler.

a) O leitor (destinatário)

Segundo Orlandi (1988), o leitor não é um ente abstrato e vazio, antes, é um ser histórico e cultural, afetado pela sua inscrição no social e dotado da capacidade de produzir sentidos.

Para essa compreensão a autora lança mão das funções enunciativo-discursivas do sujeito na emissão (locutor, enunciador e autor):

- Locutor: o “eu” no discurso;
- Enunciador: a perspectiva com que esse “eu” se apresenta;
- Autor: a função que o “eu” assume enquanto produtor de linguagem. É a dimensão do sujeito mais determinada pela relação com o social (ORLANDI, 1988, p. 61).

Baseada nessas definições estabelecidas por Ducrot e Foucault, Orlandi apresenta a correspondência dessas funções, agora na perspectiva da recepção (alocutário, destinatário e leitor):

- Alocutário: o “tu” a quem o locutor se dirige;
- Destinatário: o “outro” na perspectiva do enunciador, sendo o “leitor ideal”, fruto do imaginário do “eu”;
- Leitor: aquele que se assume como tal na prática da leitura, constituído de uma ordem social e lugar específicos, é, por correspondência, também a dimensão do sujeito mais determinada pela relação com o social (ORLANDI, 1988, p. 61).

Tendo posto isso, o leitor que se pretende para fins deste trabalho não pode ser visto como o “leitor ideal” ou como o “tu” a quem o autor se dirige, pois trazem em si uma carga de unilateralidade, onde não há uma relação de comunicação a ser estabelecida, apenas de reflexão ou projeção.

A função da recepção que aqui interessa é a do leitor, isto é, aquele que está na dimensão que se relaciona com o externo, com o social, dotado de sentimentos e percepções próprios de sua historicidade, a respeito do qual a autora fala:

Isto se dá de tal modo que não é do alocutário (do “tu”) ou do destinatário (do “leitor ideal”) mas do leitor (inscrito no social) que se cobra um modo de leitura (coerência, unidade etc.). Dessa forma, na produção de leitura, ele entra com as condições que o caracterizam sócio-historicamente. Ele terá, assim, sua identidade de leitura configurada pelo seu lugar social e é em relação a esse “seu” lugar que se define a “sua” leitura (ORLANDI, 1988, p. 62).

b) O autor (emissor)

José Marques de Melo (1988) chama a atenção para o pensamento comum de que a leitura se dá apenas no campo da recepção, isto é, no momento em que o leitor decodifica a mensagem. Entretanto, ele leva à percepção de que, se assim fosse, excluir-se-ia a natureza interativa do processo de comunicação. Para ele, portanto, a preocupação com leitura deve começar na emissão, uma vez que, “só poderá ser lido se for legível”. Nesse sentido, “somente se completará a experiência comunicativa se a mensagem a ser emitida contiver ingredientes *simbólicos* e *culturais* capazes de suscitar a atenção do receptor potencial e conduzi-lo à sua leitura (apreensão e compreensão)” (MELO, 1988, p.101, grifo do autor).

O autor se refere a Paulo Freire ao falar da vinculação entre leitura do mundo e a leitura da palavra, sendo a primeira pressuposto para a segunda, e acrescenta:

Por mais que a decodificação (leitura) de uma mensagem exija um esforço concentrado na linguagem utilizada, para permitir a apreensão do significado pelo receptor, na verdade a sua compreensão só se concretiza através da sintonização com o universo cultural de que se valeu o emissor e que possui componentes extralinguísticos, vale dizer histórico-contextuais (MELO, 1988, p. 102).

Toda experiência comunicacional, por mais elementar que seja, estriba-se no binômio emissão-recepção da mensagem. O cerne desse processo está na configuração daquele “campo de experiência” (cf. Schramm, 1972) que torna factível a interação social, possibilitando o diálogo entre pessoas ou viabilizando a aquisição de informações por grupos ou coletividades (MELO, 1988, p. 100).

Percebe-se aqui a questão da historicidade do emissor retratada por Orlandi, a qual será retomada mais à frente quando for tratado sobre a mediação.

c) A mensagem

Voltando à questão da produção de sentidos, Orlandi (1988, p. 59) afirma que o cerne “está no modo de relação (leitura) entre o dito e compreendido”. Pode-se inferir, portanto, que a leitura é o processo pelo qual se confere sentido a um código, uma mensagem, e isso feito por meio do estabelecimento de uma relação entre o que foi emitido e o que foi recepcionado.

Nesse sentido, quando não for estabelecida uma relação entre o dito (emitido) e o compreendido (recepcionado), entende-se que não haverá uma leitura, conseqüentemente, não ocorrerá comunicação. A veracidade dessa colocação pode ser observada quando, por exemplo, um brasileiro, não alfabetizado em mandarim, entra em contato com alguma informação escrita nessa língua. Não é estabelecida relação, não há evocação de sentido, não há leitura, apenas observação de códigos.

A mensagem, uma vez que é produzida por outro sujeito social, histórico-cultural, também é dotada de uma carga cultural, fazendo-se necessário que aquele que lê esteja ambientado ao meio contextual no qual o código se expressa.

Orlandi sintetiza o ato de ler na relação autor-texto-leitor (emissor-mensagem-destinatário) da seguinte forma:

O acontecimento-leitura poderia, então, ser escrito da seguinte forma: diante de um texto, um sujeito x está afetado pela sua historicidade e se relaciona com o texto por alguns pontos de entrada, que tem a ver com a historicidade do texto e a sua. Como o texto não é transparente em sua matéria significativa, há um efeito de “refração” em relação à sua (do leitor) história de leituras, efeito esse que é função da historicidade do texto (sua espessura, sua resistência). Assim se dá o processo de produção dos sentidos, de forma a que o sujeito-leitor se apodere e intervenha no legível (ORLANDI, 1988, p. 71).

Nesse primeiro momento buscou-se a apresentação de uma perspectiva mais genérica acerca da leitura, a qual será resgatada em diversos momentos adiante. Entretanto, não se pode deixar de lado a abordagem mais explícita e tradicional que é a leitura da palavra.

Nesta seara, Silva (1981) lança seu olhar sobre a relação do ato de ler com o ato de escrever em sua origem. Segundo o autor, a escrita é criada como alternativa à limitação da linguagem oral.

“Há uma evolução da fala através dos tempos. A aparição de técnicas novas (para o registro da fala) multiplica o seu alcance, abrindo-lhe dimensões inéditas que transformam a estrutura mesma da existência. O homem deixou de ser o homem que fala e se tornou o ser que escreve e que lê” (GUSDORF *apud* SILVA, 1981, p. 62).

Não se trata, portanto, de uma simples mudança na forma de expressão, e sim de profundas mudanças estruturais, que afetarão todo o decorrer da história do homem.

O mundo da oralidade é caracterizado por um homem que fala e ouve, por uma sociedade cuja comunicação se dá pelo contato pessoal, “olho no olho”, onde o diálogo, a discussão de ideias se dá no “aqui e no agora”.

Por outro lado, o mundo da escrita produz um homem e, portanto, uma sociedade completamente diversa daquela, onde o fluxo de informações é muito mais rápido e vai muito mais longe, com simultaneidade.

Saber ler nessa nova sociedade significa “ter acesso a um mundo distinto daquele em que a oralidade se instala e se organiza. A leitura passa a ser então uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas” (SILVA, 1981, p. 63-64). Ela ganha um valor de poder, um sentido de inclusão e um sentimento de pertencimento.

A escrita e a leitura trouxeram mudanças na cultura, na comunicação e na relação entre as pessoas, bem como transformações na própria auto-imagem do homem e na reflexão sobre si mesmo, como explana o autor:

O ato de escrever (simbolizar) permite ao outro compartilhar do que vi; o ao ler (compreender) compartilho daquilo que o outro viu - é nesse *situar-me contínuo* que se coloca toda a busca do meu SER. Sou mais ser-ao-mundo através da comunicação e, portanto, da leitura (SILVA, 1981, p. 66).

Ora, o domínio de novos signos (verbais e escritos), definindo novos horizontes, novos significados e/ou novas alternativas, somente vem ampliar o meu projeto de existência, tanto em termos de participação cultural como em termos de auto-determinação, busca de autenticidade e vida em propriedade (SILVA, 1981, p. 67).

Entretanto, é necessário que se chame a atenção para uma questão fundamental. Esse nível de leitura que leva a tão profundas transformações não se trata de qualquer leitura. Tanto para Silva (1981) quanto para Necchi (2009), ler é antes de tudo compreender. Note-se que no

primeiro dos trechos supracitados o autor usa o termo “ler” como equivalente a “compreender” e esse uso faz toda a diferença.

Assim como uma semente que segue latente de possibilidades em uma terra estéril, um texto resta inútil se o leitor não romper a mera combinação de letras em busca dos significados possíveis [...] ela [a leitura] segue incompleta se do texto não emanarem sentidos. A decodificação dos símbolos integra o processo, mas ler, sobretudo, é compreender (NECCHI, 2009, p. 267).

E aqui será necessário retomar algumas questões explicitadas no início do capítulo, a começar pela significação.

Orlandi (1988) aponta para três níveis de relação entre ela e o sujeito: o inteligível, o interpretável e o compreensível. O primeiro se refere à decodificação, isto é, o sujeito é capaz de decifrar o código que lhe é proposto, sendo este o nível mais basilar, o que seria compatível ao analfabeto funcional.

Em seguida, o interpretável, que trata da capacidade de conferir coesão e coerência a um dado texto. Ao passo que o nível da compreensão é alcançado quando se consegue atribuir sentidos ao que se lê. Para a autora, o intérprete apenas reproduz o que já está expresso, “de certa forma podemos dizer que ele não lê, é “lido”, uma vez que apenas “reflete” sua posição de leitor na leitura que produz” (ORLANDI, 1988, p. 73).

A diferença entre um e outro está na posição do leitor em relação ao que lê, isto é, “O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura, compreende” (ORLANDI, 1988, p. 74).

A respeito do efeito da leitura nesse leitor, Zilberman acrescenta:

[...] ao ler, o leitor experimenta uma situação desencadeada tão somente pela leitura: ele consegue ocupar-se com os pensamentos de outro. Graças a essa propriedade da leitura, o leitor substitui a própria subjetividade por outra, abandonando temporariamente suas disposições pessoais e preocupando-se com algo que até então não conhecia. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo; entretanto, as orientações do real não desaparecem, e sim formam um pano de fundo contra o qual os pensamentos dominantes do texto assumem certo sentido. Logo, a relação entre os dois sujeitos – o leitor e o texto – é basicamente dialógica. Pensar pensamentos alheios não implica apenas compreendê-los, mas supostamente conduz a uma alteração naquele que pensa, o leitor (ZILBERMAN, 2001, p. 52).

Partindo para uma abordagem mais ontológica, Silva (1981) cita o filósofo alemão Heidegger, o qual apresenta o homem na condição (quase eterna) de um “vir a ser”, ou seja, ele não é um Ser completo e acabado, ele está sempre se tornando, e este tornar-se se dá por meio da compreensão do mundo que o cerca.

A isso ele acrescenta o conceito de inquietação, sendo esta a projeção em direção a uma dentre as infinitas possibilidades de Ser e defende que “existir autenticamente [...] é inquietar-se e projetar-se em direção a uma possibilidade na tentativa de compreender essa possibilidade e, assim, passar a compreender a si mesmo no mundo” (SILVA, 1981, p. 68).

Se a *compreensão*, na perspectiva ontológica, significa habitar o mundo através de projetos existenciais, então a *leitura*, por necessariamente envolver compreensão, também vai significar uma *saída-de-si* ou um projeto de busca de novos significados. Por outro lado, se compreender é enriquecer-se com novas proposições de mundo, então *ler* é detectar ou apreender as possibilidades de ser-ao-mundo apontadas pelos documentos que fazem parte do mundo da escrita (SILVA, 1981, p. 70).

Essa compreensão, entretanto não se dá sem uma relação de reflexão e crítica com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, e ao que se pode inferir, também não ocorre de modo natural, espontâneo, necessitando antes de um trabalho externo de provocação, de condução. O caminho que se aponta aqui para a viabilização desse trabalho é a mediação.

2.2.2. Mediação da leitura

Mediação não é uma atividade privativa da Ciência da Informação. O termo é utilizado no Direito, na Educação, na Psicologia. Em cada uma dessas áreas os agentes mediadores atuam de forma específica concernente a elas. Entretanto, seja em qual for, a mediação sempre ocorre em função de dois entes que estão em posições desiguais, um em relação ao outro.

A própria etimologia da palavra confere essa ideia: mediar deriva do latim “*mediatore*”, que se refere àquele que medeia, que interfere. Isto é, um terceiro que intervém na relação de dois, sejam duas pessoas, ou uma pessoa e um objeto, uma tecnologia, por exemplo. Tratando-se do ato de ler, que é o que interessa aqui, Bortolin (2006) estreita o conceito afirmando que mediar uma leitura é aproximar o leitor do texto.

Dentro de uma perspectiva biblioteconômica, como aponta Campello (2009, p. 38), a necessidade da mediação parte da premissa de que o conhecimento pode ser transmitido, isto é, de que o usuário pode aprender com a informação.

Deve-se ressaltar, entretanto, a natureza dessa informação, que é subjetiva e é denominada por Todd de “informação como efeito”:

[...] essa é considerada como algo intangível, subjetivo, construído por pessoas, sendo que sua apreensão constitui o processo de fazer sentido, encontrar significados. Assim, o componente central da perspectiva da “informação como efeito” são as pessoas e suas estruturas de conhecimento (TODD, 1995 *apud* CAMPELLO, 2009, p. 38).

Essa perspectiva corrobora com o que tem sido falado até aqui a respeito da centralidade do leitor e da importância do processo de mediação, uma vez que, como Bernadete Campello chama a atenção, é preciso que se entenda o “significado da informação expressa em símbolos que, por si só, nada significam: o sentido é dado pelo usuário” (SHERA, 1973, p. 200 *apud* CAMPELLO, 2009, p. 38), sendo o mediador a ponte entre o esse usuário e a informação.

Barros (2006, p. 20) acrescenta ainda dois aspectos ao conceito de mediação da leitura: a intervenção e intercessão. O primeiro se refere a um trabalho de leitura planejada, construída a partir de um diagnóstico, tendo por objetivo contribuir com a formação e desenvolvimento pessoal do leitor. Nessa mesma linha, Necchi evidencia que “é importante refletir e planejar processos de aprendizagem que devem ser promovidos na infância e na adolescência para que o indivíduo faça da leitura um ato que tenha sentido e seja incorporado à sua vida” (NECCHI, 2009, p. 268).

Já o segundo aspecto, a intercessão significa o trabalho em prol do leitor por meio do oferecimento de produtos e serviços de qualidade, que facilitem e se ajustem aos interesses do leitor, seja informacional ou literário.

Consolidada a definição do que vem a ser a mediação, dedica-se agora a uma exposição sobre o mediador.

Para isso, julga-se necessário retomar o que anteriormente foi dito por Melo (1988) a respeito da historicidade do emissor e do texto. Segundo o autor, e experiência comunicativa somente se completa se houver na mensagem uma convergência entre os elementos *simbólicos e culturais* do emissor com os do receptor, capazes de suscitar a atenção deste, conduzindo-o à sua leitura (MELO, 1988, p. 101, grifo do autor).

É interessante observar na citação acima, a ausência da palavra “linguístico” ao lado de “simbólicos e culturais”, pois nos permite inferir que a compreensão de uma mensagem está muito além da barreira alfabética, ela está profundamente ligada a uma questão cultural. E aqui se ressalta a importância da mediação, pois, muitas vezes, será o mediador o responsável por fazer a ponte entre o universo cultural do leitor e o do autor, isto é, da própria mensagem em si (não importando por meio de que linguagem). Se não houver essa ponte

emissor-mediador-receptor, a mensagem pode se perder, a leitura pode ser inócua ou pouco profícua.

A respeito desse papel de mediador, Sueli Bortolin traz da Psicologia uma definição muito pertinente e aplicável aos campos da Educação e da Ciência da Informação: “consultor ou facilitador – consiste do papel construtivo desses processos; estará atento aos novos eventos, às variações, aos momentos críticos [...] que oferecem opções aos elementos capazes de articular criativos processos” (SCHNITMAN; LITTLE, p.20 *apud* BORTOLIN, 2006, p. 67).

Percebe-se nessa definição o caráter dinâmico do ato de mediar, ele é antecipatório, atento, curioso, e é amplo.

Quando se fala em mediação, é preciso ter em mente que ela não se limita a ser uma ponte entre termos, isso seria tradução, da mesma forma, vai além da ação de aproximar fisicamente dois entes, isso seria uma apresentação. A função da mediação é preencher de significado um texto, uma imagem, uma relação: “Apenas circular em meio a materiais diversificados de leitura não desenvolve o gosto pelo ato de ler. É imprescindível conviver com uma ou mais pessoas que se envolvam eventual ou permanentemente com esses materiais, significando-os” (SANTOS; MARQUES NETO; RÖSING, 2009, p. 13).

Posto isso, serão ainda apresentadas algumas reflexões acerca do incentivo à leitura e da importância da mediação no contexto em que vivemos.

Após apresentar alguns dados relativos à leitura no Brasil, os quais transitam entre animadores e preocupantes, e entendendo que questões relativas a esse tema dependem de outras variáveis – políticas públicas, educacionais e econômicas, por exemplo – (SOARES, 1988; CECCANTINI, 2009). João Luís Ceccantini (2009) aborda dois tópicos ligados à mediação, que são, segundo ele, aspectos fundamentais para a formação de leitores.

Em primeiro lugar, numa perspectiva mais otimista, o autor apresenta a “animação de leitura” com crianças de séries iniciais, como um dos avanços que o Brasil tem conseguido nesse campo.

O segundo aspecto refere-se à mudança que se observa em leitores que, durante os primeiros anos de escolarização, eram assíduos, mas, com o passar do tempo, abandonam paulatinamente a prática da leitura.

Segundo o autor, a partir de meados da década de 1970, torna-se corrente e disseminado por diversos profissionais – psicólogos, pedagogos, linguistas, entre outros – o entendimento da importância do contato com os livros desde a primeira infância para a formação geral da criança e, particularmente, para o desenvolvimento da leitura e da escrita,

uma vez que esse contato cria condições favoráveis para o desenvolvimento de um comportamento perene de leitura, isto é, para que uma criança leitora permaneça como um adulto leitor.

Nesse sentido, escola e família passam a ter um papel essencial no desenvolvimento desse comportamento. A esse respeito Ceccantini (2009) apresenta a análise de Ana Maria de Oliveira Galvão a respeito dos dados da pesquisa INAF (Indicador de Analfabetismo Funcional):

Os dados analisados revelam [...] grandes tendências em relação à transmissão do hábito de ler: parecem existir relações bastante estreitas entre os usos que da leitura e da escrita são feitos pelos entrevistados e os níveis, os hábitos e as práticas de leitura de seus pais. O contato com objetos escritos desde a infância também se revelou um fator fundamental para determinar o grau de analfabetismo dos entrevistados. Esses dados são bastante semelhantes àqueles encontrados em outras pesquisas, realizadas, inclusive, em outros países (GALVÃO, 2003, p. 141 *apud* CECCANTINI, 2009, p. 211).

Ocorre que, como o autor chama a atenção, esse nível de incentivo advindo da família é, para grande parte dos brasileiros, – e na mais otimista das opções – apenas um ideal. A escola então é desafiada a suprir essa carência, tornando-se a principal via de acesso à leitura e à escrita. A pesquisa supracitada também evidencia esse papel desempenhado por essa instituição, no que tange à geração mais nova.

É nesse momento que Ceccantini (2009) retoma a questão da “animação de leitura” como uma das iniciativas que muitas escolas brasileiras tem realizado no sentido de promover a leitura. O termo, que traz em si a ideia de uma personificação da leitura, isto é, dar voz, textura, cheiro, enfim, dar vida a ela, refere-se a atividades como “a hora do conto”, bibliotecas de classe, reconstrução de histórias, murais, resenhas, quadrinização, jogos poéticos, dramatizações, entre outras práticas elencadas pelo autor.

O autor atribui um valor tão alto a esta atividade que, para ele, ela deve ocupar uma “posição central do conjunto de atividades desenvolvidas pela escola”, e defende que para o seu bom desempenho, é preciso uma compreensão “em profundidade da natureza da mediação da leitura e definir com clareza seu papel” (CECCANTINI, 2009, p. 214).

Sobre o mediador, isto é, aquele que realizará a animação da leitura, Ceccantini (2009, p. 215) elenca algumas “regras” propostas por dois autores (José Antônio Camacho e Fernando A. Yela Gómez), as quais o próprio autor diz serem idealistas, mas que servem como parâmetro e meta a serem alcançadas de modo a formar leitores ativos e hábito duradouro:

- Ter desejo de animar e ler;

- Despertar a vontade de ler;
- Colocar livros à disposição das crianças;
- Tornar os livros acessíveis ao leitor, de modo que possam ser facilmente encontrados;
- Contar com uma biblioteca organizada e um pessoal com conhecimento, tempo, ideias claras e muita boa vontade;
- Trabalhar em equipe e estabelecer um plano de atuação;
- Contar com uma mãe e um pai leitores e com vontade de que seus filhos leiam (CAMACHO; YELA GÓMEZ, 2008, p. 8-10 *apud* CECCANTINI, 2009, p. 215).

Fica claro que a figura do mediador – leitor voraz, convencido do valor da leitura, incansável na busca do livro certo para o leitor certo – é condição fundamental para o êxito da animação da leitura, bem como da formação do leitor estável, especialmente por entender-se que a leitura não é um caminho natural e espontâneo, onde apenas alguns que possuem uma espécie de dom ou chamado para tal são atraídos (CECCANTINI, 2009, p. 210, 217).

Ao tratar sobre a eficácia da mediação, Ceccantini (2009) aborda a necessidade de se desenvolver o “ler por ler”, isto é, o desejo autêntico de ler, por prazer, e não o utilitário, por mera obrigação escolar. Para essa discussão o autor se apoia em dois autores espanhóis, Pedro Cerillo e Agustín Fernández Paz, os quais criticam e alertam quanto a esse uso utilitarista ou puramente funcional da leitura, que segundo eles, costuma ser uma das principais razões para o fracasso da animação de história.

A instrumentalização da leitura na animação, em que até mesmo a literatura é usada para atender a esta ou aquela atividade que visa diretamente ao aprendizado escolar, por mais bem-intencionada que sejam as intenções de quem as propõe, costuma pôr a perder todo o esforço investido no processo, contrariando o princípio básico – e desafio – de toda a animação: despertar o desejo autêntico de ler, ao contrário de fazer ler a qualquer custo, coisa, aliás, que a escola tradicional sempre fez, e com resultados muitas vezes desastrosos e sobejamente conhecidos, vacinando gerações a fio contra a leitura (CECCANTINI, 2009, p. 216).

Vale salientar que essa defesa dos autores não significa ir para um extremo do que Ceccantini chama de “espontaneísmo”, ou seja, para o improvisado ou uma libertinagem na animação. Antes, é reconhecida a importância do planejamento das atividades, no entanto, deve-se ter em mente que o cerne da animação é conduzir a criança ao prazer de leitura, não para a entrega de uma atividade, mas para si mesma, partindo de suas necessidades, satisfazendo ao seu gosto pessoal. E aqui novamente é evidenciada a importância do

mediador, pois é ele o responsável por criar condições para que essa demanda interna aflore (CECCANTINI, 2009, p. 218).

Corroborando com essa ideia de se despertar na criança o prazer da leitura partindo principalmente dela própria, lança-se mão de uma citação que Bortolin faz para tratar da diversidade dos gêneros textuais, entretanto, aqui seguirá por outro viés:

[...] para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 1980, p. 13 *apud* BORTOLIN, 2006, p. 67).

Pretende-se ressaltar aqui mais uma vez o papel importantíssimo do mediador, uma vez que o texto não produz esses estímulos por si só. Cabe a ele instigar na criança toda essa variedade de experiências, tornar o texto vivo, auxiliar a criança a desvelar os segredos nele contidos.

2.2.3. As diferentes linguagens na formação do leitor

As tecnologias da comunicação tem o poder de transformar estruturalmente os modos de ser e de se portar do homem, fato esse que pôde ser observado quando se tratou da transição do mundo da oralidade para o mundo da escrita. A partir do surgimento dessa tecnologia (ALEGRIA, 2009; GONÇALVES, 2009), a própria leitura pareceu sofrer um impacto, no sentido de que passou a estar atrelada muito mais ao ato de escrever (quase como inevitável consequência dela) do que a qualquer outro tipo de linguagem.

Ambas (escrita e leitura) foram por muito tempo o meio mais adequado para determinar a difusão de valores e ideologias. Entretanto, com o advento de outras tecnologias comunicacionais, essa superioridade foi sendo aplacada, como expõe Armando Petrucci:

Diferentemente do passado, hoje a leitura não é mais o principal instrumento de aculturação a disposição do homem contemporâneo; ela perdeu seu lugar na cultura de massa para a televisão, cuja difusão foi extremamente rápida e generalizada [...] no conjunto é possível afirmar que com segurança que hoje, em todo o mundo, o papel de informação e de formação de massa que por séculos foi próprio dos produtos impressos, portanto “para ler”, passou para os meios audiovisuais, portanto para meios que existiam para ser ouvidos e vistos, como diz seu próprio nome (PETRUCCI, 1999, p. 219).

Dessa forma, o mesmo que ocorreu na primeira transição comunicacional, se deu também nessa última, uma mudança estrutural no modo de o homem se relacionar com o mundo a sua volta, e, por que não dizer, uma nova forma de leitura – talvez um retorno ao princípio, onde ele lia as imagens nas cavernas, o clima, enfim, o ambiente.

Sobre essa transformação do homem Petrucci elucida:

Portanto, pela primeira vez o livro e os demais produtos impressos tem diante de si um público real e potencial que se nutre de outras experiências informativas e que passou a contar com outros processos de aculturação, entre os quais estão justamente os meios audiovisuais de comunicação de massa. Trata-se de um público que está acostumado a ler mensagens em movimento; que em muitos casos escreve e lê mensagens produzidas por processos eletrônicos (PETRUCCI, 1999, p. 219).

Entretanto, a mudança na relação com a leitura não se deu de forma tão rápida quanto da primeira vez, isto é, não foi atrelada às novas tecnologias com a mesma força que o fez com a escrita. Prova disso é a dificuldade de algumas instituições (como a escola) em lidar com a televisão e a internet, enfim, com os meios audiovisuais de forma amigável, entendendo-as como elas realmente são: tecnologias de comunicação.

Esse descompasso entre a compreensão sobre leitura e o advento das tecnologias de comunicação audiovisuais é causa de toda a celeuma entre a escola e os novos corpos (SIBILIA, 2012) que a ocupam, uma vez que “essa prática baseada na mídia [...] é exatamente o oposto da leitura entendida no seu sentido tradicional, linear e progressivo, na medida em que está muito perto de uma leitura transversal, [...] interrompida, ora rápida, ora lenta” (PETRUCCI, 1999, p. 220).

Em decorrência disso, portanto, tem-se consequências também na relação com a leitura, tanto por parte dos leitores (potenciais e reais) quanto por parte dos que tentam promovê-la. Nesse sentido,

Aqueles que apregoam a crise da leitura não pensam na leitura em geral, e sim na leitura de certo tipo de livros – aqueles que formam a tradição erudita nacional e internacional. Estes são efetivamente pouco lidos, assim como são pouco frequentados os espaços em que se manifesta a alta cultura (ABREU, 2003, p. 40 *apud* CECCANTINI, 2009, p. 208).

O esforço feito inicialmente nessa sessão pretendeu subsidiar uma defesa ao uso de outras linguagens, além da escrita, no incentivo à leitura, uma vez que, até este ponto do trabalho, foi construída uma sólida compreensão acerca da amplitude da leitura, levando, portanto, a uma proporcional ampliação de suas formas de incentivo e mediação, o que, imagina-se, potencializará o efeito dessas ações.

a) O Cinema e a leitura

Antes de tudo, Necchi (2009) mostra que livro e filme, mesmo quando o segundo é baseado no primeiro, não são a mesma coisa, trata-se de obras diferentes, com características muito particulares a cada uma das manifestações. Não há que se falar, portanto, em uma competição entre eles e sim em um diálogo das duas linguagens a fim de ambas serem potencializadas em suas especificidades (NECCHI, 2009, p. 275).

O autor completa dizendo que

Seria uma empreitada quixotesca supor que os livros possam ganhar espaço em detrimento da televisão, por exemplo; porém, é totalmente legítimo e factível pensar que a palavra possa coabitar o imaginário dos estudantes a partir de estímulos que levem em conta o vigor e a prevalência da imagem. A história da cultura não se faz com a sobreposição de uma expressão em relação a outra, mas com a convivência, em diferentes proporções (NECCHI, 2009, p.275).

Em defesa desse diálogo entre as duas linguagens, Necchi afirma que isso gera, sobretudo, ganhos intelectuais para aqueles que o experimentam, entre os quais estão a ampliação e consolidação de repertório; a descoberta de novas perspectivas; a aproximação de realidades diversas; o estímulo à criatividade e à imaginação; o aprimoramento do uso da linguagem (NECCHI, 2009, p. 275).

Portanto, para Necchi, o desafio do mediador está na descoberta de como fornecer os caminhos que poderão conduzir a essas experiências. Para ele, uma das possibilidades é levar o leitor a perceber e refletir sobre o processo de adaptação. O autor sugere as seguintes questões:

- Qual o sentido em se transpor para um filme determinada história que, no princípio, habitava os limites de uma página impressa?
- Que estratégias foram adotadas pela equipe do filme para dar vida a um personagem, cenário ou elemento até então descrito em palavras?
- Como o filme interpreta o livro?
- Que visão de mundo pauta as escolhas registradas no filme?
- Como os contextos sociais e históricos apontados pela literatura acabam representados?
- Quando se trata de filmes inspirados em livros que rompem com noções mais previsíveis de mundo ou que criam novas possibilidades de vida e de existência, quais foram as soluções encontradas para a adaptação e o que significam? (NECCHI, 2009, p. 276).

Uma vez o diálogo sendo bem conduzido, ambas as linguagens podem conduzir uma a outra ou ainda, a outras possibilidades:

É como se um circuito fosse estabelecido: um filme pode inspirar a leitura de um livro que desperta o interesse por uma música que é interpretada por um cantor que numa entrevista cita um romance que se passa período histórico sobre o qual há outro filme...

As reticências ao final da frase anterior simbolizam que o processo de formação de repertório não se extingue (NECCHI, 2009, p. 279).

b) História em Quadrinhos e a leitura

Por muito tempo as histórias em quadrinhos (HQs) sofreram um preconceito muito grande, especialmente no contexto educacional. Dizia-se que elas não serviam senão para distrair a atenção do estudante, que incentivava a violência, que gerava preguiça mental e atrofiamento da imaginação. Hoje, no entanto, essas questões estão em sua maioria superadas, especialmente pelo aumento do número de estudos em torno das HQs, tanto que, no Brasil, já se tem a “Jornada Internacional de Histórias em Quadrinhos” onde estudiosos se debruçam sobre elas levando em conta diferentes enfoques como educação, comunicação, saúde, entre outros.

Catunda (2013), em artigo apresentado em uma dessas Jornadas, faz um mapeamento das estratégias adotadas por escolas de Fortaleza para o uso de histórias em quadrinhos como recurso educacional em sala de aula. Em sua pesquisa, a autora apresenta os benefícios do uso da HQ derrubando argumentos como o da “atrofia da imaginação”.

A História em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo. Além disso, o aprendizado por meio do uso de quadrinhos, é mais proveitoso (SANTOS, 2001, p. 3 *apud* CATUNDA, 2013 p. 2).

Isso é verdade e pode ser observado por uma experiência simples de oferecer uma revistinha a uma criança que não sabe ler (a palavra escrita) e pedir que ela conte a história. A princípio, ela pode até te olhar desconfiada, um tanto resistente, mas logo começará a ler as imagens, as cores e contará uma história talvez bem diferente daquela escrita ali, mas igualmente fascinante.

Por essa característica de proporcionar uma leitura mais democrática e estimular a imaginação, as HQs são muito utilizadas no incentivo à leitura, especialmente para crianças em alfabetização.

Vergueiro e Pigozzi (2012) apontam ainda para a multiplicidade de códigos (linguístico e pictórico) existente nos quadrinhos e para a riqueza da própria linguagem quadrinística (onomatopeias, metáforas visuais, linhas de movimento). Esses elementos potencializam a experiência da leitura e propiciam maior compreensão de mundo aos seus leitores.

Os quadrinhos apresentam uma linguagem diferenciada dos outros meios de acesso à informação, possuindo vários mecanismos comunicativos de destacada riqueza, o que permite potencializar a sua capacidade de expressão e comunicação (VERGUEIRO; PIGOZZI, 2012, p. 2).

Observa-se, portanto, que não se pode reduzir as HQs a simplesmente um caminho para outras leituras, o que com certeza elas também são, mas, como ressaltou Vergueiro em depoimento dado a essa pesquisa, a leitura de quadrinhos não é em nenhum ponto inferior, “é uma leitura tão digna como qualquer outra, tão digna como a leitura do cinema, como a leitura da televisão. Ela tem diferenças, tem características próprias” (VERGUEIRO, 2015, Anexo A, p. 124).

Catunda (2013), ao se referir aos quadrinhos como um meio de comunicação, ressalta a contribuição destes no “processo de olhar/sentir/pensar/decidir uma vez que elas auxiliam a superação da cultura logocêntrica, isto é, centrada na palavra”.

Ainda sobre a importância pedagógica das HQs,

Os quadrinhos têm significativa importância pedagógica, por ser um meio facilitador de transmissão de informação, ou seja, por auxiliar na transmissão dos fluxos de mensagens. Além disso, também possibilitam construir sentido e produzir informações de forma singular, quando comparados a outros recursos informacionais (VERGUEIRO; PIGOZZI, 2012, p. 2).

Depreende-se, portanto, que os quadrinhos não apenas trazem diversão, mas também são importantes recursos pedagógicos por serem ricos na apresentação de informações, linguagens e códigos diversos, por trabalharem na ampliação do repertório cognitivo dos seus leitores e na compreensão mais ampla do mundo e da sociedade que os cercam.

Para encerrar essa sessão sobre o uso de diferentes linguagens na formação do leitor, apresenta-se a reflexão que Melo (1988) traz em seu artigo “Comunicação social: da leitura à leitura crítica” onde busca evidenciar a importância da leitura crítica das mensagens veiculadas nos meios de comunicação de massa pela indústria cultural, e chama a escola a uma responsabilidade no sentido de capacitar seus alunos a serem leitores críticos do mundo a sua volta com vistas a formação de uma geração livre e capacitada para exercer sua cidadania.

[...] na escola, onde as novas gerações devem ser iniciadas sistematicamente no mundo dos *media*, aprendendo a compreendê-los como engrenagens de difusão simbólica, que possuem suas próprias gramáticas, ou seja, que recorrem a artifícios de codificação, consentâneos com a sua natureza tecnológica, e cujo conhecimento por parte das crianças e adolescentes os capacitará a realizarem leituras desmitificadas, despidendo-se portanto das distorções perceptivas ocasionadas pela ignorância da retórica peculiar a cada veículo. Trata-se de uma atividade complementar a alfabetização, permitindo aos educandos não apenas o domínio da linguagem escrita, mas conduzindo-os para a obtenção de uma mais ampla competência linguística nos campos visual e auditivo (MELO, 1988, p. 106).

Melo alerta que essa orientação a uma leitura crítica dos diversos meios de comunicação, especialmente nas classes mais carentes da população, tem o potencial de levar

a um exercício consciente e consistente da cidadania, pois forma, em suas palavras, protagonistas da vida democrática e conclui que “[...] o maior estímulo para a leitura crítica advém da própria dinâmica democrática, quando todos os cidadãos são encorajados a participar da vida da sociedade e influir nos seus destinos” (MELO, 1988, p. 107).

Por fim, considera-se pertinentes e sintéticas de tudo o que foi explanado, as colocações do jornalista, professor e mestre em Comunicação Vitor Necchi:

A leitura aqui admitida no sentido amplo do termo, não restrito à palavra, deve ser elemento vivo [...] na trajetória do sujeito. [...] Para despertar o interesse do aluno, é estratégico dotar a leitura de sentido ao se evidenciar o aspecto lúdico, a carga emotiva, o vigor da consciência, a urgência do desejo, a necessidade da crítica, o reconhecimento da diferença ou qualquer outro fator que encontre eco nas realidades e nos interesses do leitor em formação. Se o processo for bem conduzido, se for pautado pelo respeito e pela sensibilidade, se não houver imposição ou preconceito, chega um momento em que o estudante percebe que a leitura é um caminho irreversível e vital. Ele *descobre* que o livro incide e impacta substancialmente nos diversos aspectos de sua existência: social, profissional, familiar e nas questões mais subjetivas. Depois disso, a vida se faz mais plena (NECCHI, 2009, p. 279, grifo nosso).

3. METODOLOGIA

O presente trabalho surgiu por uma inquietação concernente ao tema da leitura na contemporaneidade. Alguns questionamentos foram feitos levando à sistematização de um problema a ser estudado de forma a se compreender suas causas, efeitos e possíveis soluções. A situação descrita demanda uma pesquisa, que, segundo Gil (2008), pode ser definida “como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que estão propostos”.

Como apontam Marconi e Lakatos (2012), toda pesquisa implica o levantamento de dados. Para fins deste trabalho, utilizou-se como documentação indireta a pesquisa bibliográfica, e como documentação direta a pesquisa de campo do tipo exploratório-descritivo combinado.

Essa pesquisa caracteriza-se ainda, segundo a classificação de Antônio Carlos Gil, da seguinte forma:

- Segundo sua finalidade: aplicada, pois se propõe a contribuir para a solução de problemas práticos, aplicados a uma situação específica.
- Segundo seus objetivos gerais: pesquisa exploratória, uma vez que se propõe a gerar familiaridade com o problema, de forma a explicitá-lo.
- Segundo o tipo de pesquisa e delineamento: qualitativa, sendo seus delineamentos, estudo de caso e pesquisa bibliográfica.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: questionários, aplicados à bibliotecária e a alguns alunos; diário de bordo; e entrevistas realizadas com a diretora e fundadora da escola, duas coordenadoras, a bibliotecária, a professora de literatura, duas mães, e um professor e pesquisador da USP (Anexo A).

O objeto da pesquisa é o Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI), uma escola localizada no Lago Norte, em Brasília/DF, que atende a uma média de 400 alunos (podendo chegar a 600), do maternal ao 9º ano do Ensino Fundamental.

A escolha dessa instituição se baseou no envolvimento que ela tem com a leitura, a qual tem primazia na rotina da escola, e por se verificar a participação e importância que a biblioteca tem no processo de incentivo à leitura, estando integrada ao plano pedagógico da escola.

3.1. INSTITUIÇÃO PESQUISADA

São apresentadas nessa seção informações sobre o campo de estudo do presente trabalho, as quais foram retiradas do *site* da escola e das entrevistas realizadas com a diretora da instituição e com as coordenadoras do Ensino Fundamental I e II.

Este tópico pode ser um pouco extenso, mas justifica-se por tratar de uma escola diferente do modelo tradicional a que se está habituado, necessitando, por isso, de maior detalhamento acerca de seus métodos.

Funcionando inicialmente em uma casa localizada no Lago Norte, o INDI tem 38 anos desde sua inauguração (1977). Foi fundado por Júlia Maria Passarinho Chaves, sob supervisão da professora Maria de Lourdes Pereira da Silva, a criadora do “Método Natural do Desenvolvimento da Leitura e da Escrita”, a partir do qual Júlia desenvolveu a “Pedagogia da Interação Expressiva”

Um processo humanista, em que o respeito à expressão artística e ao pensamento individual de cada aluno é valorizado, resultando na formação de cidadãos independentes, participativos e determinados a realizarem seus projetos pessoais [...] o aluno é favorecido na busca da auto percepção e incentivado na sua autonomia. Isto faz com que se transforme no construtor do seu processo de aprendizagem. Emoções, memória, raciocínio, experimentos e ludicidade estão sempre associados ao conhecimento adquirido (INDI, [20??]).

Esta metodologia fundamenta-se em 4 pilares, o Científico, o Lúdico, o Movimento e o Emocional, os quais direcionam todas as atividades desenvolvidas na escola, desde uma aula até um grande projeto, como aponta a coordenadora do Fundamental II:

São quatro pilares que me movem para qualquer ação dentro da escola. Então se eu vou preparar uma simples aula, eu tenho que ter o lúdico, que é pra poder incentivar o aluno. Eu posso começar um conteúdo com um jogo. Dali eu já começo uma explicação, então eu to trabalhando o científico. A partir do momento que eu estou jogando, se eu preciso me levantar da carteira, eu to me movimentando. E a partir dessas reações, eu percebo como está a minha reação, o meu emocional, o que a criança está sentindo (BOLIS, 2015, ANEXO A, p. 96).

A escola trabalha com três níveis escolares, chamados na escola de “corredores”: corredor da Educação Infantil, corredor do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e corredor do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).

1- Educação Infantil

- a. Creche, que se subdivide em:
 - i. Maternal - de um a dois anos e meio;
 - ii. Agrupamento Vertical - de dois anos e meio a quatro anos.

b. Pré-Escola, que se subdivide em:

- i. Jardim (Intermediário) - quatro anos;
- ii. Pré-alfabetização - cinco anos.

Nesse período, as crianças já são expostas à metodologia e aos pilares da escola. Elas possuem um conteúdo programático que inclui conceitos introdutórios de matemática, ciências, história e geografia, cuja exposição deve seguir os seguintes preceitos: o conteúdo deve ser contextualizado à vida da criança e ao meio em que ela está inserida; deve-se respeitar a criança em sua individualidade emocional e cognitiva, seu ritmo de aprendizagem; cada criança deve ser acompanhada e observada tanto em atividades individuais quanto em grupo; o foco deve ser nos acertos; o lúdico deve sempre estar presente na exposição das atividades; a compreensão do conteúdo, e consequente apreensão do conhecimento são operadas mediante a exploração, observação, associação, comparação, descoberta, transcendência, compreensão, assimilação e conclusão.

A Educação infantil trabalha com os seguintes objetivos (INDI, [20??]):

- Proteção à criança proporcionando-lhe cuidados integrais de higiene, educação e saúde em clima afetivo, estimulante e seguro;
- Desenvolvimento da autopercepção, da autonomia da criança e o fortalecimento da sua identidade;
- A interação do aluno com o seu meio físico, social e cultural, a partir do qual construirá sua cidadania;
- O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem do aluno, considerando-o agente na construção do conhecimento e seu processo de aquisição da leitura e da escrita;
- Propor uma ação metodológica regida pela perspectiva histórico-cultural.

O Ensino Fundamental, tanto o nível I quanto o II, possuem os mesmos objetivos, diferenciando-se entre si em outros aspectos como conteúdo, projeto pedagógico e dinâmicas em sala de aula (uma vez que o Fundamental I trabalha com salas fixas e o Fundamental II com sala ambiente). São estes os objetivos (INDI, [20??]):

- Criar condições para que o aluno, por meio de um despertar de sua capacidade de investigação, reflexão, criticidade e aplicabilidade do conhecimento, mantenha sua autonomia no processo de aprendizagem;
- Proporcionar vivências que levem o aluno à consciência de seu papel político-social na comunidade escolar;

- Favorecer o desenvolvimento do aluno de forma integral, isto é, em suas habilidades motoras, emocionais e intelectuais;
- “Manter o aluno integrado e estimulado academicamente na perspectiva histórico-cultural, ajudando-o na identificação das suas potencialidades com vista a sua auto-realização como pessoa”.

Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I fica mais claro o trabalho com os chamados centros de conhecimento, em razão da disposição do espaço interno na sala de aula. A seguir, as Imagens 1, 2, 3 e 4 são referentes às salas do Fundamental I onde se pode observar essa organização do espaço, além de outros elementos característicos da metodologia.

Cada turma possui seu “quadro de combinados”, onde estão resumidas as regras que foram criadas pelo professor em parceria com os alunos, respeitando assim a individualidade das crianças e desenvolvendo nelas a autonomia, a criticidade, e a responsabilidade no cumprimento às regras, ou como eles denominaram, “os combinados”.

Figura 1: Combinados da turma



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

A respeito da rotina da aula, a coordenadora explica:

[...] na sala tem muitos jogos para a sistematização do conteúdo, na sala tem a mesa de artes, na sala tem a mesa de matemática, na sala tem a mesa de leitura e interpretação, na sala tem a mesa de exercício. Isso tudo acontece simultaneamente, não é assim “hoje nós vamos fazer artes, hoje nós vamos jogar, hoje nós vamos fazer matemática”, não! Está tudo ali (COSTA, 2015, ANEXO A, p.91).

Como se observa na Figura 2, a turma é dividida em grupos, e cada grupo tem o seu cronograma, sua rotina de atividades.

Figura 2: Quadro de grupos de atividade



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

Na Figura 3 é possível observar as plaquinhas indicativas de cada centro de conhecimento.

Figura 3: Centros de conhecimento



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

Figura 4: Sala de aula do Fundamental I



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

3.2. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

As entrevistas foram feitas, no âmbito da escola, com a diretora, com as coordenadoras do Ensino Fundamental I e II, com a professora de literatura do Fundamental II, com a bibliotecária da escola e com duas mães de alunos. Num âmbito geral, foi realizada uma entrevista com o professor e pesquisador da USP, Waldomiro Vergueiro. Optou-se por entrevista semiestruturada pela quantidade e riqueza de informações que este instrumento permite.

O questionário foi aplicado a 10 crianças, do 4º e do 7º ano. Inicialmente, ele era destinado a compor um trabalho da disciplina “Usabilidade na interação humano-computador” do Curso de Arquivologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, mas também serviu como instrumento de observação da presente pesquisa. Já o que foi aplicado à bibliotecária, teve por objetivo um conhecimento prévio das atividades da biblioteca e sua relação com a escola. Esse último foi enviado por e-mail, já o primeiro foi aplicado pessoalmente (Apêndice B).

Outro recurso utilizado foi o diário de bordo, de modo a registrar as atividades e eventos ocorridos na escola (Apêndice A). O período de observação foi de quatro meses – de abril a julho – os quais envolveram a rotina e as atividades da biblioteca, alguns eventos literários, e movimentos rotineiros da escola como intervalo, aula de educação física, dia de aplicação da prova de recuperação, etc.

Após a coleta, as entrevistas (gravadas por meio do celular) foram transcritas e, em seguida, foram montados cinco quadros comparativos, de forma a trazer melhor visualização das respostas dos diversos entrevistados.

Os questionários, por sua finalidade primeira, não foram tabulados, servindo, assim como o diário de bordo, como fonte de observação.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo destina-se à descrição e à análise dos dados reunidos a partir dos instrumentos de coleta escolhidos: entrevista e diário de bordo.

4.1.RESULTADOS

- Sobre os trabalhos com leitura (literária)

Pode-se dizer que a escola gira em torno da leitura. Desde o começo do ano, do maternal ao 9º ano, a leitura é desenvolvida e incentivada por meio de iniciativas que vão do simples contato com o livro até grandes eventos envolvendo toda a escola.

O Clube do Livro é um projeto que perdura o ano inteiro na Educação Infantil e no Fundamental I. Assim que se iniciam as aulas, cada aluno adquire um livro, pré-determinado pela escola, que vai passando adiante até que todos tenham lido todos os títulos.

A coordenadora do Fundamental I, professora Maria Lima da Costa (Lia) explica que, da Educação Infantil até o 2º ano, as leituras são semestrais, cada aluno tem um livro (de títulos diferentes) o qual leva o semestre para alcançar a todos da turma. Já no Fundamental I a leitura é trimestral, “a cada trimestre, se a gente tem 20 alunos, a gente divide e põe duplicado. Então ficam dez títulos duplicados e aí eles levam três meses pra fazer essa leitura” (COSTA, 2015, ANEXO A, p. 91).

A coordenadora do Fundamental II, Suzana Mendes Macedo Bolis fala com orgulho do trabalho e dos alunos: “A gente tem isso muito vivo, uma das coisas muito fortes do INDI é a leitura, desde os pequenininhos” (BOLIS, 2015, ANEXO A, p. 96).

Além do Clube, a Educação Infantil conta com o trabalho da biblioteca realizando a “hora do conto”, denominada na escola de “contação de história” em que a bibliotecária Maryne Medeiros e as auxiliares reúnem as crianças, contam-lhes uma historinha e depois formam pequenos grupos em círculos, a fim de que eles possam manusear os livros selecionados para exposição. Maryne ressalta a importância do contato com os livros desde bebê.

Acredito que a formação do leitor tem início lá no maternal quando você apresenta pro bebê o livro, você já começa a mostrar pra ele o que ele pode fazer com aquele livro, se ele rasga, você já tira o livro pra ele perceber que aquilo não foi uma coisa boa. Você começa a mostrar os desenhos, talvez não precise ser um livro escrito, mas somente com desenho para que ele possa visualizar as imagens, enfim, primeiro, quando você tem bebês você apresenta aquele material, pra ele já começar a criar um significado em cima daquilo (MEDEIROS, 2015, ANEXO A, p. 113).

Segundo ela ainda, é necessário que se observem alguns critérios na escolha dos livros que serão apresentados aos menores. Alguns alunos são muito pequenos, portanto, não pode ser uma história muito grande, no entanto, tem alunos um pouco maiores, por isso, também não podem ser muito curtas. Sua orientação é que os livros devem ter uma linguagem envolvente, que prenda a atenção das crianças, algo como um jogo de palavras ou de conteúdo engraçado.

Para os alunos do Fundamental I também existe um trabalho vinculado à biblioteca. Cada turma tem um horário reservado nela para leitura ou para alguma outra atividade direcionada pelo professor, como, por exemplo, apresentação das obras do autor que será homenageado nos eventos literários.

Para a bibliotecária, este é um momento oportuno para trazer às crianças (uma vez que já são maiores), a consciência da biblioteca no que se refere ao seu espaço físico, à importância e função do bibliotecário como facilitador da busca por informação útil ou por uma leitura prazerosa, e, uma vez consolidado esse entendimento, passar para a apresentação de outras fontes de informação, despertar neles a competência informacional e autonomia em suas pesquisas.

A partir do Fundamental II não se trabalha mais com o Clube do Livro, mas com uma lista de títulos escolhidos pela professora de literatura, em um plano de leitura mensal, portanto, são trabalhados 12 livros por aluno ao ano.

No INDI, os alunos tem duas aulas de literatura por semana, separadas da aula de português, o que dá à professora (Juliana Maria das Graças) maior liberdade e tempo de trabalhar o conteúdo, e ter momentos de leitura com os alunos.

Julga-se importante, neste ponto, um detalhamento sobre a metodologia que a professora utiliza em suas aulas na escolha dos títulos, nas formas de avaliação e nas leituras em grupo, pois são determinantes para o resultado que se obtém dos alunos no sentido da recepção aos livros propostos.

a) Contextualização histórica e conexão com outras disciplinas.

A professora busca, sempre que possível, conciliar algum título de literatura com a matéria que os alunos estão estudando em história. Isso ajuda a envolver o aluno ampliando e potencializando a experiência da leitura.

Por exemplo, o 8º ano começou com a leitura de “Os três mosqueteiros”, porque eles viram Revolução Francesa em história mais ou menos no mesmo período, então eles vinham com essa bagagem histórica que é importante pra compreender determinadas

leituras e pra começar a visualizar. Eu brinco com eles assim “lá em história você vai ver o fato, em literatura você vai ver as pessoas dentro do fato, dentro daquele acontecimento. Como elas se sentem, como elas reagem, como elas se expressam” [...] Quando eles estudam lá Revolução Francesa e veem em história e depois em literatura eles ficam impressionados “nossa eu vi em história, esse personagem aqui existiu de verdade” e consegue fazer conexão (GRAÇAS, 2015, ANEXO A, p. 105).

b) **Leitura como fonte de conhecimento de si e do outro.**

A escolha dos títulos e autores é baseada também no que a professora entende como importante para a formação do aluno enquanto cidadão, enquanto brasileiro. Isso traz um peso de identificação, um sentido de encontro com a própria identidade na leitura. Dentro dessa proposta, o aluno é levado a compreender a importância das obras e o porquê delas serem clássicas, e, conseqüentemente, a uma decisão mais embasada, com mais propriedade do gostar ou não da obra.

Além disso, tem determinadas coisas que eu acho importante serem lidas em determinado momento, por exemplo, “Capitães da areia”, esse é fundamental. Pra mim é um desespero você conhecer um menino que estudou nas melhores escolas da Bahia e fala que nunca leu o Jorge Amado, isso é um crime com a literatura brasileira, com a história do Brasil, com o Jorge Amado. Você pega meninos franceses que leram o Jorge Amado, e aqui? Como assim não leu Jorge Amado? Vamos dar um jeito, vamos ver, vamos mostrar. E eles se apaixonam. As pessoas subjulgam “ah eles não tem capacidade de entender isso ainda”, ele tem toda capacidade! E é surpreendente as vezes a resposta que eles dão com essas leituras [...] Então na hora de montar eu penso muito em coisas que são importantes, por que elas são importantes. Por que é importante ler Jorge Amado? É uma questão de identidade, um povo que não tem identidade que não se conhece, não se respeita (GRAÇAS, 2015, ANEXO A, p. 105).

E tem aquela coisa que o Harold Bloom fala sobre a importância de ler clássicos e o papel da escola nesse momento. Tem livro que se não for na escola você não vai ler, e tem coisa que você precisa, mesmo que você despreze depois, mas precisa passar por ela, pra você entender o que é aquilo [...] E aí a gente que ir tentando dar um jeitinho de não ser tão sofrido, de ser mais prazeroso, de tentar entender o porquê daquilo ali, não simplesmente “vai ler porque tem que ler”, vamos tentar entender o porquê disso aqui, pode ser que você não goste muito, mas você vai pelo menos entender e vai poder optar por “quero ou não quero”, não simplesmente falar “não quero” e não ter visto, “não gosto de jiló, nunca comi, não gosto” (GRAÇAS, 2015, ANEXO A, p. 103).

c) **Desenvolvimento da criticidade e da argumentação**

A leitura aqui é uma oportunidade de desenvolvimento do pensamento crítico e argumentativo, do aprendizado de novas palavras, contextos e conceitos. Segundo a professora, ao contrário do que se possa pensar, essas são habilidades que, geralmente, não se desenvolvem sozinhas, é necessário um estímulo, uma provocação.

E isso é muito divertido porque eles começam a descobrir coisas, por exemplo, teve um semestre que os meninos do 7º ano descobriram a palavra “prolixo”. Um deles chegou com o “prolixo” e eu perguntei o que significava, aí ele explicou e explicou direitinho. Aí eu falei “que bacana, que bom que você sabe o que é que você está escrevendo” e ele justificou “não, eu perguntei pro meu pai o que eu poderia escrever, um sinônimo pra eu colocar aqui e ele me deu essa palavra”. Nossa, a turma achou o máximo e tudo virou “prolixo”, “prolixo” virou um verbo. E eu ri de

mais, olha aí o que é isso, você começa a descobrir novas coisas. Eu falo pra eles, você precisa começar a argumentar, por que ele é ruim? Porque ele enrola muito pra descrever (GRAÇAS, 2015, ANEXO A, p. 110).

d) Ampliação da leitura

O trabalho parte do entendimento de que a leitura não é algo exterior ao aluno e de que ele não recebe tudo passivamente. Antes, é algo que parte dele, de suas experiências, seu conhecimento prévio do mundo e de si mesmo. É importante ter consciência e respeitar isso ao fazer a mediação da leitura.

Se torna até um trabalho de leitura de sentidos. É um projeto que eu tenho de leitura sensorial, que é você entender que ler vai muito além de decodificar as palavras, você lê as cores, o cheiro, que te ativa coisas da memória, faz você entender algumas coisas. Quando você vai ler o texto ele está cheio de sentidos, as metáforas [...] Então ler vai além do texto em si, vai da sua percepção, do seu conhecimento de mundo. Tem um alemão, Izer, que ele fala sobre essa questão de leitura, que é o que você traz de conhecimento do mundo, o que o autor conhece e coloca no texto, você junta tudo aquilo e você faz a sua leitura, por isso a sua leitura é única, é pessoal (GRAÇAS, 2015, ANEXO A, p. 106).

e) Presença da mediação da leitura

Há um entendimento por parte da professora de que o gosto pela leitura, bem como o hábito de ler não se dão de forma natural e óbvia. É necessária uma aproximação, uma desmistificação, uma provocação por parte de alguém que seja ponte entre o leitor e o livro.

Quando eu trabalho Machado de Assis muita gente fica “ah Machado de Assis pras crianças, que absurdo”, na verdade você só precisa de uma mediação, de um encontro de ler um texto junto, de explicar, de colocar um contexto histórico, de explicar algumas palavras que ele não compreende, de mostrar que naquele momento ali ele está sendo irônico e aí você começa a descobrir o que é ironia. E a mediação nesse momento é importante pra você quebrar as barreiras, pra você promover um encontro de uma linguagem um pouco mais complexa as vezes, de um universo que não é o dele, ele precisa de alguém que promova isso, que esteja ali fazendo um intercâmbio, que esteja ajudando “ah isso aqui não é tão difícil assim, olha aqui” e ele percebe “ah é mesmo, não é tão difícil” [...] No 9º ano nós vamos ler “A hora da estrela”, aí eles começam “ai professora eu tive que ler umas três vezes”, “professora eu não estou entendendo esse começo”, “caraca, um livrinho desse tamanho está me dando um trabalhão danado”. Mas depois que eles conseguem quebrar essa barreira eles reconhecem “é muito bom professora”, “como assim? Como é que é essa construção?” (GRAÇAS, 2015, ANEXO A, p. 100).

f) Avaliação que respeita os limites do aluno enquanto leitor

Segundo a professora, uma das coisas que mais desestimula e desvirtua a leitura na escola é o momento da avaliação. Buscando evitar atitudes como cópia da internet, leitura do resumo ou resenha do livro ao invés dele, ela tem o cuidado de respeitar o limite dos alunos.

Eu acho que a gente leva a isso [cópia da internet], quando você obriga ele a fazer resumo. Eu tento puxar, “por favor, sejam honestos, se você não der conta, parou na 50, vem e argumenta e faz de acordo com o que você conseguiu entender”. É mais honesto isso, não tem necessidade de fazer uma prova, um monte de questionário... Pelo amor de Deus, não é assim que você trabalha a leitura, você não vai formar nenhum leitor assim. Ler é pessoal, intransferível, cada leitura é única, então, você

tem que respeitar, quando você respeita determinadas coisas (GRAÇAS, 2015, ANEXO A, p. 102).

E aí, o primeiro livro deles foi com o desafio do texto integral, são 750 páginas mais ou menos, mas foi uma proposta que eu fiz no final do ano passado, falei que eles já podiam ir lendo porque seria a primeira leitura. E pra este livro eu dei 2 meses de leitura. Só que eu não proibi aqueles que falaram “ah professora, é muito difícil, pra mim é impossível ler esse texto integral, posso ler a adaptação?”, sim, ele vai ler o que é possível (GRAÇAS, 2015, ANEXO A, p. 102).

g) Troca de experiências na leitura

Por terem duas aulas na semana, é possível estudar o conteúdo e também ter momentos de leitura. A professora valoriza esse tempo entendendo a importância da troca, que cada aluno tem um nível de percepção e sensibilidade e que é nesse compartilhar de percepções que se tem a maior riqueza de leituras e onde o incentivo é mais eficiente, pois um ajuda o outro a enxergar mais.

Eu to lendo com o 9º ano “A terceira margem do rio” do Guimarães Rosa, preparando para o café cultural. Aquilo ali é um abismo. Você começa a ler aí você vai “ah professora, percebi isso, percebi aquilo” e de repente outro fala assim “mas e isso”, “nossa, não tinha percebido isso antes, eu li tantas vezes e não enxerguei isso” porque o texto te dá, tá ali um monte de coisas, e você vai juntando com o seu conhecimento [...] Esse texto, por exemplo, é um conto. Então a gente sentou na sala e foi ler o conto, “que que é isso?”, Guimarães Rosa é um livro um pouco complicado para um garoto de 14 anos [...] E aí tem que ter conversa, como é que você joga um negócio desse lá e aí deixa ele sozinho? Tem que trocar, tem que trocar, se não houver a troca não faz sentido eu colocar todo mundo pra ler um livro (GRAÇAS, 2015, ANEXO A, p. 106).

Um ponto chave nos trabalhos com leitura do INDI é a diversificação. Segundo a coordenadora do Fundamental I, a professora Lia, “quanto mais abrangente, quanto mais você traz essa diversidade, mais você enriquece o trabalho do leitor”. Essa questão é buscada nas leituras em si, nos autores apresentados, nas possibilidades de expressões por meio das quais as crianças retratam o que absorveram do texto, isto é, em dança, teatro, música, poesia, cordel, etc.

Quando perguntado à coordenadora do Fundamental I a respeito da importância do uso do gibi ela se posicionou exatamente em função da diversificação dos recursos de leitura e não apenas de um tipo de material especificamente.

Eu não sei se eu traria simplesmente o papel do gibi. Eu traria o papel dessa diversidade de tudo o que você lê [...] Então eu acho que quanto mais você diversifica, sem ficar procurando qual é a importância do X ou do Y, mais você torna um leitor apreciador de tudo isso e crítico. Porque ele vai também identificando o que ele gosta, o que ele não gosta, o que dá prazer o que não dá prazer (COSTA, 2015, ANEXO A, p. 93).

- Sobre o contato dos alunos com os autores

A escola tem a cultura de promover o contato das crianças com os autores que elas leem, atividade realizada especialmente pelo Fundamental I. As fotos (Figura 5, Figura 6, Figura 7 e Figura 8) abaixo são referentes a um encontro entre os alunos e o autor João Bosco, momentos antes da reinauguração da Gibiteca, ocasião em que também se realizou o pré-lançamento de seu livro “O Rouxinol e o cordel”, ocasião em que foi pedido aos alunos que fizessem uma pintura de um trecho do livro que eles tenham gostado mais para expor no mural da escola.

Figura 5: Conversa com o autor



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

Figura 6: Mural sobre a obras do autor



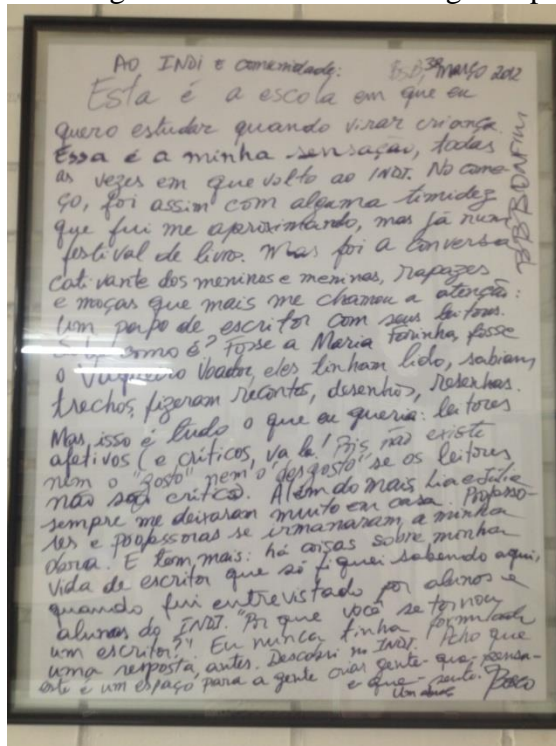
(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

Figura 7: Pátio da escola na reinauguração da Gibiteca



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

Figura 8: Mensagem² de um autor homenageado pela escola



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

² Ao INDI e comunidade: Essa é a escola em que eu quero estudar quando virar criança. Essa é a minha sensação toda vez em que volto ao INDI. No começo, foi assim com alguma timidez que fui me aproximando, mas já num festival de livros. Mas foi a conversa cativante dos meninos e meninas, rapazes e moças que mais me chamou a atenção. Um papo de escritor com seus leitores. Sabe como é? Fosse a Maria Farinha, fosse o Vaqueiro voador, eles tinham lido, sabiam trechos, fizeram recontos, desenhos, resenhas. Mas isso é tudo o que eu queria: leitores afetivos e críticos, vá lá! Pois não existe nem o “gosto” nem o “desgosto” se os leitores não são críticos. Além do mais, Lia e Júlia sempre me deixaram muito em casa. Professores e professoras, se irmanaram à minha obra. E tem mais: há coisas sobre minha vida de escritor que só fiquei sabendo aqui, quando fui entrevistado por alunos e alunas do INDI. “por que você se tornou um escritor?” Eu nunca tinha formado uma resposta antes. Descobri no INDI. Acho que esse é um espaço para a gente criar gente-que-pensa-e-que-sente. Um abraço. Bosco. 38 de março de 2012.

Há uma valorização da produção de autores e ilustradores de Brasília, o que se torna benéfico tanto para a criança, pelo encantamento e proximidade, quanto para os artistas, que são reconhecidos e tem sua obra divulgada.

[...] os projetos da escola procuram incentivar os autores brasileiros e na maioria das vezes aqui de Brasília mesmo, então você foge um pouco dos Best-sellers, dos livros mais conhecidos e valoriza a cultura regional e os autores novos, porque muitos dos autores que vieram pra escola são autores que ainda são “novos” no mercado (MEDEIROS, 2015, ANEXO A, p. 114).

Ao assistir aos vídeos de divulgação do Fest Livro no site do INDI, ou ouvi-los falar pessoalmente em algum dos eventos promovidos, é possível notar a gratidão e o encantamento pelo trabalho desenvolvido.

Uma mãe entrevistada deu o seguinte depoimento a respeito do contato da criança com o autor:

É um marco, a criança olha pro livro e lembra que conheceu o autor, lembra de toda a experiência. Além de trazer uma coisa muito legal que é o reconhecimento e o respeito ao escritor. Tem algo mágico nisso, no contato com ele, em pegar o autógrafo. Eu acho muito valiosa a experiência. Mesmo que eles não voltem a ler, não acho uma compra perdida (MÃE n.1, 2015, ANEXO A, p. 117, 118).

- Sobre os eventos voltados à leitura

A escola possui três grandes eventos literários durante o ano, o Sarau, de responsabilidade do Fundamental I, o Café Cultural, promovido pelo Fundamental II e o Fest Livro, que envolve toda a escola.

- Sarau

O Sarau é um dos grandes eventos que ocorrem anualmente na escola. O foco é a homenagem aos autores das obras que compuseram o Clube do Livro.

Cada turma escolhe, juntamente com o professor, a forma de fazer essa homenagem e a representação do livro lido, que pode ser em desenho, em poesia, música, dança, enfim, a expressão que se achar mais condizente com o livro em questão, de modo a apresentá-lo e falar do prazer daquela leitura para o autor. Neste sentido, existe ainda uma preocupação em que os alunos tenham um contato prévio com o autor por meio de troca de *e-mails* ou de um encontro anterior ao dia do evento, de modo que a homenagem seja mais real, isto é, tenha um sentido mais pessoal tanto para as crianças quanto para o autor.

Quanto à organização desses encontros anteriores ao Sarau, a coordenadora do Fundamental I explica:

Então a gente pensa na questão do tempo, a gente conversa com as turmas, principalmente dos maiores, quais são os principais interesses, o que ele gostariam de saber, estrutura isso previamente, orienta as crianças no sentido de como nós

vamos receber o autor. É importante saber se ele quer concluir tudo o que ele tem pra dizer e depois a gente levanta a mão pra perguntar, ou se a gente tem que guardar aquela pergunta. Se de repente o autor prefere que a gente vá fazendo perguntas, então agente vai passando essas orientações, para ser respeitoso tanto pra um quanto pra outro (COSTA, 2015, ANEXO A, p. 89).

O resultado que se observa é um encontro bem organizado em que os alunos são ensinados a ouvir, a respeitar a vez de o outro falar, a organizar o pensamento para expor seu questionamento. A postura das crianças é notada e enaltecida por quem participa dos encontros.

Em um desses eventos prévios de contato com o autor, o escritor João Bosco Bezerra Bonfim elogiou o nível de perguntas que as crianças faziam a ele, questionamentos que o faziam refletir sobre a própria obra, outros que foram feitos por jornalistas formados e que estavam sendo emitidos por uma criança. O autor atribuiu isso ao letramento literário que a escola promove, enfatizando a importância desse processo para a formação do ser humano.

Atuar no letramento de crianças é fundamental! Isso faz com que elas sejam capazes de formular perguntas que, às vezes nem adultos conseguem, ou até mesmo fazer a mesma pergunta que um adulto já fez. Por exemplo, uma criança perguntou hoje se o vaqueiro realmente existiu; certa vez uma jornalista formada, do jornal escrito mais prestigiado da cidade me fez a mesma pergunta (BONFIM, 2015, ANEXO B, p. 135).

Muitas coisas que os alunos perguntaram me fizeram refletir sobre a minha própria obra e sobre mim, por exemplo: por que você escreve? Por que você escreveu sobre isso? Por que tem palavras tão difíceis? Sobre certas coisas eu nunca tinha pensado. Tive que pensar pra responder ali na hora (BONFIM, 2015, ANEXO B, p. 135).

Ao participar do Sarau é possível notar o entusiasmo das crianças ao verem o autor de perto, recebendo aquilo que produziram, e do mesmo modo, o encantamento do autor ao ver sua obra ser destrinchada e recebida com tal carinho por seu público.

o Fest Livro

Este é o maior evento da escola e envolve todos os níveis escolares. Cada turma ou grupo de turmas se transforma em uma editora, e os alunos produzem seus próprios livros, desde a história até as ilustrações, capa, etc.

No caso do maternal, a coordenadora explica que “eles fazem a ilustração e a partir daquela ilustração eles vão contando e a professora vai escrevendo” (Lia, coordenadora do Fundamental I).

São convidados diversos autores, editores, ilustradores e artistas que participam da “contação de histórias” de seus próprios livros ou de algum autor homenageado. Ocorre

lançamento de livros de autores convidados, mostra de livros, apresentações de peças teatrais, música e danças realizadas pelos alunos, apresentação do texto e ilustração dos vencedores do concurso realizado previamente para a confecção do convite do evento.

Sobre essa ocasião uma mãe testemunhou:

[...] e o projeto de leitura é muito interessante por que eles [os filhos] tem um contato com os autores e isso pra eles é sempre assim, eles ficam muito entusiasmados em conversar com os autores, em ter os livros autografados, em fazer coisas pros autores, no projeto de leitura eles tem isso, eles fazem coisas pros autores. Então, eu acho que o projeto é sem dúvida nenhuma riquíssimo (MÃE n. 2, 2015, ANEXO A, p. 119).

o Café Cultural

O Café Cultural é o evento realizado pelo Fundamental II, dirigido pela professora de literatura e que sempre tem como base o tema trabalhado pela escola no ano. Todas as apresentações, escolha de autores, poemas, músicas, giram em torno dessa temática.

Segundo a coordenadora Lia, todos esses eventos são muito produtivos por formarem alunos com senso crítico e diversidade de linguagem, além de auxiliarem na desinibição da fala, no desempenho da criança e do adolescente em público, e serem um instrumento pelo qual se observa o crescimento e amadurecimento dos alunos através do texto escrito e das ilustrações que eles vão criando a cada novo evento.

Todo o trabalho de leitura realizado pela escola resulta em um tipo bem particular de leitor – vale enfatizar aqui o fato de a leitura ser um trabalho da escola e não apenas da aula de literatura ou uma tentativa da biblioteca.

Em depoimento, um dos professores de educação física observou que até mesmo em suas aulas pode-se ver o resultado do trabalho diferenciado da escola na conduta de seus alunos. Segundo ele, nos horários livres para recreação, observam-se alguns deles indo para a Gibiteca ler.

Seguem abaixo alguns depoimentos a respeito desses leitores:

Uma vez eu estava aqui na sala e chegou um aluno meu do 4º ano gritando, numa felicidade, aí eu falei assim “o que foi? Fala Arthur” e ele “Lia, Lia, sabe aquele livro do Toni Brandão, ‘Foi ela que começou’?! Ele escreveu pra mim! Ele escreveu pra mim! “É a minha história com a minha irmã”. Uma vez a gente estava lendo um livro da Alessandra Roscoe e um aluno disse pra professora, e é um super ilustrador, aí ele disse assim “essa ilustração não está legal”, aí a professora disse “porque Francisco?”, “Ué, como que um peixe, ao ser pescado pode rir?”, então assim, coisas Carol, que você não tem a dimensão, sabe, do que é esse leitor (COSTA, 2015, ANEXO A, p. 92).

Mas o que me chama muito a atenção nos nossos alunos é esse hábito de leitura. Tem alunos de sexto ano que leem livros que eu particularmente não leio, por conta dessa questão do gostar! Você vê que eles se entregam a leitura de tal forma... E livros assim, dessa grossura, que eu fico pensando “Meu Deus do céu, como que lê

um livro desse?” mas é porque eles gostam mesmo (BOLIS, 2015, ANEXO A, p. 98).

- Sobre a Biblioteca Maria de Lourdes Pereira da Silva

- Serviços:

Além dos serviços convencionais, como as atividades ligadas ao processamento técnico, desenvolvimento de coleções, referência e empréstimo, a biblioteca trabalha conjuntamente com as coordenações dos corredores na promoção de atividades de incentivo à leitura, tais como exposições e contação de histórias, na realização de eventos, palestras e encontros com escritores.

Existe outro projeto, ainda não colocado em prática, de atuação junto aos professores no sentido de promover a formação continuada. Segundo a bibliotecária, a ideia é fornecer artigos científicos específicos da área de cada um, de modo que eles se mantenham atualizados.

- O acervo

O acervo é organizado por título, em ordem alfabética (como regra, não se considera artigos). No entanto, a automação do processamento foi iniciada e, segundo a bibliotecária, em breve ele será organizado de acordo com a Classificação Decimal de Dewey.

A biblioteca possui revistas (Veja, IstoÉ, Época, especializadas de educação, variadas), gibis, livros didáticos, livros paradidáticos, e obras de referência, e, no que tange ao tipo de literatura, compõe o acervo literatura estrangeira, juvenil, infantil e infanto-juvenil.

- O espaço físico da biblioteca:

- a) 5 mesas redondas com cadeiras;
- b) 6 computadores para uso dos alunos, 1 computador para a bibliotecária;
- c) 1 “palco” para “contação de história” e apresentação dos alunos;
- d) Cantinho da leitura, destinado especialmente para a Educação Infantil, com tatame para os alunos sentarem e uma poltrona; neste espaço também tem uma estante baixa, de apenas dois níveis, onde foram colocados livros voltados para este público. Segundo a bibliotecária, esta medida foi tomada tendo em vista incentivar a autonomia nas crianças, uma vez que elas alcançam mais facilmente os possíveis livros de seu interesse.
- e) 2 expositores, um com novas aquisições e outro temático, com os livros de temas que estão sendo trabalhados pela escola;
- f) Estantes destinadas aos livros e revistas;

A Imagens 9, 10 e 11 são referentes ao espaço interno da biblioteca.

Figura 9: Palco da biblioteca



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

Figura 10: Cantinho da leitura



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

Figura 11: Panorâmica da biblioteca



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

○ A rotina da biblioteca

Um dia na semana a biblioteca fica fechada para planejamento, realização dos processos técnicos, ornamentação do espaço, entre outras atividades, visto que a bibliotecária vem à escola dois dias na semana. Nos outros dias são realizadas as seguintes atividades: empréstimo e devolução de livros, venda de livros, “contação de história” e outros eventos.

O planejamento é feito em reunião pelas três funcionárias (1 bibliotecária e 2 auxiliares) na quarta-feira de manhã, que é o horário em que todas estão na biblioteca. Em seguida, a bibliotecária envia um *e-mail* com a ata da reunião, bem como as atribuições de cada uma. Uma vez que elas não se encontram nos outros dias, tudo o que é feito além do combinado, fica registrado para que todas tenham conhecimento do que acontece na biblioteca.

Para realizar o empréstimo, os alunos devem possuir a carteirinha da biblioteca, que é paga. O valor é revertido em bens para a biblioteca.

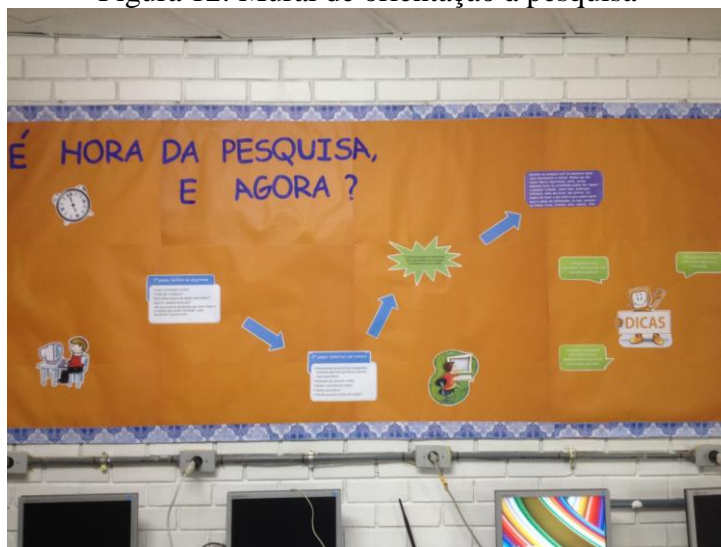
○ O uso da biblioteca

Cada um dos níveis escolares utiliza a biblioteca de modo diferente.

Na Educação Infantil, a biblioteca alcança os alunos por meio da “contação de história”, que acontece, na maioria das vezes, na própria área da Educação Infantil. Entretanto, assim como o Fundamental I, as crianças tem toda semana uma hora reservada na biblioteca, onde elas podem escolher livros para levar para casa, manusear e conhecer os materiais, seja por conta própria, seja por orientação dos professores ou da bibliotecária, e algumas vezes até mesmo para fazerem a leitura do clube do livro.

Já no Fundamental II, a biblioteca é mais utilizada para o uso dos computadores em pesquisas. Neste sentido existe um trabalho de orientação, por parte da biblioteca, de como realizar uma boa pesquisa, como demonstra a Figura 12:

Figura 12: Mural de orientação à pesquisa



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

Esse painel contém as seguintes orientações (Figura 12):

- a) 1º passo: Definir objetivos
 - i. O que o professor pediu?
 - ii. O que sei a respeito?
 - iii. Este tema é parte de algum tema maior?
 - iv. Qual é o assunto principal?
 - v. São as primeiras perguntas que deve fazer a si mesmo para poder entender como encontrar o que procura.
- b) 2º passo: Construir um roteiro
 - i. Novamente procure fazer perguntas, partindo das mais genéricas para as mais específicas.
 - ii. Exemplo de assunto: mídia
 - iii. Qual o conceito de mídia?
 - iv. Quais seus tipos?
 - v. Desde quando se fala de mídia?
- c) O título da pesquisa ou trabalho pode ser a ideia-síntese a partir da qual você desenvolverá o seu trabalho.
- d) Durante sua pesquisa você vai encontrar muita coisa interessante e curiosa. Mesmo que não sejam tópicos importantes, anote, porque pequenos casos e curiosidades podem dar riqueza a qualquer trabalho. Anote tudo, endereços, telefones, nome dos livros, autores, etc. Depois de fazer seu roteiro-guia poderá partir para a coleta de informações, ou seja, procurar as fontes: livros, revistas, sites, museus, atlas.

e) Dicas:

- i. Nunca copie o texto encontrado. Tente escrever com suas próprias palavras.
- ii. Ao terminar sua pesquisa, salve o arquivo em dispositivo próprio (*pendrive*) ou envie para o seu *e-mail*.
- iii. Não se esqueça de indicar o autor ou o local onde buscou a informação.

Esta orientação de pesquisa tem o objetivo de criar no aluno, ainda em fase escolar, maturidade e responsabilidade, de modo que desde cedo seja formado para a academia. Este aluno, ao entrar na universidade, já possui os caminhos da pesquisa, o que lhe proporciona maturidade em seus estudos e trabalhos acadêmicos.

Com relação à experiência na biblioteca, serão transcritas aqui partes do depoimento de uma mãe que tem três filhos, um em cada nível de ensino, o que oferece uma boa perspectiva da experiência de cada fase nesse espaço.

Eles não chegam a usar [os livros da biblioteca] até porque eu sou muito de comprar livro em casa, então eles não chegam a tomar muito emprestado aqui da biblioteca, eles lêem mais aqui mesmo nos horários reservados pra biblioteca, mas mesmo assim eu vejo que o INDI tem um papel nisso por conta do espaço da biblioteca ser usado no cotidiano da aula, as crianças vem pra cá e ficam aqui livremente usando a biblioteca, eu acho isso importante e ela [a filha do meio] lê os livros da biblioteca, só que ela pega, lê aqui, deixa aqui e na próxima aula pega o mesmo livro pra continuar lendo. E assim ela vai lendo os livros, mas sempre na aula que é aqui na biblioteca, é assim que ela usa. O mais velho também foi assim, sempre encho ele de livro e ele não usa muito pra tomar emprestado, mas sempre também lê aqui [...] E o mais novinho, ele não é tanto de ler, ele demorou mais pra aprender a ler [...] Mas aí pra ele, eu pego os livrinhos do França, aquelas coleções pra quem ta começando, daquele casal França [Coleção Gato e Rato – Mary e Eliardo França; Coleção Mico Maneco – Ana Maria Machado e Claudius] que é uma coleção própria pra quem ta começando a ler. E eu pego da biblioteca pra ler pra ele em casa, então a gente tem usado muito a biblioteca nesse sentido, não é ele que de forma autônoma e independente usa, mas aí eu uso. Quando ele se acostumou com a escola, quando ele mudou de escola, eu vinha todo dia aqui pra biblioteca, pra sentar com ele na poltrona e ler um livro antes da aula começar, isso foi importantíssimo! Eu acho que a escola não tem muita noção do quão, só o espaço da biblioteca em si é importante pra criança, pelo menos pra mim foi nesse sentido, foi a aproximação dele com a escola, por que, eu sentava com ele e aí antes de ir pra aula eu lia pra ele e isso ajudou muito no processo dele de familiarização com o ambiente da escola, ajudou muito (MÃE n. 2, 2015, ANEXO A, p. 120).

- Sobre a Gibiteca

A Gibiteca é um espaço que fica no pátio da escola. A Figura 13 se refere ao dia de sua reativação, que contou com um novo acervo de gibis, todos da Turma da Mônica (doados pelos próprios alunos), e com a presença do autor João Bosco, cujo nome foi dado à Gibiteca

e que fez o pré-lançamento de seu livro “O Rouxinol e o cordel”. O evento foi realizado no final do dia, na hora em que os pais buscam os filhos com o intuito de que eles participassem.

Figura 13: Gibiteca



(Fonte: arquivo pessoal da própria autora, 2015)

Questionada sobre o porquê da separação entre a Gibiteca e o espaço interior da biblioteca, a coordenadora Lia declarou:

A Gibiteca é um espaço fora da biblioteca, onde eles estão no intervalo, mas ao mesmo tempo, quem quer ler, está lá o convite pra ler, então mesmo com a coisa do barulho, com a coisa do corre-corre, eles encontram um espaço ali pra se concentrar. Então a Gibiteca está num espaço onde estão todos correndo, onde estão todos brincando, mas eu to ali, sentada, independente do mundo lá caindo, eu to aqui, concentrada e curtindo meu texto [...] Eles [biblioteca e gibiteca] se casam, eles se complementam, mas ao mesmo tempo ele traz pra criança essa leitura de que em qualquer lugar eu posso ler, de que em qualquer lugar eu posso me concentrar e tornar aquilo prazeroso (COSTA, 2015, ANEXO A, p. 93).

No período em que se observou o espaço, pôde-se constatar o uso da Gibiteca em leituras individuais e também em grupo onde uma das crianças lia para as outras. Neste período não se observou a presença de alunos do Fundamental II.

- Sobre o uso de outras linguagens

A escola valoriza muito o uso do livro, e este em meio físico. O uso dos gibis é feito muito mais pelo Fundamental I. No Fundamental II utilizam-se filmes para apresentação de alguns conteúdos, mas não como um meio intencional de leitura.

Por fim, no que concerne a apresentação dos dados da pesquisa, seguem os quadros comparativos (de 1 a 5) das entrevistas realizadas, as quais são apresentadas nos seguintes eixos temáticos:

- 1- Mediação da leitura
- 2- Filme, livro e história em quadrinhos na mediação da leitura.
- 3- Importância da leitura
- 4- Formação do leitor
- 5- Biblioteca escolar

Quadro 1: Mediação da leitura	
Medeiros (2015)	<p>“Mediar é facilitar, é buscar a informação correta para o seu usuário e levar pra ele essa informação, fazer com que o usuário encontre o livro certo e o livro encontre o seu usuário certo, como disse o Ranganathan.”</p> <p>“Então, é um elo entre a obra e o usuário. E nós somos esse elo.”</p>
Graças (2015)	<p>“É o aproximar o livro da criança. Quando você conta a história, só conta a história, você está contando e não está mostrando de onde vem. Quando você faz a mediação, você faz o encontro criança e livro.”</p> <p>“A mediação [...] é importante pra você quebrar as barreiras, pra você promover um encontro de uma linguagem um pouco mais complexa as vezes, de um universo que não é o dele, ele precisa de alguém que promova isso, que esteja ali fazendo um intercâmbio.”</p> <p>“Um livro lindo, maravilhoso, super bem escrito, mas, é você pegar Graciliano Ramos e jogar no lixo. Você vai passar, o menino vai ficar com raiva, acha aquele livro um saco, jogou no lixo, você não preparou. E é isso que a gente faz, o Ensino Médio faz isso, pega o autor e simplesmente joga fora, nunca mais o menino volta.”</p>
Vergueiro (2015)	<p>“Nós partimos da premissa que ler é bom. Se você diz que precisa fazer mediação da leitura, sua premissa é “ler é bom”. Então partindo dessa premissa a mediação é necessária, porque seria ingenuidade pensar que as pessoas chegarão à leitura por si mesmas... elas podem não chegar. Então você ter um trabalho sistematizado de aproximação das pessoas à leitura é muito importante.”</p> <p>“O trabalho da mediação é em primeiro lugar identificar o tipo de leitura que vai fazer bem pra cada indivíduo e tentar trazer esse tipo de leitura da melhor forma possível de modo que ele tenha condições de escolher aquela leitura mais apropriada e de mais alta qualidade naquilo que ele procura”</p> <p>“E a mediação tem que ser sempre de acordo com as necessidades da</p>

	sociedade e do indivíduo e não de acordo com o nosso ponto de vista, “Eu vou te impor determinada leitura porque eu acho que essa leitura é boa”. A escola faz isso “a leitura que você tem que ter é essa”, a leitura do livro didático, a leitura do Canon da literatura e assim por diante.”
--	---

Quadro 2: Filme, livro e história em quadrinhos na mediação da leitura.	
Graças (2015)	<p>“Depende de como você trabalho. Acho que pode potencializar, pode acabar com tudo, tem livros que eu insisto em trabalhar com ele mesmo sabendo que eles já viram o filme.”</p> <p>“Eu acho que você pegar Machado de Assis e levar para o quadrinho é um negócio perigoso. Meu marido faz quadrinho, ele já fez adaptação da “A Cartomante”, pra quadrinho, e foi um trabalho absurdo, porque como é que você adapta o narrador no Machado? [...] Como é que você faz Machado de Assis se o importante dele é esse narrador? Como é que você muda isso? A história é banal, muito boba pra você... “ah é pra incentivar a ler” não você não está incentivando a ler o Machado, é outra coisa”.</p> <p>“Agora, eu trabalho com eles o Oliver Twist do Charles Dickens e depois desse a gente lê o “Fagin, o judeu” [...] o Will Eisner, que é um quadrinista importante, [...] vem com o Fagin narrando em primeira pessoa com a versão dele da história. Aí é outra coisa, é uma novela gráfica diferente, não é simplesmente adaptar. É uma história a parte, ele está brincando, conversando com aquela outra história”.</p> <p>“Se você entende como outra coisa, tudo bem. “O iluminado” do Stephen King; a adaptação do cinema é uma obra de arte fantástica, brilhante, maravilhoso! Mas não tem muito a ver com o conto não, inclusive o dono do conto não gosta muito daquela adaptação. É a leitura do Kubrick, você tem que entender que cinema é a leitura do diretor, é outra coisa.”</p> <p>“Enfim, você pode usar sim cinema, quadrinhos. Só tem que ter cuidado, saber que são coisas diferentes, adaptação é escolha do diretor ou do quadrinista”.</p>
Vergueiro (2015)	<p>“Hoje em dia se fala muito isso “vamos submeter a versão em quadrinhos por que o leitor vai conhecer o material em quadrinhos e vai se interessar pela obra original”... Se isso é verdade eu não sei, eu tendo a achar que não.</p>

	<p>Eu acho que ele vai se interessar por outras obras daquele autor, mas não aquela, aquela ele já conhece. Então, se você leu “O Alienista” em quadrinhos, talvez você se interesse por ler a obra do Machado de Assis em geral, “Dom Casmurro” etc, mas não acho que você vai querer ler “O Alienista” no original, você já leu, já conhece. Talvez uma parcela vá, mas de qualquer forma, mesmo que não leia, que não vá ao original, ele já tem uma experiência com aquele autor, uma proximidade com aquele autor, ele chegou perto daquele autor que ele nunca chegaria”.</p> <p>“[...] você ler o livro e ler o quadrinho não é a mesma coisa, são experiências diferentes, não quer dizer que a leitura do original seja melhor ou mais importante ou mais válida do que a leitura da história em quadrinhos, são obras diferentes. A história em quadrinhos tem coisas que o original não tem e o original tem coisas que a história em quadrinhos não captou. Mas não existe uma relação de superioridade de uma pra outra.”</p> <p>“As histórias em quadrinhos são uma das possibilidades, como o cinema é, o vídeo game, a televisão, as séries. Inclusive você vê uma convergência nos diversos tipos de narrativas, você vê que os seriados de televisão estão se aproximando muito em termos de estrutura narrativa das histórias em quadrinhos”</p> <p>“O cinema está se aproximando, esses filmes que são de super heróis, ele está se aproximando”</p> <p>“Se o cara chegar na grande literatura, ótimo! Se não chegar não tem problema algum. Pra ele não interessava aquele tipo de literatura. No caso dos quadrinhos, a pessoa vai ler a quadrinização de determinado livro. Se ela chegar no original, ótimo, se não chegar, não perdeu nada! Não era uma pré-condição.”</p>
--	---

Quadro 3: Importância da leitura	
Medeiros (2015)	<p>“Quando eu penso em leitura eu sempre penso além dos livros, porque você faz uma leitura do mundo. O grande exemplo que eu gosto de usar é quando você é um bebê, e com o passar do tempo você começa a se vestir de uma forma, você se comporta de uma forma, e isso é resultado de um costume, e é um costume que é passado, mas é passado de forma não escrita, é passado de forma visual, você olha os seus pais muitas das vezes imita, o bebê imita o adulto, então toda essa formação, a formação da personalidade é feita</p>

	através do olhar, da escuta, não daquilo que você lê. Então a leitura não se restringe aos livros, mas com eles também, é claro, você desenvolve sua personalidade, seu modo de pensar, o seu senso crítico. Os livros te proporcionam inúmeros conhecimentos de um assunto e a partir daquilo você forma o seu conhecimento.”
Graças (2015)	<p>“Eu falo sempre pros meninos que o mundo hoje precisa de Machado porque o povo não entende ironia, você escreve uma ironia você tem que colocar o “kkk” na frente se não o cara olha assim “é sério o que você está falando?” e você tem que dizer “não, eu estou sendo irônico, você está vendo?!”.” [...] “Ironia é um recurso muito fino, é um recurso que as pessoas não identificam. Está aí a “Marcha da Vadias” pra provar isso. Tem gente que discute “como ela que quer respeito falando que é marcha da vadias?” opa, ironia, ela está ironizando a situação, você não está vendo, não é obvio? Não, não é obvio. A gente pensa que é, mas não é, é algo que tem que se construir, você precisa de leitura pra entender determinadas coisas.”</p> <p>[...] “Então ler vai além do texto em si, vai da sua percepção, do seu conhecimento de mundo. Tem um alemão, Izer, que ele fala sobre essa questão de leitura, que é o que você traz de conhecimento do mundo, o que o autor conhece e coloca no texto, você junta tudo aquilo e você faz a sua leitura, por isso a sua leitura é única, é pessoal”</p>
Vergueiro (2015)	<p>“Eu acho que o ser humano não vive sem a leitura. Mas você tem que pensar a leitura num contexto mais amplo. Ler não é ler a palavra escrita, Paulo Freire falava que mais importante que a leitura da palavra escrita é a leitura do mundo. Então as pessoas tem que aprender a ler o mundo.” [...] “E ler no sentido de interpretação, quer dizer, ir além do que apenas desvendar o que está escrito aqui “Almanacão de Férias”, não é só isso, é compreender um texto, uma notícia. É nesse nível de leitura, de compreensão do mundo.”</p>

Quadro 4: Formação do leitor

Medeiros (2015)	<p>“Acredito que a formação do leitor tem início lá no maternal quando você apresenta pro bebê o livro [...] Você começa a mostrar os desenhos, talvez não precise ser um livro escrito, mas somente com desenho para que ele possa visualizar as imagens” [...] “a gente faz um trabalho em conjunto com o pais, porque os alunos ainda não sabem ler” [...] “os professores buscam</p>
-----------------	--

	<p>outras temas, não só do que o livro trata, mas outros correlatos ao que o livro trata e eles fazem uma releitura do livro, seja com desenho ou mesmo com uma nova contação daquele livro, e apresentam esse livro na forma de um teatro, de uma música”</p>
Graças (2015)	<p>“Leitura não é algo que se obriga, quando você obriga, eu falo que a gente promove a cópia da internet. Quando você obriga o garoto a ler e fazer um resumo.” [...] “Eu tento puxar, “por favor, sejam honestos, se você não der conta, parou na 50, vem e argumenta e faz de acordo com o que você conseguiu entender”. É mais honesto isso, não tem necessidade de fazer uma prova, um monte de questionário... Pelo amor de Deus, não é assim que você trabalha a leitura, você não vai formar nenhum leitor assim. Ler é pessoal, intransferível, cada leitura é única, então, você tem que respeitar”. [...]</p>
Vergueiro (2015)	<p>“Primeiro, mostrando pelo exemplo. Conseguir demonstrar pra ele que ele vai ter vantagens, mostrar os benefícios que ele vai ter da leitura, é o primeiro passo, mostrar que a leitura é algo interessante. Então é importante que cada leitor identifique aquele tipo de leitura que responde as suas características pessoais.” [...] “Tem pessoas que dizem “Ah, eu começo a ler e me dá sono”, leia coisas mais curtas então. Outras dizem “As palavras são muito difíceis, eu não consigo entender”, então leia um material mais simples. É uma questão de você identificar o tipo de narrativa que lhe agrada, é essa narrativa que a pessoa tem que pegar. [...] é quase como se você fizesse um diagnóstico do leitor, eu penso assim! E a partir desse diagnóstico você faz uma estratégia pra ele ampliar o seu leque de leitura.” [...] “Você também tem mecanismos, alguns até bem antigos, como rodas de leitura, contação de história, enfim, são mecanismos bem antigos que você tem de aproximar as pessoas com aquele tipo de narrativa.”</p>

Biblioteca escolar	
Medeiros (2015)	<p>“A biblioteca escolar, o objetivo dela é dar suporte ao pedagógico, aos professores [...] muito que o aluno usa muito a biblioteca para explorar a informação que ele recebe dentro de sala, com outras tipologias textuais. Por exemplo, ele está estudando num livro didático, Revolução Francesa, por</p>

	<p>exemplo, os meninos do Fundamental II, então na biblioteca ele tem oportunidade de procurar um livro paradidático que vai falar sobre a Revolução Francesa, mas de uma outra forma, com uma outra abrangência. Ela dá suporte, ela acrescenta a esses alunos.”</p>
Vergueiro (2015)	<p>“A biblioteca escolar é complementar da escola, ela tem um papel dentro do processo de ensino. Está aproximando determinados produtos culturais, que a escola entende que são importantes que os alunos se aproximem deles e obtenham informação sobre eles, então ela responde às características da escola. [...] Você não concebe uma escola sem uma biblioteca. [...] Mas aqui no Brasil, você tem que baixar uma lei pra ter biblioteca escolar. Isso é característica de país subdesenvolvido, num país desenvolvido essa questão não se coloca. A biblioteca está lá, e ela faz parte do processo de ensino, não se pensa o ensino sem a biblioteca escolar, e daí ela é pensada dentro da aula, fora da aula, no contexto global do planejamento escolar.”</p>
Costa (2015)	<p>“A biblioteca pra mim é o coração da escola. Eu vejo que, é aonde tudo pulsa, que não adianta você querer que o aluno leia se você não tem uma biblioteca que atrai, que chama, que leva, que movimenta, sabe, que pulsa mesmo. Então eu acho que a biblioteca deveria ser o coração de todas as escolas, porque é onde você torna a criança curiosa, é onde ele pode viajar, onde ele pode descobrir.”</p>

4.2. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

É notável, ao longo da leitura do trabalho, a conformidade entre o referencial teórico e as práticas do INDI, muito do qual se deve à relação de proximidade da Instituição com pessoas que estiveram no centro de atividade das transformações educacionais que passaram pelo Brasil, dentre as quais está a supervisora de Júlia Passarinho na criação da escola, a professora Maria de Lourdes Pereira da Silva – que compôs a equipe de pesquisa de Heloisa Marinho, que, por sua vez, trabalhou junto a Anísio Teixeira, um dos autores do Manifesto dos Pioneiros da Educação, expressão brasileira dos ideais defendidos pela Escola Nova.

Quando Marinho (1987, p. 11) lembra que “para educar a criança, a mãe não precisa de exercícios formais artificialmente seriados pela lógica do adulto. Bastam incentivos”, ela abre espaço ao sentido de mediação e incentivo à leitura proposto nesse trabalho e identificado nas ações do INDI. Não se trata de oferecer um compendio de atividades avaliativas com o objetivo de constatar se o aluno entendeu o que dado autor quis dizer em seu texto. Antes, à mediação interessa, como mencionado por Santos (2009, p. 45) e por alguns dos entrevistados, compartilhar as experiências que emanam da leitura de cada um, descobrir os caminhos que dela derivam, enfim, perceber que a leitura de livro é apenas uma porta de acesso à leitura de muitas outras linguagens.

Para fins de uma maior clareza no confronto da teoria com os dados da pesquisa concernente a leitura, mediação e uso de diferentes linguagens, optou-se por dividi-las nas sessões que se seguem:

- Incentivo à leitura

Ceccantini (2009) aborda uma série de questões que foram observadas nas práticas do INDI: a importância do contato com os livros desde a primeira infância, o papel da família na formação do comportamento leitor, a posição central que a leitura deve ocupar nas atividades da escola, a “animação de leitura”, a necessidade do “ler por ler”, que, segundo o autor, é o cerne dessa última atividade, e a leitura a partir da necessidade da criança.

Abaixo se estreitam as relações entre os pontos acima citados e as práticas da escola:

Em seu depoimento, a bibliotecária fala sobre a importância do contato da criança com o livro, pelo o simples manusear, entendendo que esse ato já produz significados na criança.

Sobre a presença da família nas atividades de leitura, vale ressaltar alguns momentos apontados na pesquisa: na Educação Infantil, quando se incentiva que os pais peguem livros emprestados na biblioteca e leiam para os filhos; quando a escola decide realizar um evento literário, como a reativação da Gibiteca, no horário de saída dos alunos para que os pais

estejam presentes; e, em especial, vale destacar o depoimento de uma das mães entrevistadas, que, para aproximar seu filho mais novo da escola o acompanhava em leituras na biblioteca, até que ele se acostumasse ao ambiente.

Uma observação geral da atividade anual da escola já demonstra a importância conferida à leitura. São grandes três eventos literários que ocorrem todos os anos, dos quais um envolve todos os níveis de ensino, além da realização do Clube do Livro, horários reservados à biblioteca e aulas de literatura destinadas à leitura compartilhada.

Com relação à “animação de leitura” (“a hora do conto”, bibliotecas de classe, reconstrução de histórias, murais, resenhas, quadrinização, jogos poéticos, dramatizações, entre outras), podem-se destacar as seguintes ações da escola: a “hora do conto” realizada pela bibliotecária e auxiliares da Educação Infantil; os murais criados pelos alunos com desenhos e poesias concernentes às obras dos autores homenageados; o próprio contato com os autores; as peças teatrais realizadas pelos alunos também nos grandes eventos literários; os horários reservados aos alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I; as trocas de experiências relativas às leituras nas aulas de Literatura do Ensino Fundamental II.

O autor também fala da necessidade de “ler por ler”, evidenciando o prazer da leitura. Essa questão é sanada na medida em que os alunos são incentivados, em seus horários reservados na biblioteca a escolherem livremente livros que os agradem, não para entregar algum resumo ou atividade, mas para o desenvolvimento desse prazer gratuito de ler. Além disso, tem-se a presença da Gibiteca no pátio da escola, que, como anunciou uma das coordenadoras, está ali para demonstrar que “qualquer lugar é lugar e qualquer hora é hora de se entregar ao prazer de uma leitura”.

Por fim, ressalta-se a leitura a partir das necessidades da criança, aspecto que pode ser observado não apenas nas atividades voltadas à leitura, mas em toda a prática pedagógica da escola, que prima pela valorização da criança e de suas experiências.

- Mediação da leitura

O conceito apresentado por Barros (2006, p. 20) de mediação como intercessão e intervenção, foi identificado na escola da seguinte forma:

Quanto à intervenção: as atividades de leitura são fruto de um planejamento que atinge todo o ano e que se insere na dinâmica dos outros trabalhos da escola. A escolha do conteúdo é criteriosa e particular à necessidade de cada nível escolar. Como exemplo disso tem-se o Café Cultural, o evento literário realizado pelo Ensino Fundamental II, cuja temática está sempre vinculada ao tema trabalhado pela escola no referido ano. No caso do período em que

a pesquisa foi realizada, o tema do ano era “O caminho das águas”, nesse sentido, foram trabalhadas obras brasileiras e músicas que estivessem dentro dessa temática.

Quanto à intercessão: destaca-se o trabalho da biblioteca, pois busca formas de facilitar o acesso à informação, como no caso das estantes com duas prateleiras, de altura reduzida, colocadas no espaço destinado à educação infantil, contendo livros pertinentes à idade das crianças. Além do serviço de auxílio à pesquisa, com a criação do mural de orientação logo acima dos computadores. É importante destacar também o projeto de criação de um acervo de artigos que sejam úteis para os professores.

Outros conceitos apresentados como o de aproximação (BORTOLIN, 2006), de contextualização (MELO, 1988, p. 101), de significação (SANTOS; MARQUES NETO; RÖSING, 2009, p. 13) também são vistos nos trechos selecionados de depoimentos da professora de literatura, quando esta se refere à desmistificação do autor e da linguagem para que o aluno realmente se aproxime sem medo de ser muito difícil ou incompreensível; à colocação da obra em seu contexto histórico e até mesmo quando escolhe um livro em função de uma matéria que está sendo estudada na disciplina de História.

- Diversificação de linguagens como estratégia para a promoção da leitura

Quando os alunos preparam as apresentações para os eventos literários, são levados a estabelecer um diálogo entre o livro e outras linguagens, tais como teatro, música e poesia. Nesse momento percebe-se o ganho do qual fala Necchi (2009, p. 275), tanto na observação das apresentações quanto nos depoimentos relatados na sessão anterior.

5. CONCLUSÃO

O ato de ler sempre teve grande valor, pois é um processo inerente ao homem. Leitura é compreender e a compreensão não surgiu quando a escrita foi criada, ela existe desde quando o homem precisou perceber as mudanças no clima para encontrar as condições adequadas de plantio e depois para a colheita. Ela é o processo pelo qual o homem toma consciência de si mesmo e do mundo que o cerca.

Desde a barriga da mãe, um bebê, a seu nível, percebe o que está a sua volta, recebe estímulos e responde a eles. Ao nascer, e à medida que vai crescendo, as percepções vão se tornando mais complexas, assim como o nível de compreensão de si e do outro.

A escola (e a biblioteca) como parte da vida do homem, em especial da criança e do adolescente, deve conduzi-lo ao aprimoramento de suas percepções, ampliando e ajudando-o a coordenar todos os aspectos de sua vida.

Existe, entretanto, uma peculiaridade no homem contemporâneo, uma vez que ele não está limitado ao seu tempo e espaço. As novas tecnologias têm ampliado o mundo de cada pessoa e, ao mesmo tempo, encurtado as distancias entre elas.

A leitura de livros sempre proporcionou essa experiência, entretanto, agora, o livro perdeu sua primazia e divide espaço com o cinema, os videogames, entre outras mídias.

A palavra correta na verdade seria “compartilha” espaço. Se a escola e a biblioteca compreendem isso, não há de se falar em divisão, mas em compartilhamento, pois abre-se espaço para uma sinergia entre essas tecnologias – livros, cinema, internet – de modo a potencializar os benefícios de cada uma delas, tanto no que se refere ao entretenimento quanto à formação do ser humano.

A mediação entra nesse momento. Ela conduz, aproxima, intercede, instiga; ela auxilia o processo de significação que a leitura faz, uma vez que atua exatamente na extração de sentidos a partir do próprio homem, levando-o a compreender o que se passa fora dele.

Dessa forma, o ato de mediar é um processo essencial, pois o homem, diferentemente dos animais e plantas, é um ser dependente por natureza, que precisa ser cuidado e conduzido até adquirir independência, e ainda quando chega à maturidade, ele permanece em relacionamento, compartilhando e dividindo experiências.

O estudo trouxe também o entendimento de que dificilmente um trabalho de incentivo a leitura será eficaz havendo esforço apenas por parte da biblioteca. É necessário que a escola faça da leitura uma prioridade, buscando estratégias dentro de sua realidade, de modo a

permitir a inserção da leitura não apenas atrelada a um funcionalismo, mas especialmente ao desenvolvimento do gosto pela leitura.

No bojo dessa compreensão, o INDI, em função de suas raízes filosóficas, possui uma prática pedagógica que fornece um ambiente propício à aplicação dessa condução – mediação – do homem a si mesmo e ao mundo, e o faz exatamente por meio de ações de incentivo à leitura, oferecendo um corpo planejado de atividades com o uso das mais diversas expressões e linguagens.

Como evidenciado nessa pesquisa, a leitura ocupa um lugar de destaque na vida da escola. Durante todo o ano, em atividades que vão do simples contato e manuseio do livro a um grande evento como o “Fest Livro”, da criança mais nova, no primeiro nível escolar, à mais velha, que já está saindo da escola para o Ensino Médio, o envolvimento com o ato de ler é intenso, incentivado e mediado.

O objetivo da presente pesquisa foi descrever as estratégias utilizadas no INDI para incentivar e mediar a leitura, partindo de um questionamento sobre como a escola e a biblioteca podem atuar na formação de leitores na sociedade contemporânea, tarefa esta concluída com êxito. Não fazia parte do escopo do estudo uma observação mais profunda a respeito da eficácia e permanência do hábito de leitura na vida dos alunos fora da escola ou após sua saída, ficando, portanto, este assunto para estudos futuros.

Outro aspecto passível de aprofundamento seria a busca de como a leitura é trabalhada nos cursos de Biblioteconomia, que ênfase é dada a ela e de que modo isso é feito na formação dos novos bibliotecários, uma vez que a mediação está no cerne de sua atividade.

Dialogando com a indagação de Zilberman no título de seu livro “Fim do livro, fim dos leitores?”, entende-se que o suporte pode mudar, mas a leitura não. Nesse sentido, a Biblioteconomia deve se adaptar às transformações da Sociedade da Informação, sem esquecer, especialmente, de sua responsabilidade social enquanto “guardiã” e disseminadora da informação.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ALEGRIA, João. A televisão a favor da leitura e da escrita do mundo: a inconveniente hipótese do analfabetismo funcional duplo. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. 1. ed. São Paulo:Global, 2009. p.193-206.

BARROS, Maria Helena T. C. de. A mediação da leitura na biblioteca. In: BARROS, Maria Helena T. C. de; SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Ed. FA, 2006, p.17-22.

BORTOLIN, Sueli. A mediação da leitura nos espaços infanto-juvenis. In: BARROS, Maria Helena T. C. de; SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Ed. FA, 2006, p.65-73.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura e da literatura infantil. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, v.8, n. 15, p.47-58, jan./jun. 2003. Disponível em: < <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001333&dd1=99f3d>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECID-7UUPJY> >. Acesso em: 27 out. 2015.

CATUNDA, Márcia Antônia Dias. As histórias em quadrinhos no incentivo à leitura nas crianças: a realidade em algumas escolas de Fortaleza. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v.3, n.1, p. 348-357, jan/jul 2013. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/147/183>>. Acesso em: 13 maio 2015.

CECCANTINI, João Luís. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. 1. ed. São Paulo:Global, 2009. p.207-231.

DEWEY, John. **Vida e educação**. 6.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓES, Lucia Pimentel. **Olhar de descoberta**. São Paulo: Mercuryo, 1996.

GONÇALVES, Márcio Souza. Escrita, subjetividade, tecnologia de comunicação. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 30, n.16, p.34-47, jan./jun. 2009. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/353/320>>. Acesso em: 30 set. 2015.

INDI. Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil. **Institucional**. [20??]. Disponível em: <<http://www.indi.com.br/page/institucional-1>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

LOURENÇO FILHO, Armando; MENDONÇA, Samuel. A autonomia do educando na pedagogia de Dewey. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, n. 33, p. 187-203, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71531141012>>. Acesso em: 22 maio 2015.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Introdução ao estudo da escola nova**: Bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 14. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, Conselho Federal de Psicologia, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO, Heloisa. **Vida, educação e leitura**: método natural de alfabetização. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MELO, José Marques de. Comunicação social: da leitura a leitura crítica. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 1988. p. 100-110.

NECCHI, Vitor. A potencialização da leitura na era do audiovisual. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. 1. ed. São Paulo: Global, 2009. p.267-279.

O MANIFESTO, dos pioneiros da educação nova (1932). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.188–204, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/rev22e.html>>. Acesso em: 22 maio 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 1988. p. 58-77.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. p. 203-227.

SANTOS, Fabiano dos. Agentes de leitura: inclusão social e cidadania cultural. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009, p.37-45.

SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1981.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 1988. p. 18-29.

VERGUEIRO, Waldomiro; PIGOZZI, Douglas. Histórias em quadrinhos como suporte pedagógico: o caso Watchmen. *Comunicação e Educação*, São Paulo, v.18, n. 1, p. 35-42, jan/jun 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/69247>>. Acesso em: 11 maio 2015.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2015.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC: São Paulo, 2001.

ANEXO A - ENTREVISTAS

Entrevistada 1 – Júlia Maria Passarinho Chaves (Diretora do INDI). Realizada em 07/07/2015

COMO SURTIU A IDEIA DA ESCOLA?

A ideia da escola foi muito interessante. Eu era alfabetizadora, trabalhei na Fundação Educacional um período e comecei a me incomodar muito com a forma ainda tão arcaica que se propunha do processo educativo. Aquilo me entristecia profundamente. E eu já tinha uma tendência, aí já da minha formação mesmo em casa, de educação, de formação familiar, que era muito de escutar os alunos.

Meu pai, apesar de ser militar, sempre reuniu todo mundo, a gente sempre debateu, discuti, ele que nos ensinava como você faz um resumo, como você organiza suas ideias... E desde pequena eu queria ser professora, eu tinha uma verdadeira paixão. Meu pai era instrutor e também professor, então eu ficava acompanhando ele, avaliando as coisas, trabalhando, fazendo provas, correção de provas, eu ficava encantada com aquele universo.

Então eu já trazia essa postura de escutar os alunos, de estar mais próximo, essa coisa da relação mãos afetiva, mais humanizada no contato, de sair desse pedestal, de achar que você é onipotente, onisciente.

Daí quando eu comecei minha formação, que foi mais tradicional, sempre em escolas públicas, e a minha formação era muito precaríssima, mas eu já estava lá [no Pará] na Escola Normal, que já tinha toda um olhar voltado pra preparar educadores. Quando eu cheguei em Brasília fui pro Elefante Branco, pro Ensino Médio e já descobri a Escola Normal que era uma escola de ponta naquela época.

Era uma escola de aplicação, vinha gente de fora, ela era considerada uma referência da América do Sul, a Escola Normal de Brasília, em 70. Daí a gente fez uma formação junto ao Conselho Federal, a gente reconheceu lá o curso. Eram quatro anos em período integral, então era prática de tarde e formação teórica de manhã. E lá já se fazia um contato com os alunos diferenciado.

Estou te contando porque eu fui buscar essa linha de trabalho, a minha referência.

E eu muito apaixonada já pela educação e por alguns mestres lá da escola que faziam o processo avaliativo diferenciado, era um currículo muito mais completo, e eu fui ficando muito deslumbrada com tudo isso e eu queria fazer alguma coisa nesse sentido. Mas eu não dava conta de fazer porque todo o “esquemão” era extremamente tradicional. Há trinta e sete,

quarenta anos você só tinha, no Brasil inteiro, o ensino tradicional religioso ou o tradicional-tradicional. Raramente você tinha outra coisa, a Escola Nova quando surgiu já foi com o nosso queridíssimo Anísio Teixeira que revolucionou a proposta educativa na época.

Quando o Anísio foi Ministro da Educação, ele fez um desafio pro pessoal da escola de educação lá no Rio de Janeiro. Ele chamou a dona Heloísa Marinho que era uma das professoras do curso, que tinha vindo da Europa e tinha conhecido o trabalho do Freinet, que é uma pesquisa, não é método! Muita gente diz que Emília e Freinet são métodos, não são coisa nenhuma, acho que agora isso já está caindo. Até o próprio Método Natural, tem muita distorção de entendimento da proposta.

O método natural que o Freinet fala, é no aspecto de como as coisas acontecem independente de qualquer sistema, independente de qualquer proposta metodológica, que foi esse o trabalho que ele fez, uma pesquisa mostrando que naturalmente, espontaneamente, a criança adquire a leitura e a escrita a partir de estímulos da vida, dela mesma.

Aí, a dona Heloisa tinha vindo de lá e muito encantada também com todo esse trabalho do Freinet na Europa, com toda essa pesquisa dele, com a possibilidade da psicologia da Gestalt que focava muito o significado e significante. Uma autora muito importante pra gente foi a Violet Oaklander que é uma das maiores nessa área, ela tem um livro “descobrimo crianças”, que vale a pena você ler. Eu não tenho muita formação teórica porque a nossa proposta foi muito alinhavada dessa realidade da dona Lourdes e a nossa, então eu li alguns livro importantes. E muita coisa da proposta da técnica da Gestalt com criança, essa forma de dramatizar, de brincar, de projetar nas brincadeiras, nas relações com objetos, com brinquedos, enfim, a gente trouxe isso pra sala de aula como espaço de autoexpressão da criança na ludicidade. Não é um olhar terapêutico porque nós não somos terapeutas, somos educadores, mas é uma proposta que abre espaço pra todas as linguagens do desenvolvimento humano, então esse enfoque do objeto significante, da situação que tem um significado e um significante foi o grande viés para a estruturação da metodologia que a dona Lourdes criou.

O primeiro livro publicado pela dona Heloisa – que tem um Instituto hoje no Rio de Janeiro pelo Jairo Werner, que é médico, e que aplica essa proposta de estimulação mais natural no Rio, trabalhando com pacientes – é o “Vida, educação e leitura”, que foi o primeiro livro que elas publicaram mostrando toda essa proposta. Esse livro foi feito a quatro mãos, porque era dona Heloisa e a dona Lourdes, isso me dito pela Lourdes.

Essa foi a primeira base feita pelo Ministério [da Educação], porque dona Heloisa ela fazia parte das autoridades da época e vinha com essa proposta revolucionária da educação, principalmente Educação Infantil, que foi nessa época, com Anísio que começou a se

respeitar, olhar pra criança como potencialmente importante e necessário que se atendesse com um projeto legalizado, oficializado de educação.

Isso demorou muitos anos, porque isso tem o que, uns sessenta anos, a proposta que elas criaram e tem uns trinta mais ou menos que as reformas legislativas mesmo de educação que começou a incluir a criança. Aí o Vital Didonet, um dos grandes educadores que lutou muito no nível de Ministério, de Congresso, nas relações legais mesmo, legalizando todo esse olhar e abrindo esse espaço.

A OMEP, Organização Mundial Para Educação Pré-Escolar, que eu também fiz parte. Aqui em Brasília eu fui pioneira da primeira formação com a Maria Cunha, também sobre Educação Infantil, eu era bem mais jovem e estava empolgada, fiz parte do grupo. E a gente tinha vínculo com outros países que também já traziam essa preocupação com a formação da criança, que não tinha voz, não tinha espaço, não tinha consideração nenhuma no processo educativo.

A dona Lourdes inscreveu a proposta dela no Instituto Nacional do Livro no Rio do Rio de Janeiro, que era da área de Educação. Então ela bolou a metodologia, organizou tudo, escreveu tudo e inscreveu o trabalho dela lá no Instituto, mas isso foi absolutamente ignorado. Ela foi lesada o tempo todo, ela não considerada pela dona Heloisa no livro “Vida, educação e leitura” que ela ajudou a montar, porque ela fazia parte da equipe. O desafio da Heloisa e do Anísio era “vão pras salas de aula, públicas, pra descobrir o que acontece com as crianças”, essa dicotomia de linguagens, das crianças ficarem tão fora da realidade dentro da escola, viver uma realidade de aprendizado da vida, e depois surgiram alguns livros “Dez na vida, zero na escola” que era o enfoque de uma professora de matemática, não me lembro do nome da autora, em que ela mostra isso, quando você ia oficializar o aprendizado, as crianças tiravam zero, porque elas não sabiam aquele termo, mas multiplicavam, somavam, dividiam, vendiam, compravam, e usando dinheiro com uma habilidade fantástica, na vida, porque ia pra feira, ia vender, ia comprar. Então eles tinham todo um domínio, que é o alfabetizado sistêmico, quer dizer, a vida traz isso, e você não tem a técnica, mas tem o conhecimento.

E aqui no Brasil, era uma evasão enorme das crianças na hora da alfabetização, gente demais, um desnível muito grande de turmas, quarenta crianças em sala, essa realidade ainda continua né.

Daí a Dona Heloisa sugeriu uma equipe de formação dela lá da Escola Normal e a Dona Lourdes já tinha se formado e tal, assumiu; foram pra sala de aula pra tentar diagnosticar o que acontecia e perceber o que acontecia. Dona Lourdes na sala, então, começou a perceber que se trabalhava para aqueles que tinham um estímulo individual, uma

postura, aquela curva de Gauss né, aqueles que estavam lá na frente, a galera do meio e os retardatários que nunca conseguiam aprender coisa nenhuma por “n” fatores.

E aí ela foi construindo a proposta, ela tinha uma formação muito completa nessa época, no Rio de Janeiro, a formação dos professores, que era ainda o curso normal que hoje já está extinto, eles aprendiam música, eles tinham que ter, não só a formação básica, teóricas de psicologia infantil, desenvolvimento da infância, como eles tinham matérias mais completas até do que eu acredito que se tenha hoje.

Enfim, ela começou a ver o tempo que se perdia, o desencanto que se criava pra criança, a linguagem das famosas cartilhas com leque, com vocabulário completamente fora da realidade brasileira, e aí já tinha lido a pesquisa do Freinet, e lá a França eles falavam do processo natural da aquisição da leitura e da escrita. Aí Dona Lourdes criou essa proposta.

Foi ela quem criou o “nheco-nheco” que a gente chama, a metodologia, ou seja, como você vai disponibilizar o tempo da criança em sala de aula, que atividades você vai propor, de que maneira você vai trabalhar, como você vai construir esse vocabulário vivo, como você vai trabalhar essa parte multi-sensorial que o método tem que é sensacional, como você vai explorar o aspecto fonético da exploração teórica, técnica do processo da aquisição da leitura, do nosso código de leitura e escrita, através do uso dos fonemas, que fosse uma coisa coerente com a vida, prazerosa, principalmente, mas que tivesse muito a voz da criança. Então ela criou a Pedagogia da Auto-Expressão, esse é o título da dona Lourdes, que a Gilda mudou pra Método Natural de Alfabetização, mas o livro é literal o trabalho da Dona Lourdes, até os desenhos.

Depois desse trabalho com a dona Heloisa a coisa começou a expandir e ela foi convidada pelas irmãs Ursulinas, que na área de educação era um grupo bem avançado, mais moderno, com uma visão do futuro. E deram espaço pra ela, e disseram “você pode aplicar aqui a sua proposta da alfabetização, com tudo o que você acredita, do jeito que é”. Ela começou aplicando, aquilo foi crescendo tanto que ela verticalizou pro infantil. Ela chamava de grupo família – é o agrupamento vertical que nós temos aqui – porque ela trabalho essa experiência antes da França começar a fazer essa experiência, comoçou no Brasil, como a pesquisa da Heloisa Marinho começou no Brasil e ela terminou lá depois, enfim.

Nessa época foi muito fomentado pelo Anísio. Mas depois que ele saiu ela foi canalizar por aí e a dona Heloisa foi pra área mais técnica, continuou no Ministério.

Foi ela que construiu toda metodologia, tanto teoria quanto aplicação foi dentro de uma prática, ela foi aplicando, foi vendo, como é que a coisa acontecia e foi estruturando a

proposta para que no final do ano as crianças tivessem o processo todo de aquisição da leitura e da escrita.

Então, o que ela fez em sala de aula pra criar a proposta: ela levou a linguagem lúdica, um espaço pra autoexpressão, por que tinha que ouvir a criança, a criança tinha que se posicionar e ela tinha que ter autonomia pra mostrar o que ela sabia, como ela aprendia, o que ela estava entendendo das coisas, pra adequar aquela realidade da vida – porque ela trazia da frase do Anísio de que educação é vida, aprendizado é vida – se a aprendizagem é vida então a vida tem que estar aqui.

E aí a gente tem que respeitar como a criança se desenvolve, então ela tem necessidade de se movimentar, o bicho homem é o único que se não se movimenta morre, né, desde intraútero. Tem toda aquela exploração sensorial, na parede uterina, e a parte do movimento e do toque são os primeiros que se desenvolvem, hoje já tem pesquisas sobre isso. Depois vem a audição também, depois também as sensações, as memórias celulares, isso tudo é experiência recente da neurociência aí marcando essas diferenças.

Mas naquela época ela não tinha esse tipo de olhar, ela tinha um olhar na formação sistêmica completa de atender as linguagens da criança e de criar um espaço de autoexpressão pra que a criança fosse costurando com o adulto essas informações e fosse promovendo o desenvolvimento da leitura e aquisição da escrita da forma mais natural possível e mais prazerosa possível.

Aí foi que ela trouxe a ludicidade que faz parte dos nossos princípios da metodologia.

Nós temos quatro princípios, a ludicidade, por que o lúdico não só é uma expressão natural da criança no trabalho como ele é também a brincadeira. O brincar e a brincadeira espontânea, o brincar e a brincadeira dirigida, com objetivos específicos, que se utiliza pra aquisição de alguma norma, de alguma proposta de trabalho, de relação com o outro, de estimulação para o conhecimento, pra ir buscar a informação, pra sistematizar conteúdo. Então o lúdico tem vários tipos de brincadeiras e jogos que são com esse tipo de estimulação. O Jogo que só estimula e desperta o jogo que sistematiza o conteúdo, que ela criou alguns e eu criei outros.

Eu aqui fui ainda um pouco além, porque hoje eu tenho até o 9º ano, mas com a mesma filosofia de trabalho. Ela só chegou até o segundo ano lá com as Ursulinas, abriram pra ela um ano pra ela completar até o segundo ano o processo, mas depois a linha da Santa Úrsula, que era uma linha bem tradicional também de faculdade, enfim, aí a escola bloqueou.

Eu fui à escola várias vezes, a gente tinha educação infantil com música, com a expressão musical rítmica, tinha o movimento, a necessidade de movimento organizada, que a

gente diz que é a dinâmica de sala, em que as crianças circulam pelos centros. Ela que criou os centros de estimulação que hoje todo mundo aplica, tudo quanto é escola de educação infantil já está fazendo, cada um com seu enfoque, com seu jeito, mas todo mundo já está graças a Deus nessa linguagem, com uso desses recursos.

Então ela que criou a dinâmica de circular pelos centros, o tipo de atividades e propostas que seriam feitos ali. Ela fazia sempre a rodinha inicial, que é a participação das crianças no que vai ser feito, na experimentação, na exploração. E aí entra o enfoque científico, que é outro pilar, porque tem que ter o aspecto científico, afinal, educação é isso também, é formação, a orientação, tudo isso tem que existir. É uma escola formal que tem toda uma supervisão da secretaria de educação, tem todo um programa a ser cumprido então tem que ter vivências.

Ela trouxe todo enfoque piagetiano que é a experimentação, a vivência, a exploração, as hipóteses, a troca, o compartilhar, que hoje, anos depois você vê nos pressupostos do Vygotsky. A necessidade trocar, de tá junto, fazer o debate sobre aquela história, levantar as hipóteses pra depois você fazer conclusões, e autoexpressão também na parte artes, o que a gente chamou de autoexpressão que é uma grande linguagem humana, do contato humano.

Quando ela trazia o grafismo comentado, a criança ter a liberdade de ter as explorações técnicas das artes, da manipulação desses materiais plásticos, gráficos, tridimensionais, a construção com sucatas, enfim, todas essas explorações que vão atendendo o que a gente sabe da formação teórica pra uma proposta educacional.

Como ela vinha também de uma área carente, porque ela começou a aplicar a proposta em Mangaratiba e o município inteiro aplicava a proposta da Dona Lourdes. Ali ela fiscalizou também, o ensino fundamental, a pré-escola toda, municipal, era ela que orientava, o trabalho era todo dela.

Lá não tinha dinheiro como tinha o Santa Úrsula, apesar de terem muitas crianças, 30 crianças por sala, lá era muito mais e não tinha material, então ela ia pra praia quando faltava papel, eles iam aprender a fazer todos os recursos de brincadeiras técnicas para a cassada sonora, percepção ela catava material na praia os professores escreviam na areia da praia esse trabalho Ela apresentou uma vez no exterior ela foi várias vezes representando o Brasil, levando esses trabalhos que ela tinha. Depois que ela se foi também nunca mais eu soube o que aconteceu com o material da Dona Lourdes.

Daí ela foi elaborando essas coisas e quebrando galho, então usava o jornal pra desenhar com lápis cera que elas faziam muitas vezes derretiam e faziam na forma para os professores, o tapete pras crianças sentarem no centro. Sempre teve entre os centros, o centro

de leitura, gibi, revista, jornal, que a gente traz pras crianças manipularem, ela trazia o da realidade do município, então eles trançavam essas sacolas plásticas, aqueles tapetes que fazem até com caixas de cigarro, que vai trançando. Faziam o tapetes pra eles ficarem sentadinhos. Aqui a gente coloca almofadas, então tem o centro de leitura desde o maternal, desde pequenininhos eles já tem esse momento em que eles manipulam os livros e sentam pra ouvir histórias. É lógico que do sexto ao nono já não o espaço da sala já é outra composição.

Então ela trouxe a linguagem lúdica, trouxe o enfoque científico, toda a proposta e a execução científica do aprendizado propriamente dito, ela trouxe a organização desse movimento, e trazia linguagem plástica gráfica como a grande comunicação do interno do ser humano com a vida e com aquilo que ela estaria apreendendo e incorporando pra si mesma. E o INDI trouxe espaço pra linguagem emocional já, dos trinta e sete anos nossos, trinta e três a gente já trouxe esse enfoque do espaço emocional e a gente construiu outro pilar. Então tem o movimento, o científico, o emocional e o lúdico, que dentro do lúdico está a autoexpressão criadora.

A Dona Lurdes e criou também a primeira dinâmica de sala na organização do Fundamental – ela atendeu até o segundo ano – que são os centros de conhecimento. Na Educação Infantil eram os centros de estimulação. Então você tem: a área de matemática; a área de português que abrange a construção de texto, que seria eles elaborarem as informações, organizarem o textos coletivos e individuais sobre todas as pesquisas que eles estão fazendo, porque a gente também não tem livro didático aqui só a gente oferece dois por área do conhecimento em sala, eles tem disponível pra fazerem pesquisas, pra irem atrás por que hoje o universo de material que se tem é uma coisa estupenda. Há cinquenta anos você tinha muito menos, agora não, hoje você tem internet, material de pesquisas, revistas científicas, você tem uma gama de instrumentos impressionantes e um estupendo volume de informações.

Então eles circulam em todos os centros durante a semana, ao passo que todo mundo passe por todos os centros a cada dois dias, aqui em cima com os mais velhos, e na alfabetização todos os dias.

Tem também o centro de artes, que continua fazendo parte da rotina da criança, mas não é só uma aula de artes, eles tem aula de artes curricular no fundamental, mas eles tem a expressão artística que vem desde lá de baixo, que vai compor o significado significante. Quando eu tenho, por exemplo, um vocabulário lá quando eu falo em carro, cada um deve ter uma ideia, um conteúdo ideativo, emocional de carro, carro pra você pode ser um gol, pra outra uma saveiro, pra mim pode ser um fusca, enfim cada um tem a sua ideia de carro, então

pra se apresentar a palavra carro, eles vão pesquisar os tipos de carros, e vão desenhar os carros, expressar o carro, aí a gente lança a palavra. Então toda a exploração é multissensorial, ela é visual, ela é auditiva, ela é motora ela é plástica, desde todo processo infantil.

Aí você absorve aquela informação como conhecimento, aí você identifica esse código em qualquer lugar que ele apareça.

Agora, com relação ao trabalho com leitura. A Dona Lourdes também trabalhava nas áreas carentes lá do município, e para introduzir isso, – por que a literatura ela faz parte da vida – como tudo era construído, essa cartilha era construída dentro da realidade, a leitura de jornais de revistas, de gibis de tudo, porque você tem um centro de leitura por sala, ela tinha que ser dinâmica, e tinha que ser mais enriquecida, e pra você ter essa fluidez desse circular variedades, ela levantava por exemplo nos jornais tinha Maria Mazzetti que era uma poeta que tinha poesias mais infantis bem interessantes, ela fazia coletânea dessas coisas todas e ia estimulando as crianças a lerem. Daí ela começou a ver a necessidade como não tinha dinheiro pra ta comprando livros toda hora, ela fazia campanha na comunidade pra aquisição de livros literários, ela fazia essas coleções de tudo que publicavam no jornal aí ela plastificava e levava pra circular na sala. E a equipe dela nessa época também tocava violão, então já tinha música no contexto curricular. Daí ela começou, com essa realidade de Mangaratiba, tudo o que fazia parte do município, culturalmente e realisticamente, então eles iam pra feira fazer compras, aprender matemática na feira, iam fazer a leitura com as plaquinhas das coisas que tinham no município, que tinha na escola, enfim, sempre com a cultura e com essa linguagem acoplada.

Daí, pela falta de recursos, ela criou o clube do livro. Junto com os professores, ela levantou os autores infantis, os livros interessantes e fazia o clube. Por exemplo, se tinham trinta crianças numa sala, eram trinta livros, trinta referencias diferentes e não necessariamente do mesmo autor. Aí cada criança comprava um, e aí levava um mês ou dois circulando para que todo mundo lesse os trinta, e aí depois trocava com outra turma, se tivesse no mesmo nível. Então eles acabavam lendo sessenta livros de literatura no ano, talvez mais, porque também tem o que é oferecido pela biblioteca.

Então tem essa característica de circulação dos livros. Aqui é da mesma forma, desde bebê, desde um aninho a gente tem a sacolinha do livro, que é a leitura do adulto para a criança, é a hora em que a gente lê para a criança, é a hora em que os pais leem para seus filhos. É lógico que demora mais, porque você tem dez, doze alunos, então são doze livros diferentes, que vão circulando, os pais leem, fica dois, três dias na casa, aí troca, e quando

todos circulam nós lançamos novas leituras. E acontece da mesma forma, com algumas adaptações, no Fundamental I e II.

FALE UM POUCO SOBRE OS TRABALHOS EM TORNO DA LEITURA QUE A ESCOLA REALIZA.

A escola se reveste de literatura por duas semanas. Aí a gente convida todas as famílias, convida escolas, enfim, é um evento aberto.

Os alunos se tornam autores e ilustradores das próprias obras. As vezes as crianças criam mais de uma obra, tem criança que cria duas, três obras, tem criança que faz livro em parceria com outra, mas pelo menos cada um faz um, e desde os pequeninhos. É lógico que a historinha do maternal é composta pela professora e a família, eles compõem uma historinha sobre aquela criança, com fotografia, com imagem dos pais e texto das professoras.

Quando ela começa a falar e a contar coisas, aí ela já vai montar o próprio livro. Isso com “n” recursos grafo plásticos, tem livro de caixinha, livro tridimensional, livro de pano, de garrafas, aí tudo vale.

O INDI HOJE, É O QUE VOCÊ IDEALIZOU?

Eu acho que o INDI superou, porque, a minha cabeça a quarenta anos era outra, a cada geração que a gente vai passando a gente vai aprimorando e enriquecendo. Esse projeto literário, por exemplo, começou mais simples, e ainda assim tão rico, com o clube do livro da Dona Lourdes, mas a gente expandiu com coisas que ninguém mais faz, eu tenho orgulho de dizer isso. Nenhuma outra escola faz, e eu vou te dizer que eu arrisco dizer no Brasil.

Tem feira do livro, quase todas as escolas tem hoje, tem trabalhos de exploração literária, quase todo mundo tem hoje, porque essa preocupação mais humanista da leitura está muito presente, graças a Deus, no mundo hoje, mas essa autoexpressão, essa condição de participar da maneira que eles participam aqui, com esses espaços, com vivencia política, social, literária, não tem. Isso eu tenho orgulho de dizer que não tem.

Entrevistada 2 – Maria Lima da Costa (Coordenadora do Ensino Fundamental I).**Realizada em 16/06/2015****A QUANTO TEMPO VOCÊ ESTÁ NO INDI?**

Tem 35 anos que eu trabalho aqui. Quando eu entrei, se eu não me engano os meus primeiros sete anos foram em sala de aula. Eu trabalhei com o 3º ano, com o 4º ano e com o 2º, sempre com o Fundamental I.

Quando nós viemos pra cá, eu trabalhei dois anos em sala de aula e depois a Júlia pediu que eu fosse ajudar nessa parte mais administrativa, tinha que mudar a estrutura de alguns espaços, a biblioteca, porque era uma arena, o laboratório também era uma arena, não era fechado, era tipo um caracol. E com a implementação do Fundamental II, foi necessário um espaço fechado, um espaço que acolhesse de maneira diferente, e aí eu fui ajudar na compra desse material, na organização disso.

Aí depois vim pra coordenação e quando foi implementar a biblioteca, mesmo não sendo bibliotecária, peguei toda uma orientação com a irmã da Júlia que é bibliotecária, e fiquei trabalhando na biblioteca, acho que foi a melhor fase da minha vida, eu trabalhei uns cinco anos na biblioteca, onde eu implementei o projeto de leitura, onde eu trabalhava organizando a biblioteca, mesmo não sendo bibliotecária e dava aula de literatura.

Depois a escola contratou uma pessoa e eu saí e vim de novo pra coordenação. Então são 35 anos de escola.

O INDI TEM QUANTO ANOS?

O INDI vai fazer 38.

COMO SURTIU A IDEIA DO FEST LIVRO?

Assim, o que acontece, quando eu trabalhava na 2, a escola tinha uma fama de que não trabalhava com livro, o que não era verdade, mas tinha essa fama por quê? Porque antigamente o mercado editorial era assim, se você adotava livro você trabalhava com livro, se você não adotava livro você não trabalhava com livro. E o INDI nunca adotou livro didático.

E antes, os projetos que envolviam muito leitura, era muito mais voltado pro trabalho didático, em 81, do que essa coisa do trabalho literário.

Então uma mãe de uma aluna chegou e falou assim “Lia, eu faço um trabalho muito legal”, ela trabalhava em uma escola classe, “lá na escola e quem me ajuda muito é o Brito da

editora Moderna”, aí eu fui lá com ela e peguei muitos livros, e a gente trouxe pra escola e começamos a trabalhar.

A partir daí a gente começou a descobrir autores de Brasília que podiam ir a escola e fazer um trabalho diferente pras crianças, então o primeiro autor que nós levamos de Brasília à escola foi o Guido Heleno, ele é jornalista, também escritor, trabalhava muito em parceria com o Jô Oliveira, mas tem muitos livros também sozinho.

Depois do Guido, aí a gente buscou, ainda na escola velha um autor que não fosse de Brasília, porque eu fui numa feira, e lá a gente encontrou o Ferruccio, ele não era só escrito, como ilustrador, e encantou com essa diversidade, porque ele contava as histórias e ao mesmo tempo ele ilustrava, e um traço muito firme e rápido, e os meninos ficaram encantados. E daí a gente vem sempre fazendo esse projeto crescer cada vez mais.

QUAL A IMPORTÂNCIA DE TRAZER O AUTOR PRA CONVERSAR COM O ALUNO? QUAL O DIFERENCIAL?

Ai Carol, são tantas que é até difícil dizer. Eu acho que essa possibilidade do autor com o leitor é rico pra ambos.

Nesse trabalho agora mesmo, nós priorizamos trazer vários autores que as crianças ainda não tinham tido contato, autores de Brasília. E na troca dos e-mails os autores já começaram a ficar encantados com o nível de perguntas das crianças.

Então assim, se você me pergunta, eu acho que é uma riqueza que é tão abrangente pra ambos, que não dá pra listar numa coisa só. Mas eu fico muito, uma questão que me traz uma satisfação muito grande, que é o brilho nos olhos deles na hora que eles recebem o autor, a hora em que muitas vezes ele toca o autor, porque parece que é uma coisa tão distante né?! E aí se eu pensar na minha época, que quase todos os autores que me pediam pra ler já tinham morrido, e aí ficava muito nessa distância. E o autor vem e muitas vezes senta no chão... então eu acho que é uma troca muito rica pra ambos, o João [Bosco] diz muito isso.

QUAL A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E PORQUE TRABALHAR COM ELA?

Eu vejo assim, primeiro essa questão da criança ser dona e ser autora dos seus próprios escritos, porque eu vejo que, agora mesmo, trabalhando com eles na produção do Sarau, trabalhando com eles agora no segundo semestre com o Fest Livro. Vê-los fazendo os seus próprios livros, tendo o prazer de apresentar os livros, observando o quanto eles absorvem o que você diz, porque a hora que eles pensam na linguagem em sala, eles trazem isso pra professora e ela vai organizando isso com eles, então essa diversidade da linguagem, esse

senso crítico que eles vão obtendo a partir da diversidade do que eles vão lendo. Porque não é só o autor que você diversifica, mas você diversifica o texto, porque quando você traz de uma editora ou de outra, cada uma tem um processo editorial diferenciado também.

O ato da desinibição da fala, da riqueza e da diferença que você vai percebendo, não só no texto escrito, mas na ilustração da criança. É uma coisa que acho fundamental, pra sempre, mas eu acho que é onde você mais enriquece, onde você mais apura isso, que é a imagem, que é a ilustração, pras crianças lerem a ilustração junto com o texto, das crianças comentarem, delas fazerem link.

Então a leitura, pra mim, caminha por aí, sabe, a importância desse ler, desse promover a leitura diariamente, diversificando o máximo que você pode, trazendo diversos recursos como a gente procurou agora mesmo, sempre trazer a música, o teatro, o corpo, a poesia, o cordel pra fazer parte desse trabalho, então eu acho que quanto mais abrangente, quanto mais você traz essa diversidade, mais você enriquece o trabalho do leitor.

COMO É A PREPARAÇÃO DO ALUNO PARA UM EVENTO DESSES, OU PARA O ENCONTRO COM O AUTOR?

Eu acho que a preparação não se dá em um encontro específico, ela se dá no como a gente pensa literatura, quando a gente está trabalhando lá com o maternalzinho e você vai receber um autor, você já fala daquele autor, já apresenta aquele autor, então as crianças já vão se preparando pra isso.

E aí é óbvio que também muitas vezes, você organiza com eles uma maneira de eles apresentarem o livro ou deles falarem com o autor. É claro que a gente tem uma preocupação de não ficar uma coisa cansativa nem pra um nem pra outro e começar a ficar fazendo as mesmas perguntas e tal.

Então a gente pensa na questão do tempo, a gente conversa com as turmas, principalmente dos maiores, quais são os principais interesses, o que ele gostariam de saber, estrutura isso previamente, orienta as crianças no sentido de como nós vamos receber o autor. É importante saber se ele quer concluir tudo o que ele tem pra dizer e depois a gente levanta a mão pra perguntar, ou se a gente tem que guardar aquela pergunta. Se de repente o autor prefere que a gente vá fazendo perguntas, então agente vai passando essas orientações, para ser respeitoso tanto pra um quanto pra outro.

Agora, quando a gente vai preparar um Sarau, uma Contação de história para o Festival, aí é claro, cada turma se transforma numa editora, e aí essa editora é responsável pela produção dos livros daquela turma. Então as crianças, desde o maternal vão escrevendo,

eles fazem a ilustração e a partir daquela ilustração eles vão contando e a professora vai escrevendo. Já no 1º ano, eles já começam a escrever os próprios textos e daí pra frente.

No Sarau a gente tem uma preocupação de trabalhar homenageando o autor, então ele é conhecido antes através da troca de e-mail, através da possibilidade que a gente tem de trazê-lo para uma prévia aqui com as crianças. Depois cada turma pensa numa linguagem, numa maneira de apresentar aquele livro, de falar do prazer daquela leitura pro autor, e aí o autor vem com o objetivo mesmo de receber a homenagem da turma.

E aí, pra turma, o que fica? Fica o trabalho de equipe, o trabalho em conjunto, a elaboração do texto, a elaboração da música, essa coisa de se sentir pronto para enfrentar uma plateia como eles enfrentaram na quinta e na sexta.

O que mais eu fico... Acho que a palavra é deslumbre mesmo, eu fico deslumbrada, é que quando você olha, você não sabe onde o trabalho começa, onde o trabalho termina, porque todos estão envolvidos da mesma maneira. Por exemplo, na turma da manhã eu tenho uma turma que eu tenho muitas crianças, especiais mesmo, crianças com dificuldades muito grandes, motoras e tudo, e no trabalho, você não consegue ver. Tamanho envolvimento. Então eu acho que não tem como não dizer que isso não é a literatura, que isso não é o trabalho em equipe, que isso não é o trabalho e o olhar cuidadoso do professor, o respeito a cada dentro do que você pode dar, dentro do que é possível pra você naquele momento, como quando eles dizem “não, não quero”, e eles podem voltar e podem voltar tranquilos pra sala, então eu acho que é um conjunto de coisas.

Por exemplo, uma das meninas que leu na sexta, desde que ela veio pro corredor que eu sempre falo com ela, é uma menina muito, muito tímida, e aí ela nunca aceitava e esse ano ela aceitou. E a mãe dela falando “Lia, eu já sei o texto de ‘cô’ e salteado, porque todos os dias ela chega em casa e ela ensaia, e adivinha quem eu tenho que ser”.

Então assim, esse exercício sabe, esse conhecer os seus medos, esse se sentir capaz, eu acho que também é um exercício que o trabalho traz.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES QUE O INDI PROMOVE PARA O INCENTIVO A LEITURA?

São várias. Desde que os meninos entram o primeiro trabalho é a escolha dos livros para o Clube do Livro, que é um projeto que envolve a escola como um todo. Na Educação Infantil até o 2º ano, as leituras que são desenvolvidas lá são semestrais, e eles leem esses livros, cada aluno tem um livro e aí esse livro leva o semestre pra rodar pra todos da turma.

Já aqui no meu corredor o trabalho é trimestral. A cada trimestre, se a gente tem 20 alunos, a gente divide e põe duplicado. Então ficam dez títulos duplicados e aí eles levam três meses pra fazer essa leitura. Já no Fundamental II, é um livro mensal para os alunos leiam durante o ano.

Só que é muito curioso, porque os meninos, além do Clube do Livro, eles tem leituras independentes, de livros que eles compram fora, na grande maioria e trazem pra escola, e aproveitam as vezes o horário de intervalo, ou o horário de plantão pra ler. Tem a biblioteca que eles sempre vão pegar livros, e aí as meninas tem essa incumbência de ficar sempre trazendo as novidades pra deixar exposto ali para incentivá-los. A gibiteca, essa coisa da gente sempre estar usando outros recursos, como, agora mesmo eles utilizaram o e-mail, um dos autores mandou um vídeo no face pra eles.

Então a gente vai diversificando e trazendo outras possibilidades. Essa coisa também das crianças produzirem seus próprios textos sempre, das crianças estarem sempre focadas em que ele vão construir os livros, e aí a turma é uma editora e ali tem uma amostra daqueles livros que ele fizeram, que eles construíram, então é assim.

E COMO É A ELABORAÇÃO DA AULA COM OS PROFESSORES? VOCÊS FAZEM COORDENAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DAS AULAS? PORQUE ELAS NÃO SÃO TRADICIONAIS, NÃO É?!

Não, você tem um conteúdo programático a ser seguido, como qualquer escola. O que a gente busca, dentro da metodologia, é atender aos pilares da metodologia, que é o lúdico, então na sala tem muitos jogos para a sistematização do conteúdo, na sala tem a mesa de artes, na sala tem a mesa de matemática, na sala tem a mesa de leitura e interpretação, na sala tem a mesa de exercício. Isso tudo acontece simultaneamente, não é assim “hoje nós vamos fazer artes, hoje nós vamos jogar, hoje nós vamos fazer matemática”, não! Está tudo ali. Então o primeiro momento é o momento de acolhimento, respeitando sempre a questão da autonomia.

Então na hora em que o professor vai planejar a aula, ele tem o texto que ele vai trabalhar, ele tem o exercício que ele vai trabalhar, ele tem na mesa de matemática qual é o jogo, qual é o exercício que ela vai fazer, na mesa de jogos tem qual é o jogo, qual é o croqui, que é um aproveitamento daquele jogo, qual é o trabalho na mesa de artes.

Tudo isso está dentro de um planejamento, e aí tudo isso vai nascer da questão da leitura, da interpretação, da autonomia, do movimento. Então a criança termina a atividade naquele centro, ela já sabe o que ela vai pegar, pra que centro ela vai o que ela vai fazer, entende? É assim que a gente se organiza no preparo das aulas.

E AS AULAS QUE SÃO NA BIBLIOTECA?

É assim, a gente tem cinco horas de trabalho, nós temos, duas aulas de educação física semanais, nós temos uma aula de música semanal e temos uma aula de artes semanal, e uma aula de inglês. E esses dias em que as aulas, por exemplo aqui, eu tenho dias que tem duas aulas complementares, e aqui as meninas vem para orientação e planejamento, então esses três horários aqui, se elas começam uma dinâmica, que é isso que eu acabei de falar, acaba ficando quebrada. Então aqui, por exemplo, na sala do terceiro ano, o primeiro horário é a hora do brinquedo, é uma hora, aonde as crianças trazem um brinquedo de casa, da Educação Infantil até o 5º ano, eles trazem brinquedo de casa e o objetivo é compartilhar, é brincar junto, é diversificar as possibilidades do brincar.

Então tem a hora do brinquedo, eles terminam, aí guarda tudo, organiza a sala, vem pra biblioteca, uma hora de biblioteca. Aí as vezes tem leitura do clube do livro, eles fazem escolha dos livros que eles querem na biblioteca, eles pegam livros pra levar pra casa, eles podem mexer nas estantes que eles quiserem, então, é sempre um horário, que todas as turmas tem, da Educação Infantil até o 5º ano para utilizar a biblioteca.

QUAL A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA NO AMBIENTE ESCOLAR?

A biblioteca pra mim é o coração da escola. Eu vejo que, é aonde tudo pulsa, que não adianta você querer que o aluno leia se você não tem uma biblioteca que atrai, que chama, que leva, que movimenta, sabe, que pulsa mesmo. Então eu acho que a biblioteca deveria ser o coração de todas as escolas, porque é onde você torna a criança curiosa, é onde ele pode viajar, onde ele pode descobrir.

Eu fico muito encantada quando eu ouço das crianças, como leitoras, coisas assim, uma vez a gente colocou, tem uma série de exemplos, mas eu vou te dar uns que mexeram muito comigo. Uma vez eu estava aqui na sala e chegou aluno meu do 4º ano gritando, numa felicidade, aí eu falei assim “o que foi? Fala Arthur” e ele “Lia, Lia, sabe aquele livro do Toni Brandão, ‘Foi ela que começou’?! Ele escreveu pra mim! Ele escreveu pra mim! É a minha história com a minha irmã”.

Uma vez a gente estava lendo um livro da Alessandra Roscoe e um aluno disse pra professora, e é um super ilustrador, aí ele disse assim “essa ilustração não está legal”, aí a professora disse “porque Francisco?”, “Ué, como que um peixe, ao ser pescado pode rir?”, né, então assim, coisas Carol, que você não tem a dimensão, sabe, do que é esse leitor. Você ouviu ali aquele dia a Manoela falando para o João, “ah, mas essa linguagem é muito difícil” e

aí a resposta dele para que ela refletisse com relação à linguagem, porque aquela linguagem, quando menino, era a linguagem que ele usava naquele lugar.

Então quantas coisas que eu poderia aqui, ficar listando pra você, e acho que é isso sabe, é esse encantamento mesmo, é isso que a gente busca promover todos os dias. Tem sim um cuidado na escolha dos livros, tem sim um cuidado com esse leitor, um cuidado com a biblioteca no sentido de ser um espaço onde eles estão sendo sempre convidados a entrar.

POR QUE VOCÊS OPTARAM POR SEPARAR A GIBITECA DA BIBLIOTECA?

Porque a Gibiteca é um espaço fora da biblioteca, aonde eles estão no intervalo, mas ao mesmo tempo, quem quer ler, está lá o convite pra ler, então mesmo com a coisa do barulho, com a coisa do corre-corre, eles encontram um espaço ali pra se concentrar.

A biblioteca exige isso não é?! A biblioteca é um espaço onde você entra e você não pode estar em movimento, não pode estar gritando, e você tem a sensação de que, se você está na biblioteca, você tem que estar em silêncio. Será que é só em silêncio que você pode mergulhar na leitura e essa leitura ser prazerosa pra você?

Então a Gibiteca está num espaço onde estão todos correndo, onde estão todos brincando, mas eu to ali, sentada, independente do mundo lá caindo, eu to aqui, concentrada e curtindo meu texto. Eu acho que, não sei se esse foi o objetivo da Júlia quando colocou lá, mas é assim que eu vejo um espaço e outro. Eles se casam, eles se complementam, mas ao mesmo tempo ele traz pra criança essa leitura de que em qualquer lugar eu posso ler, de que em qualquer lugar eu posso me concentrar e tornar aquilo prazeroso.

QUAL O PAPEL DO GIBI NA MEDIAÇÃO DA LEITURA?

Eu não sei se eu traria simplesmente o papel do gibi. Eu traria o papel dessa diversidade de tudo o que você lê, da imagem, por exemplo, a gente foi lá no face do André e pegamos muitas imagens. E aí essa coisa de que, muitas vezes, é mais difícil até pro pai, a gente encontra isso, porque, muitas vezes o que a gente vê e se você perguntar pra Maryne, pras meninas que trabalham na biblioteca, o pai vem comprar um livro e ele fica folheando pra ver quanto de texto tem o livro. Se é um gibi, a criança não está lendo, se é uma imagem, a criança não está lendo, se é um livro texto então, “que pobreza, não tem nada aqui”.

Então eu acho que quanto mais você diversifica, sem ficar procurando qual é a importância do X ou do Y, mais você torna um leitor apreciador de tudo isso, e crítico! Porque ele vai também identificando o que ele gosta, o que ele não gosta, o que dá prazer o que não dá prazer. Eu vejo assim, que, o que a gente tem que promover é essa diversidade e

fazer com que o leitor encontre o que lhe dá prazer em determinado momento, que não precisa você ser sempre O amante do gibi ou do conto, ou da fábula, mas que você vá descobrindo esses estilos e que você vá falando sobre esses estilos.

E COM RELAÇÃO AOS PAIS, A PARTICIPAÇÃO DELES, QUANDO O PAI É PRESENTE, QUANDO ELE NÃO É PRESENTE NO INCENTIVO A LEITURA, NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA COMO LEITORA. QUE DIFERENÇA VOCÊ PERCEBE?

Eu acho que a gente sente isso claramente, e a gente sente isso na postura da criança, que a criança está sempre buscando alguma coisa... É muito curioso quando as vezes eles contam “a minha mãe adorou aquele livro, ela pediu pra mostrar aquele livro pra amiga dela” ou “ah, eu não trouxe o livro do clube do livro hoje porque a minha mãe não terminou de ler”, porque aí você vê que ela leu com a criança, mas que ela quer ler sozinha. E aí a importância disso pros meninos sabe, e a satisfação com que eles trazem isso.

E a gente pede, todo ano, quando sai o Clube do Livro, pra que os pais possam ter um momento onde eles sentem com as crianças. Você viu na palestra da Iris né?! Trazer aquela questão da afetividade na leitura sabe, dessa troca, de construir essa coisa da história lida, de coisas que ele pode contar sobre a sua própria história. Então a gente sente muito isso. E aí não é vir ao Sarau ou vir a um evento, é essa coisa que é pra além, curtir com a criança, é na hora que a criança pede um livro, dar um livro.

Enfim, a gente sente a diferença de um pai que participa e de um pai que não participa, e quem traz isso pra gente são as próprias crianças, através das suas atitudes, do seu prazer.

Entrevistada 3 – Suzana Mendes Macedo Bolis (Coordenadora do Ensino Fundamental II). Realizada em 10/06/2015

HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ESTÁ NO INDI?

Vai fazer nove anos agora em fevereiro.

QUE DIFERENÇA VOCÊ PERCEBE NO TRABALHO DO INDI EM RELAÇÃO A OUTRAS ESCOLAS?

Existem vários diferenciais que eu percebo. O ensino aqui é um ensino muito humanista, a gente vê o aluno realmente como o aluno, isso na parte do emocional. Tem a parte cognitiva que a gente também não deixa de olhar, as vezes as pessoas pensam assim “Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil”, aí as pessoas pensam “é uma escola natureba, onde pode tudo, onde as crianças andam descalças e a parte cognitiva fica pra traz”, não! A gente não deixa a desejar pra nenhuma escola do Distrito Federal.

Mas a gente tem um outro olhar, inclusive pra essa parte. Por exemplo, no Fundamental II a gente não tem uma gama de exercícios, de conteúdos, de listas e listas de exercício pra que o aluno se mate dentro de casa na hora de fazer o dever de casa, no entanto, ele tem todo o conteúdo da Secretaria de Educação sendo cumprido, inclusive, a gente tem uma carga horária muito maior do que em outras escolas, por exemplo em história, geografia, ciências.

A gente antecipa algumas disciplinas, como por exemplo, no 8º ano eles já tem física e química, coisa que não acontece em outras escolas. Então a gente tem vários diferenciais de outras escolas, que as pessoas pensam que só porque é uma escola natural, que tudo tem que ser mais fácil. Não! É só que a gente trabalhar já desde o maternal com os quatro pilares do INDI, que é o emocional, o lúdico, o científico e o movimento. Então a gente não deixa a desejar em nada.

VOCÊ PERCEBE ALGUMA DIFERENÇA ENTRE OS ALUNOS QUE ESTUDAM AQUI DESDE O FUNDAMENTAL I E OS QUE VEM DE OUTRAS ESCOLAS E CHEGAM DIRETO PARA O FUNDAMENTAL II?

Sem dúvidas! Tem as percepções positivas e as negativas.

Os meninos que estão aqui desde o maternal, eles acabam se acostumando com todo o processo da escola, então tudo pra eles é conhecido, é como se eles estivessem em casa. Então eles já conhecem todos os alunos da escola, já conhecem como é o processo, exatamente porque, como eu comentei anteriormente, os pilares da escola fazem parte desde o maternal. Então a gente trabalha isso desde os pequenininhos até o 9º ano, tudo isso faz parte da metodologia da escola.

Tudo vai fazendo parte da rotina dos meninos, eles perpassarem por todos esses processos. A troca de sala, aqui as salas são salas ambientes, eles que trocam de sala, o carinho, a atenção, o cuidado individual com cada aluno, é uma opção da escola ter turmas pequenas, a gente não tem um super lotação, geralmente é uma faixa de 20, 22 alunos por turma, isso aqui no Fundamental II, nos outros são turmas ainda menores. Mas exatamente pra que a gente possa dar essa atenção, pra que a gente tenha esse cuidado com o aluno.

Hoje mesmo eu estava falando isso pras crianças. A gente sabe quem é quem, sabe quem é a família, entendeu? Sabe o que é cada ser humano, porque isso também faz parte da coordenação, dos professores. Os nossos professores são orientados a isso, a conhecer. Esse é o emocional, que a gente também se preocupa, porque isso está ligado ao conhecimento.

Aqueles alunos que chegam pra gente sentem isso. Eles dizem “nossa eu nunca fui tão cuidado como eu sou cuidado aqui” e cognitivamente eles não sentem, por quê? Por que, é o que eu comentei na pergunta anterior. Cognitivamente a gente não está deixando a desejar no mercado de trabalho, o conteúdo está sendo dado normalmente.

Eles são muito críticos, os alunos do INDI. A gente tem isso muito vivo, uma das coisas muito forte do INDI é a leitura, desde os pequenininhos. Então lá em baixo começa com o clube do livro, depois vem no Fundamental I com o Sarau, com os produtores literários, e depois vem pro Fundamental II com as aulas de literatura, cada série tem duas aulas de literatura por semana, separados de português, é uma professora de literatura.

Então é muito forte, a questão da leitura, e isso acaba estimulando muito a fluência do aluno, do se colocar do aluno. Então, os que estão aqui no INDI já tem isso muito natural e os que chegam acabam percebendo e entrando mesmo nessa onda da leitura.

COMO SÃO TRABALHADOS OS PILARES DO INDI DENTRO DO FUNDAMENTAL II?

Bom, eu costumo falar sempre isso para os professores. Tudo o que a gente vai preparar, de uma aula simples a um grande projeto, eu preciso ter isso sempre em mente! São quatro pilares que me movem para qualquer ação dentro da escola. Então se eu vou prepara

uma simples aula, eu tenho que ter o lúdico, que é pra poder incentivar o aluno. Eu posso começar um conteúdo com um jogo. Dali eu já começo uma explicação, então eu to trabalhando o científico. A partir do momento que eu estou jogando, se eu preciso me levantar da carteira, eu to me movimentando. E a partir dessas reações, eu percebo como está a minha reação, o meu emocional, o que a criança está sentindo.

Então assim, a gente pensa que são coisas complicadas, mas são quatro coisas muito simples, que a gente consegue trabalhar em todos os momentos da escola.

E separadamente, a gente consegue ver isso no corredor, porque como eu falei, são salas ambiente, então há a troca de sala nisso há o movimento fora da sala de aula. Existem várias saídas de campo no Fundamental II, a gente trabalha muito fora da escola também, e isso é o científico sendo trabalhado fora da escola.

Tem a questão do emocional, que eu falei pra você. Nós temos essa preocupação em conhecer o alunos, sua família, porque a gente sabe que se o aluno não está bem, como ele vai conseguir receber o conteúdo, não é?

COMO É FEITO O EQUILÍBRIO ENTRE O CONTEÚDO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E OS PILARES?

E eu acho que a gente não foge muito à regra. A gente foge muito de uma fala assim “estou preparando este aluno para o vestibular”, porque eu acho que isso é uma carga muito forte para um aluno, ainda de 8º, 9º ano, acho que é algo que ele deve se preocupar lá na frente. Isso, no entanto, não significa que a gente não se preocupe com isso.

É importante isso ser colocado! Nós estamos extremamente atentos aos conteúdos! Mas ficar assim “estuda isso porque se não você não passa no vestibular”. Eu acho que isso não contribui, é um peso muito grande pra uma criança carregar, porque querendo ou não eles ainda são crianças, não precisam disso. Então a gente quer o conhecimento de maneira prazerosa, e aqui a gente consegue isso. Tem problemas? Tem, essa não é uma escola perfeita, temos as dificuldades, mas a gente busca isso pros alunos, é realmente trazer o ensino de uma forma prazerosa. Por que o lúdico é tão importante? Porque eu consigo ensinar pra eles um conteúdo como, por exemplo, ditongo, mas eu posso trazer um jogo antes de simplesmente ir lá e ensinar simplesmente o conceito de ditongo. Eu posso ensinar de uma maneira prazerosa.

COMO O FUNDAMENTAL II TRABALHA A MEDIAÇÃO DA LEITURA?

Os meninos do Fundamental II tem aulas de literatura e são duas aulas por semana e nessas aulas eles trabalham todo o conteúdo de literatura e além disso, eles tem o momento de

leitura dentro da sala de literatura, então no começo do ano eles recebem uma lista, eles tem que ler por ano 12 livros, e são livros bem significativos, não são livros fininhos, e eu digo isso não por dar relevância a questão de página, mas são livros que realmente fazem sentido pra faixa etária deles. E a professora, além de dar o conteúdo em sala de aula, estimula essa questão da leitura.

Então eles fazem a leitura do mês, ainda tem uma leitura extra e o conteúdo é trabalhado dentro da sala de aula.

Fora isso tem os grandes projetos, que é, por exemplo, o Café Cultural, que é um projeto do Fundamental II. O tema gerador desse ano é “O caminho das águas”, que é o tema do ano. Então a gente vai ter apresentações diversas que são encabeçadas por literatura. Nós vamos trabalhar diversos autores que falaram sobre água, peças teatrais de autores que escreveram sobre isso. Então os meninos vão desenvolver leituras, poemas, teatros em relação a água e depois fazemos uma grande apresentação na escola com poesia, musica e dança, com todas séries do Fundamental II.

Então é muito forte aqui a questão da literatura, e ainda tem o português que também trabalha a leitura, diferente de literatura, mas eles não deixam de estar trabalhando leitura.

A questão do uso da biblioteca, realmente ela é pouco utilizada pelos alunos do Fundamental II. É mais para pesquisa mesmo, mas temos alunos que agora, com a renovação da biblioteca, começaram a ter um acesso maior. A questão da estética na biblioteca, precisa disso pra chamar o adolescente, porque se você não tem algo de atrativo realmente eles não vão.

Mas o que me chama muito a atenção nos nossos alunos é esse hábito de leitura. Tem alunos de sexto ano que leem livros que eu particularmente não leio, por conta dessa questão do gostar! Você vê que eles se entregam a leitura de tal forma... E livros assim, dessa grossura, que eu fico pensando “Meu Deus do céu, como que lê um livro desse?” Mas é porque eles gostam mesmo.

QUAL IMPORTANCIA DA LEITURA PARA O SER HUMANO

Eu acho que é isso que desenvolve várias vertentes e várias coisas. Porque se eu consigo ler, se eu consigo interpretar, a partir daí eu consigo ter um leque imenso de conhecimentos, a partir do momento que eu consigo realmente ter uma leitura clara e ter um entendimento, todas as outras coisas ficam mais fáceis.

E outra, eu acho que isso abre a cabeça da gente pra várias coisas, desde um despertar de conhecimento a um despertar de prazer. Então eu acho que por isso é tão importante, desperta minha criticidade, o meu entendimento, meu prazer, enfim, eu acho que é isso.

Entrevistada 4 – Juliana Maria das Graças (Professora de Literatura). Realizada em 16/06/2015

QUAL A IMPORTANCIA DA MEDIAÇÃO DA LEITURA?

É o aproximar o livro da criança. Quando você conta a história, só conta a história, você está contando e não está mostrando de onde vem. Quando você faz a mediação, você faz o encontro criança e livro. Você mostra pra ela “olha, a história está aqui, se você quiser você também pode ir e pode ir sozinha conhecer esse universo, descobrir outras coisas”, então a mediação serve pra quebrar barreiras, as vezes de linguagem.

No caso do Fundamental II eu faço um trabalho de literatura que eu seleciono as obras e quando eu trabalho Machado de Assis muita fica “ah Machado de Assis pras crianças, que absurdo”, na verdade você só precisa de uma mediação, de um encontro de ler um texto junto, de explicar, de colocar um contexto histórico, de explicar algumas palavras que ele não compreende, de mostrar que naquele momento ali ele está sendo irônico e aí você começa a descobrir o que é ironia. E a mediação nesse momento é importante pra você quebrar as barreiras, pra você promover um encontro de uma linguagem um pouco mais complexa as vezes, de um universo que não é o dele, ele precisa de alguém que promova isso, que esteja ali fazendo um intercâmbio, que esteja ajudando “ah isso aqui não é tão difícil assim, olha aqui” e ele percebe “ah é mesmo, não é tão difícil”, então, eu acho que a mediação, o contar a história com o livro na mão é pra promover esse encontro “ta aqui, se eu quiser eu posso ir sozinho” e aí ele vai sozinho depois, e eu acho que é esse o papel.

O que muda mesmo é o contexto. Machado de Assis não escrevia de maneira rebuscada, era a linguagem cotidiana, era mais certinho porque estava escrito, mas não era nada “Oh meu Deus, o que ele está falando?!”, não, era a língua corrente, era o que se falava. Não era nada de outro mundo. E agora, como muitas palavras caíram em desuso, parece coisa de outro mundo. O Machado na verdade, o que ele provoca muito, e aí eu sou contra ler uma adaptação do Machado de Assis, absolutamente, porque o grande lance dele é o narrador. Não é nem a história em si, a história é banal, um monte de gente conta a história da traição. Mas é como ele faz essa construção, é a crítica, a ironia.

Eu falo sempre pros meninos que o mundo hoje precisa de Machado porque o povo não entende ironia, você escreve uma ironia você tem que colocar o “kkk” na frente se não o cara olha assim “é sério o que você está falando?” e você tem que dizer “não, eu estou sendo irônico, você está vendo?!”. Aí eu brinco com os meus alunos e eles já saem por aí rindo

“professora eu vi um negócio que eu lembrei só de você, porque tinha que escrever ‘kkk’ porque a pessoa não estava entendendo a ironia e eu já imaginei você falando ‘tem que entender a ironia meu filho, isso é ironia’”. Ironia é um recurso muito fino, é um recurso que as pessoas não identificam. Está aí a “Marcha da Vadias” pra provar isso. Tem gente que discute “como ela que quer respeito falando que é marcha da vadias?” opa, ironia, ela está ironizando a situação, você não está vendo, não é obvio? Não, não é obvio. A gente pensa que é, mas não é, é algo que tem que se construir, você precisa de leitura pra entender determinadas coisas.

E aí, os meninos estão lendo e estão lendo muito, os “Crepúsculos”, os “Não sei o que” que a linguagem é muito fácil. Essa coisa de texto pra adolescente, ele é muito linear, é tudo muito simples, você já pegou pra ler? O herói grego do Rick Riordan com os olímpicos dele... o Percy Jackson! É tudo muito simples. Aí coloca que é um adolescente disléxico e tal, mas o texto é todo muito simples. É muito legal, ele coloca lá mitologia, que o menino se apaixona, mas é tudo muito simples, é tudo muito óbvio.

Aí você dá um texto um pouquinho mais complicado e eles estranham “opa, o que é isso?”. Os meninos estão acostumados a ler calhamaço, e eles falam “ah professora, fala sério esse livrinho”. No 9º ano nós vamos ler “A hora da estrela”, aí eles começam “ai professora eu tive que ler umas três vezes”, “professora eu não estou entendendo esse começo”, “caraca, esse livrinho desse tamanho está me dando um trabalhão danado”. Mas depois que eles conseguem quebrar essa barreira eles reconhecem “é muito bom professora”, “como assim? Como é que é essa construção?”.

Ou então você dá outro livro um pouco mais complicado, aí eles começam e falam assim “olha isso é muito legal” e começa a sair do óbvio, sair da linguagem direta, muito clara, muito simples.

COMO É A RECEPÇÃO DOS ALUNOS A ESSE RITMO DE LEITURA?

Não sei se é uma escola atípica, mas os meninos daqui leem muito, tem uma relação muito boa com leitura. Tem as preferências deles.

Como eu faço um programa de literatura fechado, eu não trabalho com o Clube do Livro como tem nos outros ciclos, eu tenho uma lista que eu entrego no começo do ano. Por exemplo, o 8º ano começou com a leitura de “Os três mosqueteiros”, porque eles viram Revolução Francesa em história mais ou menos no mesmo período, então eles vinham com essa bagagem histórica que é importante pra compreender determinadas leituras e pra começar a visualizar. Eu brinco com eles assim “lá em história você vai ver o fato, em

literatura você vai ver as pessoas dentro do fato, dentro daquele acontecimento. Como elas se sentem, como elas reagem, como elas se expressam”.

E aí, o primeiro livro deles foi com o desafio do texto integral, são 750 páginas mais ou menos, mas foi uma proposta que eu fiz no final do ano passado, falei que eles já podiam ir lendo porque seria a primeira leitura. E pra este livro eu dei 2 meses de leitura. Só que eu não proibi aqueles que falaram “ah professora, é muito difícil, pra mim é impossível ler esse texto integral, posso ler a adaptação?”, sim, ele vai ler o que é possível. Leitura não é algo que se obriga, quando você obriga, eu falo que a gente promove a cópia da internet. Quando você obriga o garoto a ler e fazer um resumo. O que ele vai fazer? Colocar da internet, ele não é bobo, ele tá na era digital, tem acesso a tudo. Se você bobear ele sabe muito mais de informática que você. Você chega na aula e fica “ai meu Deus, como faz isso aqui” e ele vem “ah professora, pelo amor de Deus oh, esse é o atalho”. Então eles sabem, e eles são muito safos, os mais espertos fazem paráfrase, outros vem com a cópia certinha, você encontra até as vírgulas. Você fala assim “gente que análise de Foucault que está isso aqui”, aí você vai ver quem fez, foi fulano, aí você já desconfia...

Eu acho que a gente leva a isso, quando você obriga ele a fazer resumo. Eu tento puxar, “por favor, sejam honestos, se você não der conta, parou na 50, vem e argumenta e faz de acordo com o que você conseguiu entender”. É mais honesto isso, não tem necessidade de fazer uma prova, um monte de questionário... Pelo amor de Deus, não é assim que você trabalha a leitura, você não vai formar nenhum leitor assim. Ler é pessoal, intransferível, cada leitura é única, então, você tem que respeitar, quando você respeita determinadas coisas, aí vem a parte da recepção, como ele recebe esses livros com tanto estranhamento? Por exemplo, o 8º ano, começamos com “Os Três Mosqueteiros”, partimos pro Victor Hugo, só que ele já era uma adaptação de “Os Miseráveis”, eu coloquei a adaptação. E aí quando chegou o Victor Hugo as meninas se apaixonaram.

Alguns gostaram muito de “Os Três Mosqueteiros”, eles diziam “ai que barato professora, realmente é muito diferente ler o texto integral”, e eu falava “é, a adaptação não é a história, é uma versão da história”, você falar “ah eu li “Os Três Mosqueteiros” e você leu lá uma adaptação da história, quer dizer, não, você leu uma versão da história, não é a história, não é o Alexandre Dumas, é outro autor.

Então eles começam a perceber isso, por eles mesmos “ah, agora ficou muito fácil, ler isso aqui está muito fácil, depois de passado por aquilo lá”. E aí eu peguei uma aluna que ela lê sempre, (e eu acho que ilustra bem isso que você falou da recepção) lê muito, está sempre com os livros dela “*Maze Runner*” (eu fico brincando com eles com essa coisa do inglês, que

é sempre o nome em inglês) e aí ela olhou pra mim, depois ter lido “Os Miseráveis”, e disse assim “professora, gostei muito desse livro, eu chorei” aí eu falei “que bom! Olha aí, primeiro livro que você gostou” por que ela está sempre reclamando “ah esse livro é horrível professora”, e eu sempre digo que a gente vai se acertar um dia.

Eu não espero que todo mundo fique apaixonado por todos esses livros, mas tem história que a gente precisa trabalhar. Você está trabalhando narrador, argumentação, enfim, outras coisas que não só o prazer. E o prazer a gente vai fazendo outras formas, vai tentando descobrir o prazer nesses clássicos também.

E tem aquela coisa que o Harold Bloom fala sobre a importância de ler clássicos e o papel da escola nesse momento. Tem livro que se não for na escola você não vai ler, e tem coisa que você precisa, mesmo que você despreze depois, mas precisa passar por ela, pra você entender o que é aquilo, por que se fala daquilo, por que ele é clássico? É só por que canonizou? Não, vamos tentar entender, e aí quando você entende isso, ok, você tem toda a liberdade.

Tem coisas que a gente tem que fazer na escola. E aí a gente que ir tentando dar um jeitinho de não ser tão sofrido, de ser mais prazeroso, de tentar entender o porquê daquilo ali, não simplesmente “vai ler porque tem que ler”, vamos tentar entender o porquê disso aqui, pode ser que você não goste muito, mas você vai pelo menos entender e vai poder optar por “quero ou não quero”, não simplesmente falar “não quero” e não ter visto, “não gosto de jiló, nunca comi, não gosto”. A gente acaba nesse “ai que horror, sou obrigado a ler” com os clássicos, com a “literatura da escola” que chamam.

É INTERESSANTE PORQUE SE FALA MUITO ISSO SOBRE A MATEMÁTICA, “OS ALUNOS NÃO GOSTAM DE MATEMÁTICA PORQUE NÃO FAZ SENTIDO PRA ELES, ENTÃO VAMOS TENTAR DE UM JEITO QUE FAÇA SENTIDO”. MAS EM TERMOS DE LEITURA, DE LITERATURA NÃO SE PENSA DA MESMA FORMA. EU ESTUDEI EM UMA ESCOLA TRADICIONAL, ONDE NÃO HAVIA ESSA MENTALIDADE DE MEDIAÇÃO. ACABOU QUE MUITOS LIVROS EU NÃO LI.

Você leu um resumo, fez a prova e passou. É isso aí. Mas você não construiu vínculo, às vezes tinha coisa que você ia gostar. É bem possível que você descobrisse algum autor lá do século XIX que fosse te encantar, mas o trabalho te atropelou.

O Ensino Médio atropela. Eu falo pros meninos, eu não me preocupo muito em entrar nas escolas, eu vou falar qual escola que ele está, o momento que em a gente estiver estudando. Então, a gente está estudando Machado de Assis, essa obra é romantismo, isso aqui é realismo. Mas não é o meu foco, por quê? Porque você tem o Ensino Médio todinho

pra bater isso na sua cabeça e vai ser só isso, porque as obras mesmo que você precisa pra fazer sentido aquele período você quase não vê. É tanto conteúdo, tanta coisa pra decorar fazer prova, que o mais importante de tudo que é a obra, o texto em si você não vê.

E aí você vai pegar todos os teóricos, os melhores que você já leu de literatura e ele vai falar assim “ok, legal a teoria, agora vai lá na obra que isso é mais importante”. Antônio Candido fala isso de Machado de Assis, ele que tem vários artigos, vários estudos sobre a obra de Machado e ele fala “esquece tudo o que eu falei e vá ao Machado de Assis”, o Ítalo Calvino também fala que não há ninguém que fale de um livro que seja mais importante que o próprio livro em questão. Sempre a obra é mais importante do que toda aquela análise que a gente faz. A análise é só pra escola né, serve pra isso, pra gente dizer “ah ele está em tal período, em tal escola”. E a obra? Pra que serve toda essa análise, essa construção se você não tem acesso à obra? E aí o Ensino Médio tradicional do Brasil que foca em vestibular faz isso, é só pra você fazer prova de vestibular.

Eu por exemplo, critico muito quando falam assim “ah, mas é um absurdo ele interromper o Ensino Médio porque passou na UnB no segundo ano”. Por quê? Pra que serve o Ensino Médio hoje? Não é treinamento de prova? Se ele passou na prova, então ele não precisa disso, ele já está provando que ele não precisa disso. Tem vários ex-alunos daqui, tem uma turma que quase toda ela passou na UnB antes de terminar o terceiro ano. Teve um deles que estudou o conteúdo do terceiro ano todo sozinho pra fazer a prova e passou antes de começar o terceiro ano. Passou pra artes plásticas e agora está lá em Praga com o grupo de artes, da UnB também, com um projeto, estão lá montando a exposição. Ele está lá, ele passou e não fez o terceiro ano. É atípico porque são meninos que vem com um trabalho de autonomia, que eu acho que é o mais importante.

Eu li com a turma desse aluno Vidas Secas no 8º ano, eles tinham maturidade para aquilo. Também tem que saber qual é a turma que você está trabalhando. Você não vai jogar Vidas Secas pra qualquer turma, pra qualquer pessoa. Por isso tão complicado trabalhar isso com séries, leitura deveria ser trabalhado por grupos de interesse, não por série. Porque a sua idade não tem nada a ver com a sua relação com a leitura ou com a sua maturidade. Se você chegar bem perto você vê isso “olha, aqui ali tem uma maturidade que aquele outro cinco anos mais velho não tem, ele tem uma percepção de leitura que aquele ali ainda não tem”, porque leitura é individual, aí você trabalha em grupo, como é que você faz isso? A gente tenta amenizar.

Conhecendo a turma aí eu coloco “essa turma aqui eu posso trabalhar Vidas Secas, essa outra aqui não dá pra trabalhar ainda não”, pelo menos cinquenta por cento tem que estar

preparado pra levar, se não, é uma tormenta. Um livro lindo, maravilhoso, super bem escrito, mas, é você pegar Graciliano Ramos e jogar no lixo. Você vai passar, o menino vai ficar com raiva, acha aquele livro um saco, jogou no lixo, você não preparou. E é isso que a gente faz, o Ensino Médio faz isso, pega o autor e simplesmente joga fora, nunca mais o menino volta.

COMO VOCÊ MONTA SEU PLANO DE AULA?

Eu tento conciliar algumas coisas, eu penso um pouquinho no contexto de história para algumas obras, como o caso do 8º ano que eu te falei. O sexto ano, tem uma época que eles estudam o período clássico, Grécia, etc., e aí eu coloco lá Ilíada, Odisseia, hoje em dia eu já abri, eles podem escolher, por exemplo, Percy Jackson, nesse período. Por que uma coisa complementa a outra. Quando eles estudam lá Revolução Francesa e veem em história e depois em literatura eles ficam impressionados “nossa eu vi em história, esse personagem aqui existiu de verdade” e consegue fazer conexão.

Além disso, tem determinadas coisas que eu acho importante serem lidas em determinado momento, por exemplo, “Capitães da areia”, esse é fundamental. Pra mim é um desespero você conhecer um menino que estudou nas melhores escolas da Bahia e fala que nunca leu o Jorge Amado, isso é um crime com a literatura brasileira, com a história do Brasil, com o Jorge Amado. Você pega meninos franceses que leram o Jorge Amado, e aqui? Como assim não leu Jorge Amado? Vamos dar um jeito, vamos ver, vamos mostrar. E eles se apaixonam. As pessoas subjulgam “ah eles não tem capacidade de entender isso ainda”, ele tem toda capacidade! E é surpreendente as vezes a resposta que eles dão com essas leituras.

Então na hora de montar eu penso muito em coisas que são importantes, por que elas são importantes. Por que é importante ler Jorge Amado? É uma questão de identidade, um povo que não tem identidade que não se conhece, não se respeita. Você olha pra fora e acha tudo lindo maravilhoso. Pelo amor de Deus gente, você olha pra esse bando de plástico colorido e tá achando que é mais bonito do que um trabalho de cerâmica feito, uma construção que você fez aqui. Não, vamos nos conhecer, vamos ver o que é isso.

O sexto ano é sempre um pouco mais complicado, é um pouco mais genérico porque é uma turma que eu não conheço, então eu me baseio pelo que deu certo no ano anterior. Todo ano eu troco, Marco Polo por exemplo, eu achei que eles fossem adorar Marco Polo pela questão das viagens, aí eles “professora, é horrível esse livro”, e foi um desespero. Esquece esse livro, a gente guarda ele na gaveta e não vai ler ele mais, não por enquanto, de repente daqui a pouco eu descubra um meio de ser um pouco mais agradável, a gente volta.

Se torna até um trabalho de leitura de sentidos. É um projeto que eu tenho de leitura sensorial, que é você entender que ler vai muito além de decodificar as palavras, você lê as cores, o cheiro, que te ativa coisas da memória, faz você entender algumas coisas. Quando você vai ler o texto ele está cheio de sentidos, as metáforas. Se você for pensar bem nas figuras de linguagem, tem muitas coisas sensoriais, muitas delas tem relação com os sentidos.

Então ler vai além do texto em si, vai da sua percepção, do seu conhecimento de mundo. Tem um alemão, Izer, que ele fala sobre essa questão de leitura, que é o que você traz de conhecimento do mundo, o que o autor conhece e coloca no texto, você junta tudo aquilo e você faz a sua leitura, por isso a sua leitura é única, é pessoal. A minha leitura é minha, a sua é sua, e a gente pode juntar e trocar algumas coisas. Mas o que você leu, não é o que eu li. Lá tem limites de interpretação, isso é uma coisa, agora, o apropriar-se da leitura... a literatura como arte só se conclui na leitura. Por que aí vem a sua sensibilidade, o que você consegue perceber, e por isso você ler um mesmo texto numa idade e depois em outra é outra coisa “olha eu li isso quando eu tinha tantos anos, eu li agora, cara acabou comigo essa leitura”, por quê? Você viveu isso, aquilo, você carrega isso tudo pra sua leitura e aí você constrói uma nova leitura. É igual um rio, toda vez que ele passa ele é novo. Toda vez que você lê aquele texto ele é novo pra você, e isso é fantástico! E os melhores textos te proporcionam isso, agora se for muito raso, como ele vai te proporcionar isso? Ele não te dá muitas leituras, como você vai fazer?

Eu to lendo com o 9º ano “A terceira margem do rio” do Guimarães Rosa, preparar para o café cultural. Aquilo ali é um abismo. Você começa a ler aí você vai “ah professora, percebi isso, percebi aquilo” e de repente outro fala assim “mas e isso”, “nossa, não tinha percebido isso antes, eu li tantas vezes e não enxerguei isso” porque o texto te dá, tá ali um monte de coisas, e você vai juntando com o seu conhecimento...

OS ALUNOS CONVERSAM UNS COM OS OUTROS SOBRE OS LIVROS?

Muito! A gente tem um mês pra cada livro. Esse texto, por exemplo, é um conto. Então a gente sentou na sala e foi ler o conto, “que que é isso?”, Guimarães Rosa é um livro um pouco complicado para um garoto de 14 anos, tem muitas coisas que talvez ele só ia perceber daqui a alguns anos, outras... Tem menino muito sensível, você fala assim “nossa, nessa idade esse menino já percebeu isso”.

E aí tem que ter conversa, como é que você joga um negócio desse lá e aí deixa ele sozinho? Tem que trocar, tem que trocar, se não houver a troca não faz sentido eu colocar todo mundo pra ler um livro.

FALE UM POUCO SOBRE A TRÍADE FILME, LIVRO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO CONTEXTO DA MEDIAÇÃO DA LEITURA; SE ATRAPALHA, AJUDA, POTENCIALIZA.

Depende de como você trabalha. Acho que pode potencializar, pode acabar com tudo, tem livros que eu insisto em trabalhar com ele mesmo sabendo que eles já viram o filme.

Com o 7º ano, eu trabalho a “Ponte para Terabítia”, tenho certeza que eles já viram, boa parte pelo menos, mas o livro é muito especial, e eles percebem, eles sabem. Como são meninos que leem muito eles já tem a noção de que o livro é mais completo, de que ler o livro antes é melhor do que assistir e depois ler.

Esse ano a gente fez um livro do Selznick, o “Sem fôlego”, e ele é um livro em parte da história é narrada com texto e a outra parte é ilustração. Não é uma história ilustrada, ele é contado com as duas linguagens. São dois personagens separados por cinquenta anos, um menino e uma menina, e a parte da história da menina é contada com ilustração, e a parte da história do menino é narrada com narrativa tradicional. E aí ele vai contando a história dele e vai aparecendo a história dela intercalado. E as histórias vão caminhando. Tem um momento na história que ele perde a audição e acontecem várias coisas que, como dizem os meninos, eu não vou te contar pra você poder ler. E ela, na verdade, é surda desde o começo, então a história dela contada com ilustração faz todo o sentido. E em algum momento as histórias vão se cruzar.

E esse cara é o cara que escreveu o “Hugo Cabret”, lembra? Eu adoraria ler com eles, só que esse eles já viram no cinema, e quando eu li o “Hugo Cabret” e fui para o cinema foi uma coisa, porque ele tem uma narrativa impressionante, ele nasce da ilustração e cai... É uma conversa das duas linguagens. Mas é uma conversa de linguagem, não é uma adaptação.

Eu acho que você pegar Machado de Assis e levar para o quadrinho é um negócio perigoso. Meu marido faz quadrinho, ele já fez adaptação da “A Cartomante”, pra quadrinho, e foi um trabalho absurdo, porque como é que você adapta o narrador no Machado? Se você coloca um monte de narrador e imagem não faz sentido para o quadrinho. Ele, na verdade, você está narrando com as imagens e aí você coloca os diálogos. Agora se você coloca um monte de narrador vira uma história ilustrada, não é um quadrinho, porque quadrinho é uma linguagem, é uma linguagem gráfica. Como é que você faz Machado de Assis se o importante dele é esse narrador? Como é que você muda isso? A história é banal, muito boba pra você... “ah é pra incentivar a ler” não você não está incentivando a ler o Machado, é outra coisa.

Agora, eu trabalho com eles o Oliver Twist do Charles Dickens e depois desse a gente lê o “Fagin, o judeu”. Fagin é o personagem que está lá no Oliver Twist, é um vilão na história, ele alicia menores pra roubar. Aí o Will Eisner, que é um quadrinista importante, vem e faz o “Fagin, o judeu” que na história está narrado o tempo todo, Fagin, o judeu. Você começa a criar o estereótipo do judeu espertalhão. Aí o Eisner fala assim “pera aí, eu vou contar a minha versão da história”, ele vem com o Fagin narrando em primeira pessoa com a versão dele da história.

Aí é outra coisa, é uma novela gráfica diferente, não é simplesmente adaptar. É uma história a parte, ele está brincando, conversando com aquela outra história. Adaptação eu acho muito perigoso, tem coisa que funciona, tem coisa que eu tenho até medo de ver. Eu soube de uma do Guimarães Rosa, do “Grande Sertão”, obra de arte caríssima, 200,00 reais o livro, uma adaptação para o quadrinho. Parece muito bonito. Mas eu não tive coragem de olhar, porque “Grande Sertão” foi meu trabalho de monografia, sou apaixonada por aquela obra, e aí eu fiquei com medo de olhar, não tive coragem, o que ele fez com isso tudo? Talvez tenha sido um trabalho muito bonito, mas tem que se entender que é outra coisa.

Se você entende como outra coisa, tudo bem. “O iluminado” do Stephen King; a adaptação do cinema é uma obra de arte fantástica, brilhante, maravilhoso! Mas não tem muito a ver com o conto não, inclusive o dono do conto não gosta muito daquela adaptação. É a leitura do Kubrick, você tem que entender que cinema é a leitura do diretor, é outra coisa. Ele escolheu aquilo ali pra contar, da história toda, de tudo o que há de importante, pra ele aquilo ali é mais. Então você pode usar dessa forma. Ou aquele conto que é do mesmo autor do “O iluminado”, “Um sonho de liberdade”, já assistiu? É brilhante, ele conversa muito bem com o conto, mas tem lá as brincadeiras da adaptação do cinema, porque o Red lá no livro ele é ruivo mesmo, e na adaptação do cinema ele é negro, mas é uma brincadeira do diretor, porque o Morgan Freeman é o narrador perfeito para aquilo ali. Então o cinema pode sim conversar.

Eu uso o cinema pra explicar narrador, eu uso aquele “Mais estranho que a ficção” para a gente falar de narrador e é ótimo porque ele está vivendo a vida dele e de repente ele começa a escutar o narrador “Harold Crick escovava os dentes 25 vezes por dia...” e aí ele começa “Quem está aí? Quem está falando comigo?” e aí ele vai procurar um analista e de repente ele procura um professor de literatura e aí ele fala assim “como é esse narrador? O que ele diz? A gente tem que descartar situações, por exemplo, se é uma comédia você vai viver, se não você vai morrer. Olha, nessa situação aqui você precisa morrer”. Então ele vai brincando com a história e eu uso pra explicar, porque é visual né, é claro, ali tem uma

dinâmica, melhor do que eu ficar falando, falando, repetindo, repetindo. Tá ali, você não esquece nunca mais.

“Ah, como assim, você consegue reconhecer um autor pela narrativa dele?” Reconhece, se você estudar bem, ler bastante você conhece. Quando você vê na internet e está lá o texto de Clarice Lispector... não é, você percebe que não é Clarice nem aqui nem na China, não é narrativa dela, não tem nada dela, pelo menos, você fala assim, “eu preciso procurar muito mas isso não parece com texto dela não, não coincide o tipo de narrativa, o tipo de argumento ou as coisas que ela escolhe para falar”.

Enfim, você pode usar sim cinema, quadrinhos. Só tem que ter cuidado, saber que são coisas diferentes, adaptação é escolha do diretor ou do quadrinista. As vezes você vai no texto integral e não vai achar certas coisas que estão da adaptação. E os meninos são bons, eles são críticos pra caramba “as professora, horrível aquilo, a adaptação é um horror, aquilo ali não existe no texto, não tem sentido” sim, mas as vezes é uma coisa necessária pra contar a história daquele jeito, as vezes é necessário ele inventar um personagem que não tem porque se não capenga a história. Quando você destrói um narrador, você tem que inventar outros elementos para sustentar a história. Ou a Capitú com a história da traição, isso nem é o mais importante, tem um monte de coisa mais importante e um monte de gente escolhe focar naquilo ali, é a escolha de que está recontando, se apropriando da história.

Mas é bom, as tecnologias são ótimas, os clássicos você pode baixar, as vezes não tem acesso, mas tem lá em domínio público no site do governo, você pode baixar lá. Eu falo pra eles, pensa como era em 1800. Eu levo o 9º ano para visitar o Museu da Imprensa. A imprensa chega ao Brasil em 1808. Mas como era isso antes? 80% da população era analfabeta, como que você produz o livro? Revolução Industrial, a ascensão da burguesia, que diferença faz? Ah, mais gente popular vai ler o livro, sem formação clássica, então o texto tem que ser um pouco mais simples, ele não conhece aquilo ali pra você encher de referência.

Então tecnologia faz parte, tem que conversar com isso. Hoje é muito fácil, tem tradução, em dois tempos você está com o livro traduzido. Você não precisa falar alemão pra ler o livro, imagina estudar filosofia só em alemão. Não basta conhecer a língua, você tem que conhecer profundamente a língua. As vezes “ah, eu falo alemão”, ok, você vai fazer um estudo de filosofia? “ah, eu não estou preparado”. Não é só ler, você não vai pegar aqui e só ler mais ou menos.

É óbvio que hoje a gente tem a facilidade de ir atrás de pesquisar quem traduziu, de quem traduziu. “As mil e uma noites” a gente só tinha tradução do francês, que já era uma versão do texto original. O que ele faz com aquilo? Ele corta o que ele acha que é absurdo, na

tradução. E agora você tem uma tradução que é bacana, que veio direto do árabe para o português, que foi um estudioso da USP que fez, o cara está lá mergulhado naquela língua. Faz diferença! E aí a gente tem acesso a isso. Jamais eu ia ler “As mil e uma noites”, ia demorar séculos pra chegar até lá, mas está aí!

Agora, você vai estudar Shakespeare, você sim que estudar profundamente a língua, por quê? Porque grande parte da riqueza de Shakespeare está na linguagem, nos neologismos, nas coisas que ele construiu na linguagem. Dizem que ele fez um trabalho muito importante para a língua inglesa. Como é que você vai estudar Shakespeare traduzido? Não, você tem que aprender inglês e aquele inglês lá pra entender que diferença faz aquilo. Então serve pra gente ler, pra conhecer, mas muitas coisas importantes dele você perde com a tradução.

Tem um monte de coisinha bem complicada, e você tem que começar a trabalhar isso com os meninos. Vai ficar só fazendo graça? Não, você começa a falar de coisa séria. Isso aqui é bom por quê? Ou então o menino fala “ah o livro é legal”, ok, agora vamos falar o que é importante no livro, vamos mudar o seu discurso, porque você vai pegar meninos falando “ah é chato esse livro, não gostei” ou “é legal”, mas o que é legal?

E isso é muito divertido porque eles começam a descobrir coisas, por exemplo, teve um semestre que os meninos do 7º ano descobriram a palavra “prolixo”. Um deles chegou com o “prolixo” e eu perguntei o que significava, aí ele explicou e explicou direitinho. Aí eu falei “que bacana, que bom que você sabe o que é que você está escrevendo” e ele justificou “não, eu perguntei pro meu pai o que eu poderia escrever, um sinônimo pra eu colocar aqui e ele me deu essa palavra”. Nossa, a turma achou o máximo e tudo virou “prolixo”, “prolixo” virou um verbo. E eu ri de mais, olha aí o que é isso, você começa a descobrir novas coisas.

Eu falo pra eles, você precisa começar a argumentar, por que ele é ruim? Porque ele enrola muito pra descrever... Então é por aí, e você começa a brincar, inventando coisas, brincando com as palavras.

Entrevistada 5 – Maryne Medeiros (Bibliotecária). Realizada em 15/07/2015**FALE SOBRE A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DA LEITURA**

Eu acredito que mediação seja facilitar que o usuário encontre a informação correta. Esses dias eu li uma frase, eu não lembro bem qual é o autor, mas a frase diz o seguinte “a biblioteca funciona como um filtro”, ou seja, a partir seu do usuário real você vai, lá na seleção, escolher os livros e obras que melhor vão atender aquele seu usuário. Aí já começa esse filtro, porque nós temos inúmeras informações, a partir do momento que você faz uma seleção de acordo com o seu público.

E na seleção você faz a análise do livro, que envolve uma série de coisas desde quem é a editora, qual o tipo de material que tem, porque, por exemplo, se você tem uma biblioteca escolar, é melhor que você pegue um material que seja mais resistente, porque as crianças acabam manuseando ele de forma que ele se desgasta com mais rapidez, então, mediar é facilitar, é buscar a informação correta para o seu usuário e levar pra ele essa informação, fazer com que o usuário encontre o livro certo e o livro encontre o seu usuário certo, como disse o Ranganathan.

Além disso, dentre os serviços que a gente presta para o usuário, que eu acredito que sejam exemplos de mediação, aí a gente pode citar o serviço de alerta, você está sempre informando o seu leitor sobre o que a biblioteca tem de novidade, para ver se vai interessar ao seu usuário, o serviço de informação seletiva, você enviar já quase que pronto, as informações que são interessantes para determinado grupo de usuários reais que você tem na sua biblioteca, e até mesmo serviço de referência, que você vai guiar seu usuário, vai ajudá-lo a transformar aquele problema inicial numa questão mesmo de referência, que a gente possa ajudar ele a buscar a obra que vai realmente atender a sua necessidade informacional.

Então, é um elo entre a obra e o usuário. E nós somos esse elo, os profissionais da informação, bibliotecário, arquivista, museólogo.

E A MEDIAÇÃO DA LEITURA EM SI, COMO A BIBLIOTECA FACILITA ESSE ACESSO, O QUE ELA FAZ PARA ATRAIR OS ALUNOS À LEITURA?

Desde que eu cheguei aqui, a primeira coisa que eu gostaria de fazer, e fiz, felizmente, foi mudar um pouco o *layout* da biblioteca para que a gente pudesse ter diversos espaços. Então nós temos o palquinho, que é um espaço para apresentação nossa mesmo, dos alunos, as vezes os professores levam ele para apresentarem, enfim, se divertirem.

Nós separamos o espaço para os alunos da educação infantil, colocando o tatame, na verdade ele já estava lá, mas nós separamos e colocamos os livros próximos ao tatame, que é voltado para aquele público, acredito que isso seja uma forma de facilitar para eles. Você já colocar os livros de forma que eles alcancem, eles são pequenininhos, então a gente já pensou em colocar as estantes ali, os livros numa altura mais baixa para que eles tenham autonomia de ir lá e pegar o livro.

Outra coisa que nós fizemos foi pintar o espaço, porque as estantes eram todas bege, então nós pintamos de várias cores, acredito que isso chamou a atenção. Nós tiramos livros novos que estavam guardados e expomos, e apresentamos para os alunos, inclusive fizemos um trabalho em cada corredor apresentando esses livros para que eles soubessem que esses livros estavam lá e podiam ser emprestados e que eram livros novos. Quando nós fomos apresentar os livros novos nós aproveitamos e contamos duas histórias para o corredor da educação infantil.

Então, eu acredito que o interesse foi grande, como eu te falei anteriormente, muitos pais vieram fazer carteirinha, porque antes não tinha livro que atendia determinada faixa etária e a gente colocou, então passou a ter.

E outra coisa, a decoração, a gente sempre procura colocar na decoração, aquilo que está sendo trabalhado em sala de aula. Por exemplo, teve a páscoa, aí a gente separa livros que vão falar sobre a páscoa. Então a gente expõe esses livros para que os alunos tenham um acesso mais direto. E a gente faz pesquisa sobre o que é a páscoa, o significado, separa numa pasta e também deixa lá pra eles poderem pesquisar. Então eu acho que isso tudo facilita.

E outra coisa bem bacana foi apresentar a biblioteca para os alunos. Eu acredito que isso é uma forma de você mostrar pra eles o que você tem, quais os diferentes documentos, onde eles podem procurar determinada informação. Então toda turma que foi na biblioteca no início do ano, nós apresentamos o espaço pra eles. E, vira e mexe a gente vai na sala, leva algum projeto que está sendo feito, por exemplo, pelo plenário, por exemplo, do ECA. O ECA completou 25 anos, então nós falamos pros alunos, perguntamos se eles não queriam participar do concurso de desenho pra ilustrar a capa do ECA.

A gente sempre tem um contato com eles, tentando incentivá-los a participar de atividades externas à escola. Acredito que é válido também você falar de um evento que está acontecendo na cidade, e que é sobre leitura, é uma outra forma de incentivá-los e de mediar a informação.

FALE SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Quando eu penso em leitura eu sempre penso além dos livros, porque você faz uma leitura do mundo. O grande exemplo que eu gosto de usar é quando você é um bebê, e com o passar do tempo você começa a se vestir de uma forma, você se comporta de uma forma, e isso é resultado de um costume, e é um costume que é passado, mas é passado de forma não escrita, é passado de forma visual, você olha os seus pais muitas das vezes imita, o bebê imita o adulto, então toda essa formação, a formação da personalidade é feita através do olhar, da escuta, não daquilo que você lê. Então a leitura não se restringe aos livros, mas com eles também, é claro, você desenvolve sua personalidade, seu modo de pensar, o seu senso crítico. Os livros te proporcionam inúmeros conhecimentos de um assunto e a partir daquilo você forma o seu conhecimento, então a forma como você vai lidar com o racismo, por exemplo, com a religião, sofre influencia da leitura que você faz, de um autor que defende determinado ponto e outro defende outro ponto de vista, então, a sua formação é a união disso tudo, você vai concordar, discordar, com esse você concorda um pouco, com aquele mais um pouco e daí você forma o seu conhecimento.

Ler, além de te ajudar com a técnica, com a escrita, com a melhoria do seu vocabulário, você conhece palavras novas, você conhece diferentes tipos textuais, diferentes linguagens, ela contribui como seu desenvolvimento pessoal mesmo.

FALE SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR, COMO ISSO SE DÁ, QUAIS SÃO OS RECURSOS EMPREGADOS PARA FORMAR UM LEITOR.

Acredito que a formação do leitor tem início lá no maternal quando você apresenta pro bebê o livro, você já começa a mostrar pra ele o que ele pode fazer com aquele livro, se ele rasga, você já tira o livro pra ele perceber que aquilo não foi uma coisa boa. Você começa a mostrar os desenhos, talvez não precise ser um livro escrito, mas somente com desenho para que ele possa visualizar as imagens, enfim, primeiro, quando você tem bebês você apresenta aquele material, pra ele já começar a criar um significado em cima daquilo.

Segundo, quando ele já tiver uma consciência, quando ele já souber mais ou menos a ler e puder entender que ele não pode rasgar o livro, que aquele livro é pra ele poder ler, extrair alguma coisa daquela história, você apresenta a biblioteca, e você oferece inúmeras oportunidades de leitura. E nesse momento você começa a trabalhar também a importância desse espaço, a importância do profissional que está ali, você começa a conceituar o que é uma biblioteca, o que é um bibliotecário, para que os estereótipos já comecem a cair.

A partir de então, depois que ele tem essa consciência do lugar, ele saiba qual o contexto em que a biblioteca se insere, você começa a aguçar a competência informacional, aí

você já faz um trabalho de apresentar as outras várias fontes de informação, o que cada uma pode ajudar ele num trabalho, simplesmente uma leitura prazerosa, pra que ele possa já começar a aprender que o bibliotecário está ali e pode ajudá-lo, mas que ele tem autonomia pra poder pegar um livro, pra escolher, se ele precisar de uma informação, onde ele vai buscar. Pra ele começar a selecionar a informação dele. E, acredito que pode ser concomitante tudo isso, você pode buscar formas mais lúdicas de apresentar uma história, aí entram as contações de história, sarais poéticos, enfim, apresentar a leitura de diversas formas, várias práticas de leitura, digamos assim, seja com filme, enfim.

FALE SOBRE AS INICIATIVAS DO INDI NO INCENTIVO À LEITURA

Eu acho muito bacana a forma como o INDI trabalha a leitura porque assim, pelo que eu conheço das bibliotecas escolares foge um pouco das bibliotecas e das escolas, o INDI foge um pouco do padrão, porque, primeiro que ele começa a trabalhar a leitura lá no maternal, aí a gente faz um trabalho em conjunto com o pais, porque os alunos ainda não sabem ler, a gente de certa forma “exige” que os pais leiam para essas crianças então eles estão envolvidos por exemplo, no Fest Livro, eles leem livro também do autor homenageado.

Outra coisa interessante é que os projetos da escola procuram incentivar os autores brasileiros e na maioria das vezes aqui de Brasília mesmo, então você foge um pouco dos Best-sellers, dos livros mais conhecidos e valoriza a cultura regional e os autores novos, porque muitos dos autores que vieram pra escola são autores que ainda são “novos” no mercado.

Já com relação ao trabalho em si com os livros, de leitura, os professores procuram explorar de diversas formas o livro, então ele vai além da história, o aluno toma conhecimento das editoras, porque o professor fala um pouco das características que determinada editora tem, porque tal livro é assim, porque tal livro não é assim. Além disso, eles buscam outras temas, não só do que o livro trata, mas outros correlatos ao que o livro trata e eles fazem uma releitura do livro, seja com desenho ou mesmo com uma nova contação daquele livro, e apresentam esse livro na forma de um teatro, de uma música... então é bem produtiva essa construção e bem diferenciada.

FALE SOBRE A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA NA ESCOLA

A biblioteca escolar, o objetivo dela é dar suporte ao pedagógico, aos professores e aqui no INDI, eu percebo muito que o aluno usa muito a biblioteca para explorar a informação que ele recebe dentro de sala, com outras tipologias textuais. Por exemplo, ele está estudando

num livro didático, Revolução Francesa, por exemplo, os meninos do Fundamental II, então na biblioteca ele tem oportunidade de procurar um livro paradidático que vai falar sobre a Revolução Francesa, mas de uma outra forma, com uma outra abrangência. Ela dá suporte, ela acrescenta a esses alunos.

Os professores vão muito na biblioteca para, por exemplo, a professora estava falando sobre leitura, sobre Picasso, então eles usam a biblioteca para pesquisar sobre Picasso, tem uns livros que falam da obra, das pinturas.

Então no geral é esse suporte mesmo. E parcerias em projetos, que a biblioteca entra mesmo contribuindo com a organização, com a compra de livros, com a indicação de autores, de frases, enfim, explorando o conteúdo dos livros, não só o físico da biblioteca, que também contribui muito com trabalhos em grupo, que muitas vezes eles fazem lá com pesquisas, eles utilizam os computadores, também dá suporte nesse sentido.

COMO FUNCIONAM AS AULAS QUE ACONTECEM NA BIBLIOTECA?

Todas as turmas possuem um horário agendado na biblioteca, com exceção do Fundamental II, mas regularmente a gente recebe visita deles, no horário da aula de literatura, que eles vão lá discutir algum livro, eles sentam com o professor ou então vão fazer alguma pesquisa na internet. Agora os demais alunos tem horário agendados, então o professor sempre utiliza esse horário pra contar uma história, por exemplo, na semana retrasada, antes de entrar as férias, a professora Débora do 5º ano, ela foi pra lá apresentar um livro da autora que será homenageada no Fest Livro e ela leu um livro com os alunos pra que eles já conheçam um pouco da obra dela.

Então é um espaço que é muito agradável e os professores utilizam ele mesmo para os alunos lerem, as vezes uma leitura independente do professor, que não seja uma contação de história, o aluno fica a vontade pra ler o que ele quiser. É só mesmo para o aluno ter aquele momento com a biblioteca, dele com o livro, sem muitas exigências. A biblioteca também é um espaço de leitura, um espaço de lazer, nesse sentido.

COMO VOCÊ PERCEBE A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA INTERAÇÃO COM A BIBLIOTECA? ELES FREQUENTAM?

Sim, assim, eu não digo muitos, mas tem! Tem vários pais que vão lá até pra pagar multas.

Os do maternal, eu achei muito bacana isso, porque nós fizemos uma pequena exposição de uns livros novos que a gente comprou, mais voltados pro maternal, uns livros

brinquedo. Então a gente fez essa divulgação de que a biblioteca tinha recebido esses livros e quem quisesse fazer a carteirinha pra poder pegar eles emprestados, porque os alunos gostaram muito, a gente mandou o recado pros pais na agenda dizendo que seria possível. E depois desse dia, vários pais de alunos do maternal foram lá pegar livros brinquedos, aqueles livros de textura, de plástico.

Então assim, eles vão pra ajudar os alunos a escolherem os livros, as vezes vão pra entregar os livros também. Enfim, tem essa presença dos pais na biblioteca de várias formas.

Entrevistada 6 – Mãe 1. Realizada em 06/05/2015**Mãe 1**

QUANTOS FILHOS VOÊ TEM NA ESCOLA?

Tenho um filho, no 9º ano.

SEU FILHO JÁ ESTUDOU EM OUTRA ESCOLA?

Sim.

VOCÊ SENTIU DIFERENÇA DE UMA ESCOLA PARA OUTRA EM TERMOS DE INCENTIVO A LEITURA?

Não, porque eu optei desde cedo por escolas que tivessem a mesma tendência. A outra escola também trabalhava nessa perspectiva.

ELE FEZ OFUNDAMENTAL I AQUI NO INDI TAMBÉM?

Sim

COMO VOCÊ PERCEBE A DIFERENÇA NA ÊNFASE À LEITURA DADA EM CADA UM DOS CORREDORES?

O fundamental I é mais ativo em termos de atividades de leitura. A escolha dos livros é bem criteriosa, os pais participam desse processo, há um trabalho bem forte de incentivo. Já no Fundamental II diminui, fica um pouco mais restrito à aula de literatura, mas ainda assim é um trabalho muito interessante, especialmente por conta da professora. Ela se adapta aos alunos, a aqueles que gostam mais de ler e aos que não gostam, o que é importante, até porque ser leitor na infância não significa, necessariamente, o ser quando adulto e vice versa. Houve um trabalho com eles que eu considere até maior que o Fest Livro. Eles estavam lendo uma obra Shakespeare e a partir dela fizeram uma peça, foi muito legal!

COM RELAÇÃO AOS LIVROS COMPRADOS PARA OS PROJETOS DE LEITURA. DEPOIS QUE PASSAM OS EVENTOS LITERÁRIOS, VOCÊ PERCEBE A VOLTA DOS ALUNOS A ESSES LIVROS OU ELES TENDEM A FICAR ESQUECIDOS?

Depende mais da criança a perpetuação da leitura de dado livro. Mas a compra não é perdida, porque fica de referência, é um marco, a criança olha pro livro e lembra que

conheceu o autor, lembra de toda a experiência. Além de trazer uma coisa muito legal que é o reconhecimento e o respeito ao escritor. Tem algo mágico nisso, no contato com ele, em pegar o autógrafo. Eu acho muito valiosa a experiência. Mesmo que eles não voltem a ler, não acho uma compra perdida!

Entrevistada 7 – Mãe 2. Realizada em 06/05/2015

QUANTOS FILHOS VOCÊ TEM AQUI NO INDI?

Eu tenho três crianças em idades bem diferentes. O mais velho tem 14, a do meio tem 9 e o mais novo tem 6.

ENTÃO TEM UM FILHO CADA CORREDOR.

Sim!

COMO VOCÊ AVALIA CADA UM DOS CORREDORES NA QUESTÃO DO INCENTIVO A LEITURA?

Eu vejo que... Eu vou te falar um pouquinho da minha casa e aí eu vejo se eu chego na tua pergunta, porque eles são, os dois maiores, a de 9 e o de 14, são leitores vorazes, eles adoram ler, isso vem de casa, e o INDI potencializou isso que vem de casa. Muito por conta do projeto de sarau de leitura.

Eles não usam muito a biblioteca pra tirar livros, mas eles vêm durante as aulas ao local da biblioteca e eles gostam e o projeto de leitura é muito interessante por que eles tem um contato com os autores e isso pra eles é sempre assim, eles ficam muito entusiasmados em conversar com os autores, em ter os livros autografados, em fazer coisas pros autores, no projeto do sarau de leitura eles tem isso, eles fazem coisas pros autores. Então, eu acho que o projeto é sem dúvida nenhuma riquíssimo!

Mas assim eles não chegam a usar [os livros da biblioteca] até porque eu sou muito de comprar livro em casa, então eles não chegam a tomar muito emprestado aqui da biblioteca, eles lêem mais aqui mesmo nos horários reservados pra biblioteca, mas eu sou muito de comprar livro pra eles, lá em casa tem muito livro, mas mesmo assim eu vejo que o INDI tem um papel nisso por conta do espaço da biblioteca ser usado no cotidiano da aula, as crianças vem pra cá e ficam aqui livremente usando a biblioteca, eu acho isso importante e ela [a filha do meio] lê os livros da biblioteca, só que ela pega, lê aqui, deixa aqui e na próxima aula pega o mesmo livro pra continuar lendo. E assim ela vai lendo os livros, mas sempre na aula que é aqui na biblioteca, é assim que ela usa.

Então isso é pra ela, e o mais velho também foi assim, sempre encho ele de livro e ele não usa muito pra tomar emprestado, mas sempre também lê aqui e tem muita adoração pelo... É que, no último corredor eles já focam mais nos conteúdos de preparação pro ensino médio,

então esse corredor aqui [Fundamental I] ele tem esse projeto do sarau da leitura que é muito significativo.

E o mais novinho, ele não é tanto de ler, ele demorou mais pra aprender a ler até porque ele ouve muito do quão bom os outros são leitores e aí ele vai achando que ele não é e que ele tem dificuldade, e já foi fazendo uma representação dele mesmo que não facilitou e aí então ele ta demorando mais pra ler. Mas aí pra ele, eu pego os livrinhos do França, aquelas coleções pra quem ta começando, daquele casal França [Coleção Gato e Rato – Mary e Eliardo França; Coleção Mico Maneco – Ana Maria Machado e Claudius] que é uma coleção própria pra quem ta começando a ler. E eu pego da biblioteca pra ler pra ele em casa, então a gente tem usado muito a biblioteca nesse sentido, não é ele que de forma autônoma e independente usa, mas aí eu uso.

Quando ele se acostumou com a escola, quando ele mudou de escola, eu vinha todo dia aqui pra biblioteca, pra sentar com ele na poltrona e ler um livro antes da aula começar, isso foi importantíssimo! Eu acho que a escola não tem muita noção do quão, só o espaço da biblioteca em si é importante pra criança, pelo menos pra mim foi nesse sentido, foi a aproximação dele com a escola, por que, eu sentava com ele e aí antes de ir pra aula eu lia pra ele e isso ajudou muito no processo dele de familiarização com o ambiente da escola, ajudou muito!

Foram três experiências tão diferentes, porque eles são crianças muito diferentes, a gente acaba vendo assim a singularidade de cada um. E foram usos muito diferentes também da biblioteca sabe, eles são muito bons leitores, os mais velhos, mas a biblioteca aqui do INDI mesmo assim foi um espaço importante, tanto pra eles estarem aqui, como eles são bons leitores, a biblioteca é um espaço em que eles se sentem bem.

São todos muito tímidos e, então tem dificuldade de colocação pessoal em ambientes que estão muito cheios de gente, então, na biblioteca, eu imagino, eu nunca estive com eles nas aulas, mas eu imagino que estar entre livros e eles, sendo bons leitores, e sabendo que isso é socialmente bem considerado, eles se sentem bem. E eu acho que é um espaço em que eles tem uma auto afirmação maior do que em qualquer outro espaço e eu acho que isso aparecia, nas aulas na biblioteca, porque eles são tímidos, então eu acho que no uso do espaço da biblioteca pelas aulas, é um lugar em que eles se sentem muito a vontade e muito encorajados, sabe. Eles são mais tímidos, então na relação com os colegas, eles são encorajados, só por estar na biblioteca entre os livros. Eles sabem que eles gostam de e que isso é bem valorado.

COMO VOCÊ ACHA QUE É, POR QUE ASSIM, MUITO DO INCENTIVO DA LEITURA NA VIDA DELES É SEU, ENTÃO, POR QUE VOCÊ ACHA A LEITURA IMPORTANTE, QUAL A DIFERENÇA QUE ELA FAZ NA VIDA DE UM SER HUMANO? PORQUE INCENTIVAR TANTO A LEITURA, POR QUE NÃO ESPORTE, POR EXEMPLO?

Se bem que eu também sou bem esportiva, eu fiz muito esporte na minha vida e acho importante também em muitos aspectos, mas leitura em específico, eu acho que é uma fonte de informação estupenda, você conhece outros mundos quando você lê um livro e é uma fonte de processos de imaginação pra pessoa que são muito importantes, a leitura promove, estimula a imaginação. Você lê um livro de uma forma muito pessoal e você vai fazendo as tuas idéias em relação aquilo que você ta lendo. O que é diferente de uma televisão, de joguinhos de computador, que tem as suas vantagens mas a leitura eu acho que mechem mais com esses processos de imaginação e eu acho isso importantíssimo sabe. Então eu, pra te dizer assim entre as várias questões que a leitura tem nos processos psicológicos da pessoa, eu citaria esses dois: é uma fonte de informação rica, eu acho que você aprende muita coisa do mundo lendo, e ela ajuda nesses processos de imaginação. Você vai criando as histórias em cima do que você está lendo. A história não existe senão dentro da cabeça do leitor então, eu acho importantíssimo.

SEU FILHOS SEMPRE ESTUDARAM AQUI NO INDI?

Não, os três passaram primeiro pela Vivendo e aprendendo que é uma outra escola perto da UnB, passaram todos os ciclos na Vivendo e aí vieram pra cá logo depois do ciclo 5 que é o último ciclo da Vivendo.

ENTÃO DESDE LÁ ELES JÁ TEM ESSE INCENTIVO NÃO É?!

Sim! Eles tem contato com livros sim. E o processo de alfabetização dos dois maiores foi muito tranquilo na Vivendo, eles já saíram de lá lendo e escrevendo, sem stress nenhum, e a Vivendo não tinha na época, hoje até tem mais, mas na época não tinha nenhuma sistematização de alfabetização e letramento, mas pra eles foi um processo muito tranquilo, eles já entraram no INDI lendo e escrevendo muito bem, o que não aconteceu com o mais novinho, que por conta dele, dos interesses dele, ele não foi rápido na leitura. Então ele entrou no INDI, ele ta agora no segundo ano, ele entrou no pré, no último ano do pré e ele não sabia ler e escrever, e ele ainda está no processo, ele ainda está bem de vagarzinho, mas ta indo, ta indo. E eu mostro pra ele que, na verdade eu acho ele um grande leitor em muitos aspectos até

mais leitor do que os outros, porque qualquer informação, qualquer história que apareça em qualquer tipo de formato, em quadrinho, mídia, televisão, computador, mas se é uma história ele se liga e ele sabe os detalhes e ele tem interesse, então, ele é leitor no sentido mais amplo né, ele é mais leitor, ele tem mais fixação por histórias do que até os outros dois, mas ele ainda não viu que isso é uma forma de leitura e que o livro dá isso pra ele.

ELE GOSTA DE GIBI?

Adora! Os três! Aliás, o gibi foi um aspecto muito importante, por que a gente deixava sempre gibis nos dois banheiros lá de casa, tem pilhas de gibis da Mônica, então eles não vão ao banheiro sem pegar lá um gibizinho e ficar lendo no banheiro. Todos fazem isso, até o mais velho de 14 anos fica lendo gibi no banheiro, então isso foi assim pra eles um super aspecto de leitura.

COM RELAÇÃO AOS LIVROS COMPRADOS PARA OS PROJETOS DE LEITURA. DEPOIS QUE PASSAM OS EVENTOS LITERÁRIOS, VOCÊ PERCEBE A VOLTA DOS ALUNOS A ESSES LIVROS OU ELES TENDEM A FICAR ESQUECIDOS?

Não, eles voltam sim! Depende muito do livro, tem uns autores que eles gostam mais do que outros, mas tem vários autores que, a nossa experiência foi de voltar sim e voltar muito! Eu já te cito por exemplo, aquele do, é um contador de história que é “só um minutinho”, o livro do Ivan Zig foi assim, presente na vida de todos anos e anos depois do projeto, depois do Ivan Zig ter vindo à escola contar história e tudo. O projeto do ano passado, daquela autora que usa o óculos, como é o nome? [foi a, também autora, Iris Borges, que representou e contou a história do livro “Uxa ora fada, ora bruxa” da Sylvia Orthof] É um da bruxinha... Não vou me lembrar o nome, mas foi no ano passado, era uma bruxinha gordinha que era boa e má ao mesmo tempo, esse livro fez um sucesso lá em casa, essa autora fez um sucesso, e queriam vários livros além desse, e os livros permaneciam presentes. Teve um outro ainda... poxa é ruim eu não saber o nome... Eu acho que essa hora agente tem que lembrar o nome dos autores pra dar o reconhecimento, por que é um trabalho tão lindo, tanto do Ivan Zig quanto dessa autora.

Entrevistado 8 – Waldomiro de Castro Santos Vergueiro (Doutor em Ciências da Comunicação, pesquisador e professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). Realizada em 16/06/2015

POR QUE TRABALHAR COM HISTÓRIA EM QUADRINHOS?

Bem, história em quadrinhos inicialmente por preferência pessoal, eu sempre gostei muito de ler histórias em quadrinhos, sou colecionador desde criança, tenho uma coleção grande e vim pra Universidade, pra pesquisa, pensando em estudar quadrinhos. Quando eu comecei a pesquisar eu não pensava em ser professor, eu pensava em fazer pesquisa sobre quadrinhos, daí, por acaso da vida deu certo de entrar na Universidade e, digamos assim, virar professor.

Desde então a gente vem pesquisando quadrinhos. Além de uma predileção também acho que é um meio de comunicação muito forte, muito popular, tem muitas vantagens em relação aos outros meios de comunicação, às outras modalidades de arte, tem qualidades intrínsecas que precisam ser valorizadas. E eu sempre achei que as histórias em quadrinhos eram muito perseguidas, na minha experiência pessoal, sempre existiu muito preconceito contra as histórias em quadrinhos e na minha carreira eu tentei sempre mostrar que esses preconceitos não tinham cabimento, que a leitura de história em quadrinhos é uma leitura válida que traz muito benefício pros leitores, que é, inclusive um caminho para outras leituras, não apenas a leitura dos livros e que não existe uma rivalidade entre a leitura de livros e a leitura de quadrinhos, na realidade elas se complementam e que quando você pensa na leitura da história em quadrinhos como caminho pra leitura do livro, você tem que tomar cuidado para não ver a leitura da história em quadrinho como uma leitura inferior, é uma leitura tão digna quanto qualquer outra, tão digna quanto a leitura do cinema, tão digna quanto a leitura da televisão, tem diferenças, tem características próprias.

QUE IMPORTÂNCIA AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS TIVERAM NA SUA FORMAÇÃO COMO LEITOR?

Eu sempre fui um leitor inveterado. Eu leio até bula de remédio, eu to tomando banho eu leio o rótulo do *shampoo*, eu não consigo ficar sem ler. Costumo dizer que meu maior pesadelo é ficar um dia sem ter alguma coisa pra ler, então sempre ando com dois três livros na bolsa pra não correr esse risco, e desde o começo eu me interessei por histórias em quadrinhos. Meu primeiro interesse foram livros infantis e as histórias em quadrinhos. Eu comecei a ler as histórias em quadrinhos praticamente antes de começar a ler a palavra, porque a palavra escrita eu tive que ser ensinado, mas a história em quadrinhos eu já

conseguia compreender a mensagem ainda que rudimentarmente e isso me ajudou muito. Então sempre li as duas coisas nunca uma interferiu na outra, sempre fui um leitor voraz de livro e um leitor de quadrinhos muito grande.

Os quadrinhos, pela própria natureza, tipo de história, os personagens, o humor, tudo isso sempre me atraiu e me entusiasmou muito nos quadrinhos, gosto muito, continuo entusiasmado, eu gosto do meio, não só de um tipo de história em quadrinhos, não acho que existe uma melhor, eu gosto de todas. Tem-se, lógico, como em todas as produções, você tem coisas boas e coisas más, tem umas que utilizam bem a linguagem dos quadrinhos e tem outras que não utilizam, são dispensáveis, mas eu sou entusiasmado pelo meio e pela linguagem das histórias em quadrinhos, que elas tem possibilidades imensas em termos de transmissão de mensagem, em termos de aprofundamento artístico, então, eu não vi limites pra isso, por isso continuo entusiasmado com a leitura de história em quadrinhos.

E sempre foi, sempre me leva pra outras leituras, a partir do quadrinho eu vou pro filme, eu vou pro desenho animado, eu vou pro cinema, vou pra televisão. Hoje principalmente que está uma ligação. Não dá mais pra você pensar qualquer produção da mídia sem estar ligada no contexto global de entretenimento. Você pensar “ah não, vou fazer uma história em quadrinho só e vou morrer aí, só vou fazer ela”, você está fadado ao fracasso, tem que pensar “vou fazer uma história em quadrinhos e vou, a partir dela, vou transformar em desenho animado, em um boneco, vou transformar depois em um filme, vou fazer propaganda, camiseta, fazer merchandising”, tem que pensar dessa forma. Os grandes desenhistas, melhor sucedidos, que eu diria que são desenhistas empresários, como Maurício de Souza, sempre pensaram dessa forma, vendo o quadrinho em seu contexto global. Lógico, alguém pode utilizar a história em quadrinhos para expressar mensagem, ele utiliza a linguagem dos quadrinhos para expressar mensagem. Ao invés de escrever um livro, ele faz uma história em quadrinhos, ao invés de fazer uma poesia, ele faz uma história em quadrinhos, ao invés de fazer uma peça de teatro ele faz uma história em quadrinhos. É tão válido quanto qualquer outro como meio de expressão. Agora se você pensa na história em quadrinhos como um produto que você vai viver dele ou pensar em disseminar pra toda a sociedade, você tem que pensar de maneira globalizada e pensar dentro de um contexto de uma cultura que seja interligada.

O CAMINHO INVERSO TAMBÉM É VERDADE NÃO É? LIVROS QUE SE TORNAM HISTÓRIA EM QUADRINHOS, CLÁSSICOS COMO O ALIENÍSTA.

Também, quer dizer, a gente não pode esquecer que história em quadrinho é uma narrativa, e por isso ela tem muito em comum com a literatura, ela é basicamente narrativa. Não quer dizer que quadrinho seja literatura ou uma espécie de literatura. Não! Quadrinho é quadrinho, literatura é literatura, são coisas diferentes. Agora tem diálogo. Quadrinho é uma narrativa como a literatura também é uma narrativa, então tem proximidade. O quadrinho tem proximidade com a literatura, com o cinema por que tem imagem, tem proximidade com a televisão por que tem imagem, tem proximidade com o teatro por que tem gesticulação, tem diálogo, a história em quadrinhos é levada muito pelos diálogos entre os personagens, e teatro é isso, tem “os sons”, isto é, onomatopéias, toda a oralidade aparece nos quadrinhos, então você imagina o som, você não ouve mas você imagina, ele ta na sua cabeça, ele existe.

Tudo isso aí faz com que haja essa proximidade entre quadrinhos e literatura. É o livro que se transforma em quadrinho, e vice versa, é a leitura dos quadrinhos que pode levar à leitura do livro original. Hoje em dia se fala muito isso “vamos submeter a versão em quadrinhos por que o leitor vai conhecer o material em quadrinhos e vai se interessar pela obra original”... Se isso é verdade eu não sei, eu tendo a achar que não. Eu acho que ele vai se interessar por outras obras daquele autor, mas não aquela, aquela ele já conhece.

Então, se você leu “O Alienista” em quadrinhos, talvez você se interesse por ler a obra do Machado de Assis em geral, “Dom Casmurro” etc, mas não acho que você vai querer ler “O Alienista” no original, você já leu, já conhece. Talvez uma parcela vá, mas de qualquer forma, mesmo que não leia, que não vá ao original, ele já tem uma experiência com aquele autor, uma proximidade com aquele autor, ele chegou perto daquele autor que ele nunca chegaria, então, alguma coisa daquele autor ele recebeu, por meio dos quadrinhos, é filtrado, não é a mesma coisa, você ler o livro e ler o quadrinho não é a mesma coisa, são experiências diferentes, não quer dizer que a leitura do original seja melhor ou mais importante ou mais válida do que a leitura da história em quadrinhos, são obras diferentes. A história em quadrinhos tem coisas que o original não tem e o original tem coisas que a história em quadrinhos não captou. Mas não existe uma relação de superioridade de uma pra outra.

NÃO ME RECORDO DE QUE AUTOR FALOU ISSO: QUE ATRAVÉS DO QUADRINHO (DOS CLÁSSICOS) O LEITOR ENTRA EM CONTATO COM A CULTURA DA ÉPOCA, EM TERMOS DE VESTUÁRIO, ARQUITETURA...

Sim, pode ter como pode não ter. Depende do autor, se é uma história bem feita... Existem adaptações bem feitas e adaptações mal feitas. No caso do Alienista são quatro adaptações que foram feitas, uma é melhor outra pior. Por exemplo, na adaptação que foi feita

pelos irmãos, Gabriel Bá e não lembro o outro... Mas, quando eles retratam a prisão do médico, eles colocam os Dragões da Independência pegando o médico e levando pra cadeia. Essa cena não aparece na novela, aparece assim “ele foi preso”. Agora, ele não foi sozinho pra cadeia, logicamente alguém foi buscá-lo e levá-lo pra cadeia.

Então houve uma interpretação, um aprofundamento da obra foi feito pelos quadrinhos, e isso enriquece a obra. Mas são aspectos diferentes, a linguagem dos quadrinhos tem alguns predicados que a linguagem escrita somente não tem e isso proporciona uma outra leitura, são leituras diferenciadas, então não há uma perda. Se você assistiu, o Humberto Eco fala isso, se você vê uma obra literária no cinema, você assiste o filme do “Os Três Mosqueteiros”, mas você não leu “Os Três Mosqueteiros”, isso não interfere na obra, ela continua lá. A qualquer momento qualquer pessoa pode ir lá e ler a obra.

Você teve uma experiência com aquela obra que você não teria. Você ouvir Beethoven no rádio é diferente de você ouvir Beethoven no Teatro Municipal com a Orquestra Sinfônica. Mas quando você ouve no rádio você tem uma experiência com Beethoven, você conhece, você se aproxima do autor, de uma forma que você não se aproximaria. Nem todo mundo vai pro Teatro Municipal pra ouvir Beethoven com a Orquestra Sinfônica... São experiências diferentes e uma não é mais válida do que a outra.

A PALAVRA ESCRITA ESTÁ EM GUERRA COM A IMAGEM?

A PESQUISADORA PAULA SIBILIA FALA SOBRE O DESMORONAMENTO DO SONHO LETRADO. ESSA É UMA EXPRESSÃO, A MEU VER, BASTANTE FORTE. ESTAMOS VIVENDO ESSE MOMENTO?

Essa questão que a pesquisadora coloca me parece bastante desafiadora.

O mundo mudou. Antes as pessoas tinham mais tempo pra parar. Há realmente uma diminuição do que a gente chama leitura prolongada. O número de pessoas que leem livro do começo ao fim, então a leitura de romances, você tem algumas contradições nisso, mas de maneira geral diminuiu, porque as pessoas estão com menos tempo, e, por outro lado, a imagem cresceu muito. Você tem a televisão, o cinema, o vídeo game, o celular, a internet, a imagem e o texto em movimento, tudo isso aí cresceu muito, inclusive a capacidade de concentração das pessoas diminuiu muito também. A gente que dá aula, nós sentimos muito isso aí. Você não consegue mais dar aula mais de duas horas ou mais de uma hora sem dar um intervalo, porque as pessoas já começam a se dispersar. É uma característica do tempo. Não é que as pessoas deixaram de ler, elas estão lendo a palavra escrita e outras coisas. Você assistir a uma entrevista é um tipo de leitura, você assistir a um teatro é um tipo de leitura. Então são

outras leituras que começam a ter peso na sociedade e a roubar sua atenção. As pessoas não leem livros, mas passam o dia inteiro lendo mensagens no celular. Isso não é uma leitura? Elas não estão tendo acesso a um tipo de comunicação pela palavra escrita também? Então o tipo de utilização da leitura se modificou. Não dá pra dizer “oh existe uma leitura nobre, que é a leitura do livro literário e existem leituras que não são nobres, que são as outras coisas”, não dá pra afirmar isso, todas são outras leituras que estão aí disputando o tempo do leitor. Então você fala “o jovem não tem tempo pra ler” e se você pensar qual foram os maiores sucessos editoriais dos últimos anos, de livro infanto-juvenil? Harry Potter, e você já viu o tamanho desse livro, tem quatrocentas, quinhentas páginas, o Senhor dos Anéis, cada livro tem seiscentas páginas, todos livros muito grossos. Quer dizer, não é que o jovem não tem tempo. Quando existe alguma coisa que realmente chama a atenção eles se concentram. É a questão de descobrir a leitura correta pra aquele tipo de leitor. Não existe uma leitura que seja geral, boa pra todo mundo. Cada um vai se encontrar num tipo de leitura. A crise da leitura na verdade é a crise da própria escola, ela tem que reconhecer que existem outros meios de acesso a informação e que eles estão no mesmo nível da leitura da palavra escrita. É isso que a escola tem que enfrentar. E, até me assusta um pouco, a forma como as escolas vêm as histórias em quadrinhos como a grande solução pra chegar na leitura da obra literária. Não é! As histórias em quadrinhos não são a solução pra escola brasileira ou pra escola de qualquer país. Elas oferecem alternativas para dinamizar a escola. A solução é muito mais ampla. É descobrir dinâmicas novas, é descobrir formatos de aproximação com os alunos, é descobrir formas de fazer com que o próprio aluno aprenda por si mesmo, tem várias coisas que vão interferir nisso daí. As histórias em quadrinhos são uma das possibilidades, como o cinema é, o vídeo game, a televisão, as séries. Inclusive você vê uma convergência nos diversos tipos de narrativas, você vê que os seriados de televisão estão se aproximando muito em termos de estrutura narrativa das histórias em quadrinhos. É a história que vai continuando, você tem várias que se fecham em determinado momento e depois continuam, são as diversas temporadas. Inclusive tem várias delas que saem das histórias em quadrinhos. Aquela dos zumbis lá, que eu esqueci o nome... [*The walk and dead*] isso, ela veio das histórias em quadrinhos, um sucesso danado na televisão e veio das histórias em quadrinhos. Mesmo aquelas que não vêm, tem a estrutura narrativa que se aproxima. O cinema está se aproximando, esses filmes que são de super heróis, ele está se aproximando. Um filme de cada herói separado e depois você junta todos em um filme só e depois continua de novo as histórias, então é um grande universo. A estrutura narrativa dos vários formatos estão ficando muito parecidas, de modo que aquele que é leitor de um tipo também vai se adaptar no outro.

Na verdade isso vem do passado, por que isso nada mais é do que estrutura de folhetim, século XIX, é a estrutura do folhetim, acompanhando e cada vez acontecendo coisa diferente: quem era mocinho de repente vira bandido, quem era bandido de repente não é mais tão bandido... Isso é estrutura de folhetim pura! É “Os Três Mosqueteiros”, “Os Mistérios de Paris” e assim por diante.

ENTÃO NÃO HÁ GUERRA.

Não, não vejo guerra. Eu acho que a gente não pode ter uma posição elitista de que só existe uma leitura nobre e as outras não são. O tempo disso já passou, é a cultura, e aí eu vejo cultura no sentido de Raymond Williams que entende cultura como toda manifestação do pensamento humano em todos os níveis e interferências econômicas, sociais e educacionais.

QUAL A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DA LEITURA?

Nós partimos da premissa que ler é bom. Se você diz que precisa fazer mediação da leitura, sua premissa é “ler é bom. Então partindo dessa premissa a mediação é necessária, porque seria ingenuidade pensar que as pessoas chegarão à leitura por si mesmas... elas podem não chegar. Então você ter um trabalho sistematizado de aproximação das pessoas à leitura é muito importante. A sociedade precisa que as pessoas saibam ler porque ler representa aprender sobre o mundo, aprender a se colocar socialmente, representa responder as necessidades da sociedade e um progresso pessoal. Então é importante haver essa mediação da leitura. Agora, nem todas as pessoas se beneficiam do mesmo tipo de leitura. O trabalho da mediação é em primeiro lugar identificar o tipo de leitura que vai fazer bem pra cada indivíduo e tentar trazer esse tipo de leitura da melhor forma possível de modo que ele tenha condições de escolher aquela leitura mais apropriada e de mais alta qualidade naquilo que ele procura, que é o melhor pra ele, a partir das necessidades dele, quer dizer, não somos nós que impomos! Porque a gente tem uma tradição, da área de biblioteconomia, de que temos que levar a “boa leitura” para os usuário, mas o que é a “boa leitura”? Nós temos que ter uma visão mais ampla do que seja a leitura. E a mediação tem que ser sempre de acordo com as necessidades da sociedade e do indivíduo e não de acordo com o nosso ponto de vista, “Eu vou te impor determinada leitura porque eu acho que essa leitura é boa”. A escola faz isso “a leitura que você tem que ter é essa”, a leitura do livro didático, a leitura do cânon da literatura e assim por diante. Talvez seja necessário você mostrar os parâmetros, eles são indicadores. Você pode chegar neles e mostrar as vantagens que se tem de ler as grandes obras, tem vários aspectos positivos.

Eu costumo dizer, não precisa ler todos os livros do mundo, mas leia Moby Dick ou Guerra e Paz, algum desses. Você quer ler um a vida inteira, pode ler! Você não precisa ler todas as histórias em quadrinhos, leia a “Balada do mar salgado” do Hugo Pratt. O importante é cada leitor se identificar naquele tipo de leitura e a mediação não ser agressiva. E isso é um desafio muito grande pro bibliotecário, porque significa inclusive quebrar preconceitos pessoais contra determinados tipos de leitura, por exemplo, “eu não gosto de livro de auto-ajuda”. Bem, é um tipo de literatura que existe e as pessoas se encontram nela, então, vamos fazer a mediação, para aqueles leitores que gostam e se identificam com esse tipo de leitura, daquelas melhores que tem nessa área, para que nesse tipo de material ele encontre aquilo lhe satisfaça.

ENTÃO A EXPECTATIVA DE “DEIXAR” A PESSOA LER UM LIVRO DE AUTO-AJUDA PARA QUE ELA CHEGUE AO CLASSICO SERIA EQUIVOCADA?

Pode chegar ou não. Eu não concordo com nenhuma escala, “você tem que começar por aqui pra chegar ali”, porque você está colocando o outro no último, faz uma escala de valores, você automaticamente está dizendo que aquela é inferior.

Se o cara chegar na grande literatura, ótimo! Se não chegar não tem problema algum. Pra ele não interessava aquele tipo de literatura. No caso dos quadrinhos, a pessoa vai ler a quadrinização de determinado livro. Se ela chegar no original, ótimo, se não chegar, não perdeu nada! Não era uma pré-condição. O importante é que ele chegou no quadrinho, que ele se encontrou, que tirou alguma coisa de positivo daquilo lá. A mesma coisa do livro de auto-ajuda, do livro religioso, da “novela cor de rosa” e assim por diante.

A MEDIAÇÃO DA LEITURA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS TEM ALGUMA PARTICULARIDADE?

Como eu falei, a história em quadrinhos é um caminho para outras leituras, inclusive pra leitura da palavra escrita, para a leitura literária.

A minha experiência pessoal me mostra que se você lê histórias em quadrinhos, a probabilidade de você ler outros livros e outras revistas é mais alta do que se você não ler. Normalmente os grandes leitores, os que leem muito, também leem história em quadrinhos. Uma minoria vai dizer que história em quadrinhos não presta, mas a maioria começou com histórias em quadrinhos e depois em determinado momento elas não foram mais suficientes, e eles buscaram outras formas de leitura, e eventualmente voltam aos quadrinhos. Elas não estão competindo.

Antigamente se pensava que havia uma capacidade limitada no cérebro, então você só podia ter uma determinada quantidade de conhecimento, porque se não vai ocupar o espaço do outro. O Sherlock Holmes tem uma história que fala isso. O Watson vira pra ele e diz “A terra gira em torno do sol”, ele responde “é mesmo? Não sabia, e agora que eu sei vou tentar imediatamente esquecer, porque não é uma informação importante pra mim, eu preciso do meu cérebro pra coisas mais importantes”. Mas não é assim, a capacidade do cérebro é muito maior que isso, você não vai ocupar espaço.

Então a leitura dos quadrinhos convive muito bem com outras leituras sem problema algum. E leva pro livro, depois volta pro quadrinho e vai pra outro, então, é uma leitura eclética. A Valéria trabalha isso na tese dela, que a leitura em quadrinhos concorre para a formação de leitores ecléticos. Normalmente quem lê quadrinhos normalmente se interessa por música, cinema, televisão, teatro, e também se interessa por outros livros, então, tem uma vida cultural muito ativa.

É lógico que no início, você vai ter adolescentes que só lêem quadrinhos, como você tem em todos os lados, tem aquelas pessoas que só se interessam por um determinado nicho daquela produção, você vai ter isso em televisão, em teatro. Mas a tendência é que os leitores de histórias em quadrinhos também por outros materiais. Então você começar essa mediação da leitura, buscando atrair o leitor; como eu falei, o primeiro trabalho do mediador é identificar que tipo de leitura aquele leitor se identifica, se ele tem uma proximidade com ela, que responde mais aquilo que ele deseja. Você começar pelas histórias em quadrinhos é um bom caminho, e a partir deles você vai apresentando outras coisas. Uma boa parte vai se interessar por outros materiais outros não. Outros vão ficar só nos quadrinhos, não tem problema nenhum.

EU ACHEI INTERESSANTE ALGO QUE LI, SOBRE HISTÓRIA EM QUADRINHOS, QUE É UMA CENA DE UMA CRIANÇA QUE NÃO SABE LER A PALAVRA ESCRITA, “LENDO”, QUER DIZER, CONTANDO A HISTORINHA PRA OUTRA CRIANÇA MENOR, QUE TAMBÉM NÃO SABIA LER. O PAI DA MENORSINHA VÊ A CENA E PEDE PRA MAIOR “LER” OUTRA HISTÓRIA, ELA FICA COM VERGONHA E DIZ QUE NÃO SABE LER. O HOMEM ENTÃO DIZ “ORA, MAS VOCÊ NÃO ACABOU DE LER ESSA?! LEIA OUTRA!”, E A MENININHA COMEÇA A “LER” A OUTRA HISTÓRIA EM QUADRINHOS.

É, antigamente se falava que a história em quadrinhos levava à preguiça mental, que você não pensava quando lia quadrinhos. Mas foram feitos vários estudos depois disso, então,

não tem nada que exercite mais a imaginação do que a leitura de uma história em quadrinhos. Porque você tem determinadas cenas que estão retratadas, e outras que não, então você completa, a todo momento você está completando com a sua imaginação aquilo que não está narrado graficamente. Então, num quadrinho você tem a cena do Cebolinha fazendo uma careta pra Mônica e no quadrinho seguinte tem a cena do Cebolinha com um galo na cabeça. Tem toda uma cena da Mônica batendo com o Sansão (o coelhinho) na cabeça do Cebolinha, que não acontece, não é narrado, mas não quer dizer que não existiu; ela existiu na sua imaginação e como leitor você construiu toda essa cena na sua imaginação e nisso você está exercitando, aplicando e treinando a sua imaginação.

Então o que a menina fazia?! As vezes ela estava contando uma história totalmente diferente, não tinha nada a ver a história que ela contava, mas a partir das imagens ela elaborou a sua própria história, que pode ou não ser igual aquela que está lá. Mas ela não faria isso com um livro, só com palavra escrita ela não conseguiria. A imagem tem essa possibilidade. É uma forma de você exercitar a imaginação a todo momento. Esse é um dos aspectos muito positivos das histórias em quadrinhos.

QUAL A IMPORTANCIA DA LEITURA PARA O SER HUMANO?

Eu acho que o ser humano não vive sem a leitura. Mas você tem que pensar a leitura num contexto mais amplo. Ler não é ler a palavra escrita, Paulo Freire falava que mais importante que a leitura da palavra escrita é a leitura do mundo. Então as pessoas tem que aprender a ler o mundo. Ler a palavra escrita te ajuda a ler o mundo, por isso é importante que as pessoas saibam ler, porque ela vai conseguir ler jornais, etc. E ler no sentido de interpretação, quer dizer, ir além do que apenas desvendar o que está escrito aqui “Almanacão de Férias”, não é só isso, é compreender um texto, uma notícia. É nesse nível de leitura, de compreensão do mundo. E isso você não atinge sozinho, pra isso você precisa de uma mediação. E aí é importante o papel da família, da escola, dos intermediadores formais (bibliotecários, jornalistas, animador social), a sociedade não pode descuidar desse processo de aproximação das pessoas a leitura, e isso significa compreender o mundo, atingir cidadania. Se você não consegue ler o mundo você não consegue exercer sua cidadania e isso é importante!

COMO SE FORMA UM LEITOR?

Primeiro, mostrando pelo exemplo. Conseguir demonstrar pra ele que ele vai ter vantagens, mostrar os benefícios que ele vai ter da leitura, é o primeiro passo, mostrar que a

leitura é algo interessante. Então é importante que cada leitor identifique aquele tipo de leitura que responde as suas características pessoais.

Tem pessoas que dizem “Ah, eu começo a ler e me dá sono”, leia coisas mais curtas então. Outras dizem “As palavras são muito difíceis, eu não consigo entender”, então leia um material mais simples. É uma questão de você identificar o tipo de narrativa que lhe agrada, é essa narrativa que a pessoa tem que pegar. É o trabalho de, primeiro identificar, que dizer, fazer o caminho inverso, descobrir com que tipo de leitura o leitor se identifica, é quase como se você fizesse um diagnóstico do leitor, eu penso assim! E a partir desse diagnóstico você faz uma estratégia pra ele ampliar o seu leque de leitura.

Cada leitor tem o tipo de leitura que gosta. Por exemplo, eu gosto de história em quadrinho, e eu gosto muito de romance policial, tento também ler livros de ficção científica, nem sempre consigo, mas isso foi por influencia da minha filha que gosta muito, ela começou a ler e falava “esse aqui é bom” e eu comecei a ler alguns também.

Você também tem mecanismos, alguns até bem antigos, como rodas de leitura, contação de história, enfim, são mecanismos bem antigos que você tem de aproximar as pessoas com aquele tipo de narrativa.

Eu lembro que na Inglaterra, a biblioteca pública que ia tinha, na área de ficção, tinha uma divisão que achava muito interessante pra crianças, tinha escrito assim “Livros que fazem rir”, “Livros que dão medo”, enfim, mostrava o tipo de sensação que você tinha com aqueles livros. Era uma classificação mais apropriada pras crianças. As vezes passa por uma coisa simples assim! Na realidade é uma sistemática que as grandes editoras e livrarias da internet fazem, “quem comprou tal livro também comprou esse, veja esse aqui”... As vezes as pessoas não gostam de determinado material porque não entendem aquilo. Então é um trabalho de aproximação, para que as pessoas peguem o hábito de ler, e possam optar pela leitura prolongada ao invés de outros divertimentos.

Mas eu acho que a leitura prolongada está em extinção cada vez mais. A pessoa que senta e fica horas lendo, que de manhã pega um livro de 200 páginas e diz “vou ler esse livro hoje” e lê o livro o dia inteiro. Isso está acabando. Tem até o livro de uma norte americana cuja irmã morreu, e elas gostavam muito de ler, e em homenagem à irmã ela resolveu ler um livro por dia durante um ano e leu! E escreve um livro sobre as leituras que ela fez nesse ano. Mas isso está acabando, a característica da vida moderna não permite que você faça isso, você vai ler em pedacinhos.

QUAL A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NESSE CONTEXTO TODO?

É, a biblioteca escolar é complementar da escola, ela tem um papel dentro do processo de ensino. Está aproximando determinados produtos culturais, que a escola entende que são importantes que os alunos se aproximem deles e obtenham informação sobre eles, então ela responde às características da escola. Ela não é... contrariamente no Brasil, que tem biblioteca existe quando pode, você diz “ah, não tem biblioteca escolar”, quer dizer, o conceito de escola que você está trabalhando prescinde da biblioteca escolar. Um colega foi pro Japão e estavam falando sobre as bibliotecas escolares e alguém aqui do Brasil perguntou “quantas escolas tem?” aí ele falou, por exemplo, 50.000 escolas, “e quantas bibliotecas escolares tem?”, aí traduziram pro japonês e ele ficou olhando sem saber o que responder. Ora, se tem 50.000 escolas, logicamente tem 50.000 bibliotecas escolares, não tem discussão, faz parte! Você não concebe uma escola sem uma biblioteca. Você pode definir como ela vai ser, como vai funcionar, mas ela tem que estar lá! Mas aqui no Brasil, você tem que baixar uma lei pra ter biblioteca escolar. Isso é característica de país subdesenvolvido, num país desenvolvido essa questão não se coloca. A biblioteca está lá, e ela faz parte do processo de ensino, não se pensa o ensino sem a biblioteca escolar, e daí ela é pensada dentro da aula, fora da aula, no contexto global do planejamento escolar.

APÊNDICE A – Relato do Diário de Bordo

Biblioteca Maria de Lourdes Pereira da Silva (INDI)

Diário de bordo

2º Dia – 15 de abril de 2015.

Evento – Reativação da Gibiteca João Bosco Bezerra Bonfim

O evento foi realizado no final do dia, na hora em que os pais vem buscar os filhos para que eles possam participar.

Algum tempo antes, os alunos do quarto ano tiveram um encontro com o autor João Bosco para conversarem sobre uma outra obra dele, “O romance do vaqueiro voador”.

Transcrição da conversa:

*Observação: Algumas perguntas foram perdidas no momento da anotação.

Aluna: Por que em todas as páginas tem uma história repetida?

Autor: A ideia é que a história pareça com uma música, essa parte repetida é como se fosse o refrão ou como um resumo da história.

Aluno: Por que tem palavras tão difíceis?

Autor: Na verdade, as palavras não são difíceis. Quando eu era da sua idade eu conhecia todas essas palavras. Será que era porque eu era mais inteligente? Não, é porque no Nordeste, que é de onde eu venho, essas são palavras muito comuns! Eu quis trazer um pouco da cultura de lá. Quando você traz o vocabulário de um lugar, você traz a cultura dele!

Aluno: Por que você fez esse livro?

Autor: Bem [risos], porque eu estou vivo, porque tenho saudade do Nordeste. Porque todo escritor é um pouco prepotente [risos], ele não se conforma em falar as coisas para sua família ou para um vizinho. Ele quer escrever e mandar pro mundo todo [risos]. Eu queria falar muitas coisas e o meu jeito foi escrever.

Aluna: Por que você escreveu sobre isso?

Autor: Eu escrevi esse livro pra falar das pessoas que não foram mencionadas na história de Brasília, que não foram consideradas como estrelas. A gente conhece o Oscar Niemeyer, o Juscelino Kubitschek, mas não conhecemos o nordestino que deixou sua terra pra construir Brasília, então, eu quis falar sobre eles.

Aluno: O vaqueiro existiu mesmo?

Autor: Olha, muitos vaqueiros existiram e existem por aí. Esse aí existiu na minha mente e representa muitos outros que não têm suas histórias contadas!

Aluno: Por que você é escritor?

Autor: Porque eu sou meio sozinho, sempre fui, [risos] e os livros sempre foram meus companheiros. Então, eu continuei com eles. Talvez também pelo curso que eu escolhi: eu fiz :Letras, e nesse curso você aprende, entre outras coisa, a escrever. Assim como sua professora estudou e hoje te ensina, a bibliotecária conta histórias pra você... Eu escrevo histórias!

Aluna: Por que o vaqueiro só foi notado depois que ele morreu?

Autor: Porque, infelizmente, no nosso mundo, as pessoas que moram na periferia, as mais pobres, pessoas comuns, só aparecem na TV quando acontece algo muito ruim. Agora, as pessoas famosas, se vão a um castelo, ou ao mercado, elas aparecem na revista Caras. É o jeito do nosso mundo.

O evento continuou no pátio da escola com a presença dos pais e responsáveis. Os alunos prepararam uma homenagem ao autor, dançaram a música “vida de viajante” de Luiz Gonzaga. A diretora da escola pegou o microfone, deu as boas-vindas aos presentes, fez os agradecimentos e devido reconhecimento à equipe da biblioteca, lembrou as regras de uso da gibiteca e introduziu o autor João Bosco, que, além de homenageado, estava fazendo o pré-lançamento de seu livro “O Rouxinol e o Cordel”.

Autor: O autor parabenizou o INDI pelo trabalho de letramento literário (ler pelo prazer da leitura) enfatizando a importância desse processo para a formação do ser humano. Segue alguns trechos da fala do autor aos pais:

“Muitas coisas que os alunos perguntaram me fizeram refletir sobre a minha própria obra e sobre mim, por exemplo: por que você escreve? Por que você escreveu sobre isso? Por que tem palavras tão difíceis? Sobre certas coisas eu nunca tinha pensado. Tive que pensar pra responder ali na hora.”

“O gibi é muito legal porque a criança faz a metade da leitura pelas imagens e depois as palavras só confirmam.”

“Atuar no letramento de crianças é fundamental! Isso faz com que elas sejam capazes de formular perguntas que, às vezes nem adultos conseguem, ou até mesmo fazer a mesma pergunta que um adulto já fez. Por exemplo, uma criança perguntou hoje se o vaqueiro realmente existiu; certa vez uma jornalista formada, do jornal escrito mais prestigiado da cidade me fez a mesma pergunta.”

“Os gibis foram uma leitura importantíssima para o meu letramento!”

APÊNCIDE B – QUESTIONÁRIO

Biblioteca Maria de Lourdes Pereira da Silva (INDI)

Roteiro dos Questionários

- Questionário enviado por e-mail à bibliotecária do INDI

1- Sobre a bibliotecária

- a) A quanto tempo você trabalha no INDI?
- b) De quais atividades da escola envolvendo a biblioteca você já participou?

2- Sobre a biblioteca

- a) Que atividades são desenvolvidas pela biblioteca?
- b) Como é feita a organização dos livros nas estantes? Por autor, título...
- c) Como é o processo de seleção e aquisição de livros? Quem estabelece os critérios?

3- Sobre o uso da biblioteca

- a) Quando os alunos usam a biblioteca? "Maomé vai a montanha ou a montanha vai a Maomé"?
- b) Que suportes (livro, revista, computador) são mais utilizados segundo as faixas etárias/corredores?
- c) Que corredor mais utiliza a biblioteca? Por que?
- d) Você considera que os alunos do INDI gostam de ler?

- Questionário aplicado a sete alunos do 7º ano e três alunas do 4º ano.

1- Em que ano você está?

2- Você gosta de ler?

3- Que tipo de história?

4- Você gosta mais de livro ou de HQ?

5- Que matéria você mais gosta de estudar e qual é mais difícil?

6- O que você acha de aprender essa matéria em uma história em quadrinhos?

- 7- Você tem acesso a *tablet* ou celular *smartfone*? Você prefere no seu celular/ *tablet* ou num livro?
- 8- Que aula você vai gostar? Como ela é?

Este foi o protótipo do roteiro, mas no momento da entrevista foi necessário adaptações nas perguntas para melhor entendimento.

Para os alunos do 7º ano, foram feitas as seguintes mudanças: na pergunta 3 “O que vocês costumam ler?”; houve uma complementação na pergunta 4, “porque vocês gostam mais de HQ?”; na 5, “porque vocês não gostam de matemática?” “Se vocês fossem aprender de um jeito mais interessante que fizesse mais sentido? Por que as vezes você não consegue aplicar em nada”; na 7 “Todo mundo tem *tablet* ou celular? O que vocês acham de ler no celular?”; na 8, “Qual aula você mais gosta? Como ela é? Você gosta pela matéria em si ou pelo jeito que ela é, que o professor dá ela?”

APÊNDICE C – TERMOS DE CONSENTIMENTO



Brasília - DF, 18 de março de 2015

Da: Profa. Dra. Ivette Kafure
 Faculdade de Ciência da Informação - UnB
 Para: Júlia Maria Passarinho Chaves
 Diretora
 Assunto: Solicitação para uso da instituição em trabalho prático da monografia

Ilma. Senhora:

Venho, por meio deste, solicitar a colaboração desta instituição possibilitando que a aluna Caroline Lago de Carvalho realize o trabalho prático da monografia: “Incentivo e mediação da leitura em biblioteca escolar: Um estudo sobre as iniciativas do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI)” da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. O trabalho prático é uma das exigências do programa da disciplina e consiste na identificação e descrição de como (recursos materiais e humanos) a biblioteca e a escola promovem o desenvolvimento do gosto pela leitura em seus alunos. Em linhas gerais, segue as seguintes etapas e procedimentos:

- **Análise preliminar:** O primeiro passo consistirá em delimitar e contextualizar a situação-problema a ser analisada;
- **Coleta de dados:** Esta etapa consiste basicamente em identificar os recursos materiais e humanos que a escola e a biblioteca utilizam para promover o desenvolvimento do gosto pela leitura em seus alunos. Em função da situação-problema deverão ser utilizados na coleta de dados basicamente dois procedimentos: observação (algumas horas em períodos distintos da jornada de trabalho) e entrevistas com alguns dos participantes da pesquisa (em caso necessário alunos, professores e bibliotecária);
- **Sistematização e análise dos dados:** No sentido de validar a análise e identificação dos recursos materiais e humanos que a escola e a biblioteca utilizam para promover o desenvolvimento do gosto pela leitura em seus alunos é necessário realizar uma avaliação comparativa com os participantes; e
- **Formalização e discussão dos resultados :** (previsão 1 semana) Esta etapa consistirá na formulação de um diagnóstico pontual, a discussão com os participantes e a formulação de um breve relatório.

Em síntese, são estes os aspectos metodológicos mais importantes do trabalho a ser desenvolvido pela aluna. É importante salientar que o desenvolvimento da análise e identificação dos recursos materiais e humanos que a escola e a biblioteca utilizam para promover o desenvolvimento do gosto pela leitura em seus alunos será determinada pelas condições oferecidas para a execução do trabalho prático. Para eventuais esclarecimentos, coloco-me a vossa disposição pelos telefones 3107-2601, 3107-2633 ou *e-mail* ivettek@unb.br.

Na expectativa de ter fornecido as informações indispensáveis sobre o tipo de atividade a ser desenvolvida pelo aluno e esperando contar com a vossa colaboração,

Atenciosamente,

Profa. Ivette Kafure – Professora Adjunta FCI/UnB
 Grupo de pesquisa Fatores Humanos na Interação e Comunicação da Informação
e-mail: ivettek@unb.br – ivettekead@gmail.com



Universidade de Brasília

Faculdade de Ciência da Informação

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Prezada,

Eu, Caroline Lago de Carvalho, a convido para participação na pesquisa de graduação intitulada Incentivo e mediação da leitura em biblioteca escolar: Um estudo sobre as iniciativas do Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (INDI). Esta pesquisa pretende Descrever as estratégias utilizadas pelo Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil para incentivar e mediar a leitura.

Para alcançar este objetivo, será realizada uma entrevista com duração média de 30 a 60 minutos. Os benefícios que esperamos com o estudo são a visibilidade do trabalho notável realizado pela escola no que tange à leitura, de modo a fornecer sugestões a todos quanto desejarem trabalhar para a democratização deste bem cultural. Não existe desconforto ou risco nesta pesquisa.

Sua participação é totalmente voluntária e você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão. Será utilizada, como forma de registro, gravação de vídeo e áudio exclusivamente para fins acadêmicos, não sendo permitida a divulgação da sua imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e pesquisa explicitados acima. Não será gerado qualquer tipo de despesa aos participantes.

Caso decida participar poderá optar por ter o seu sobrenome registrado nas referências e citações presentes no texto em que constem trechos de seu depoimento, ou pelo sigilo, por meio do uso apenas da função que ocupa na escola.-

Os resultados da pesquisa serão divulgados pela monografia da pesquisadora no repositório institucional da Universidade de Brasília em meio virtual, na Biblioteca Central da UnB e na secretaria da Faculdade de Ciência da Informação em meio impresso ou em contato com a pesquisadora. Para qualquer dúvida em relação à

pesquisa, por favor, telefone para: Caroline Lago (6174011375) ou enviar e-mail para lorac.laguna@gmail.com.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante. Aceitando tais condições, desde já agradeço a participação nesta pesquisa.

Pesquisadora: Caroline Lago de Carvalho

Voluntário: Jm Soares

Forma de participação: () Sigilosa () Explícita

Observações: _____

pesquisa, por favor, telefone para: Caroline Lago (6174011375) ou enviar e-mail para lorac.laguna@gmail.com.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante. Aceitando tais condições, desde já agradeço a participação nesta pesquisa.

Pesquisadora: Caroline Lago de Carvalho

Voluntário: Luana Lima da Costa

Forma de participação: () Sigilosa () Explícita

Observações: _____

pesquisa, por favor, telefone para: Caroline Lago (6174011375) ou enviar e-mail para lorac.laguna@gmail.com.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante. Aceitando tais condições, desde já agradeço a participação nesta pesquisa.

Pesquisadora: Caroline Lago de Carvalho

Voluntário: Paulo Macedo

Forma de participação: () Sigilosa (X) Explícita

Observações: _____

pesquisa, por favor, telefone para: Caroline Lago (6174011375) ou enviar e-mail para lorac.laguna@gmail.com.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante. Aceitando tais condições, desde já agradeço a participação nesta pesquisa.

Pesquisadora: Caroline Lago de Carvalho

Voluntário: Maym Miydyani Medeiros

Forma de participação: () Sigilosa (X) Explícita

Observações: _____

pesquisa, por favor, telefone para: Caroline Lago (6174011375) ou enviar e-mail para lorac.laguna@gmail.com.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante. Aceitando tais condições, desde já agradeço a participação nesta pesquisa.

Pesquisadora: Caroline Lago de Carvalho

Voluntário: Juliana Maria das Graças

Forma de participação: () Sigilosa (X) Explícita

Observações: _____

